

# ROBERT HELLING

40 anos no interior do Brasil:  
Aventuras de um engenheiro ferroviário



Robert Helling foi um imigrante alemão que viveu por cerca de quarenta anos na região sul do Brasil. Tendo chegado ao país no final do século XIX, trabalhou principalmente em funções relacionadas à construção e operação de Estradas de Ferro nos estados de Santa Catarina e Paraná. Ao retornar a sua pátria, Helling registrou suas memórias na obra “40 Jahre im Innern von Brasilien; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling”, aqui vertida para o português sob o título “40 anos no interior do Brasil: aventuras de um engenheiro ferroviário”. Trazemos aqui, de forma inédita, a tradução para o português da obra completa de Robert Helling. O livro foi traduzido por uma equipe de alunos do bacharelado em tradução/alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação e supervisão da professora Dra. Erica Foerthmann Schultz, e foi objeto de um projeto de pesquisa desenvolvido junto a Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela professora Dra. Márcia Janete Espig. A atual publicação encontra-se dividida em duas partes. A primeira faz uma reflexão sobre o processo de tradução e adiciona notas históricas e biográficas sobre o autor, e foi escrita pelas professoras Erica Foerthmann Schultz (UFRGS) e Márcia Janete Espig (UFPeI). A segunda parte consta da obra integral de Robert Helling, traduzida do alemão para o português. Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) pelo financiamento que viabilizou essa publicação.



**40 anos no interior do Brasil**  
Aventuras de um engenheiro ferroviário



# **40 anos no interior do Brasil**

Aventuras de um engenheiro ferroviário

**Robert Helling**

Tradução

**Filipe Neckel**

**Jonas Stocker**

**Lara Frischenbruder Kengeriski**

**Thiago Benitez**

Supervisão

**Erica Foerthmann Schultz**

Revisão histórica

**Márcia Janete Espig**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Lucas Margoni

**Fotografia de capa:** Trem carregado de toras enfrenta enchente do Rio Negro, em Três Barras (SC)  
Claro Jansson/Acervo Dorothy Jansson Moretti

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

HELLING, Robert

40 anos no interior do Brasil: aventuras de um engenheiro ferroviário [recurso eletrônico] / Robert Helling [Tradução de Filipe Neckel; Jonas Stocker; Lara Frischenbruder Kengeriski; Thiago Benitez; Erica Foerthmann Schultz] -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

135 p.

ISBN - 978-65-5917-111-8

DOI - 10.22350/9786559171118

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Robert Helling, 2. Memórias, 3. Imigração, 4. Ferrovias, 5. Guerra do Contestado; I. Título.

CDD: 900

---

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

# SUMÁRIO

Prefácio dos tradutores e revisores.....	9
--	---

## Parte I

<b>Robert Helling, um fascinante personagem.....</b>	<b>13</b>
Erica Foerthmann Schultz	
Márcia Janete Espig	

## Parte II

### 40 anos no interior do Brasil: Aventuras de um engenheiro ferroviário

Prefácio.....	31
1. Rumo ao Brasil.....	32
2. Os botocudos .....	45
3. Maquinistas na velha ferrovia.....	53
4. Nossos Espanhóis.....	59
5. Os Fanáticos.....	66
6. Fanáticos em São João .....	78
7. Cavalgada Perigosa.....	86
8. O Banho de Assento.....	90
9. Quadros de uma revolução .....	96
10. Um tiro no coração.....	99
11. Pagamento com contratempos .....	104
12. Nosso amigo Thaty.....	114
13. Perigosa viagem de trem.....	120
14. Senhor Manducca.....	124
15. Os cumprimentos no Brasil.....	127
16. Russos .....	131



## **Prefácio dos tradutores e revisores**

Para manter o caráter de estranheza vivido por Robert Helling em seu novo ambiente, o Brasil, optou-se por preservar os erros de ortografia de português existentes no texto. Quando tal aconteceu, as palavras mal grafadas foram transcritas em itálico.

Todas as notas possuem caráter explicativo e foram formuladas pelos tradutores ou pelos revisores. Nenhuma pertence ao texto original de Robert Helling. As notas estão assinaladas com a sigla NdT (Nota dos Tradutores) ou NdH (Nota Histórica).

As fotografias foram adicionadas de forma ilustrativa, não fazem parte do texto original.

Para melhor compreensão da obra, dividimos em duas partes. A primeira faz uma reflexão sobre o processo de tradução e adiciona notas históricas e biográficas sobre o autor. A segunda parte consta da obra integral de Robert Helling traduzida do alemão para o português.

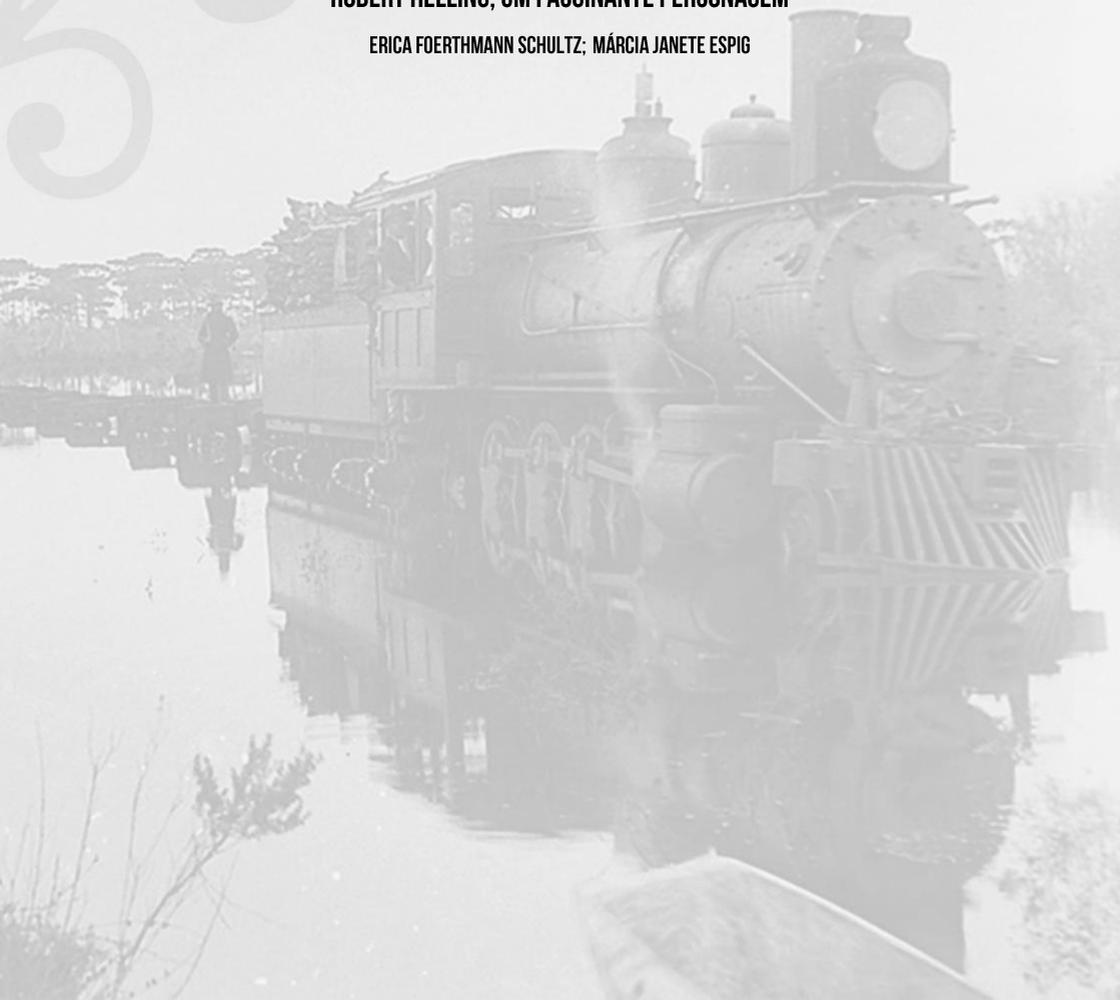
Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) pelo financiamento que viabilizou essa publicação.



## PARTE I

**ROBERT HELLING, UM FASCINANTE PERSONAGEM**

**ERICA FOERTHMANN SCHULTZ; MÁRCIA JANETE ESPIG**





## Robert Helling, um fascinante personagem

*Erica Foerthmann Schultz*<sup>1</sup>

*Márcia Janete Espig*<sup>2</sup>

Robert Helling foi um imigrante alemão que viveu por cerca de quarenta anos na região sul do Brasil. Tendo chegado ao país no final do século XIX, trabalhou principalmente em funções relacionadas à construção e operação de Estradas de Ferro nos estados de Santa Catarina e Paraná. Helling deixou suas memórias registradas na presente obra, “40 Jahre im Innern von Brasilien; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling”.

Por muitos anos a historiografia nacional permaneceu alheia a este importante texto, em parte pela dificuldade de leitura em língua alemã, em parte pela dificuldade de localização da obra, rara em terras brasileiras. Em 2002, o autor Edilberto Trevisan realizou a publicação de três de seus capítulos na obra “Visitantes estrangeiros no Paraná”.<sup>3</sup> Contudo, a íntegra da obra permanecia inédita até este momento. Sua importância como documento histórico, memorialístico e sociológico justifica sua tradução completa.

Parte da tradução foi realizada durante o segundo semestre de 2005 por uma equipe de alunos do curso de alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Outras partes foram

---

<sup>1</sup> Possui mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Presentemente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com atuação no Setor de Alemão. Tem experiência na área de Linguística e Letras, com ênfase em Tradução e Literatura Anglo-Americana.

<sup>2</sup> Possui mestrado (1998) e doutorado (2008) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou pós-doutoramento junto à Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Pelotas, atuando no Departamento de História e no Programa de Pós Graduação em História desta Universidade. Especializou-se em estudos sobre o Movimento do Contestado.

<sup>3</sup> TREVISAN, Edilberto. **Visitantes estrangeiros no Paraná**. 2a ed. Curitiba: Torre de Papel, 2002.

posteriormente sendo traduzidas, sempre sob a supervisão da professora Dra. Erica Foerthmann Schultz. A equipe de tradução foi composta por Filipe Neckel, Jonas Stocker, Lara Frischenbruder Kengeriski e Thiago Benitez.

A leitura da obra revela o autor, Robert Helling, como um personagem fascinante. Dono de personalidade enérgica e de posições firmes, imprime seu estilo peculiar às preciosas narrativas com que presenteia seus leitores. Algumas observações sobre o processo de tradução são importantes.

### Considerações sobre o processo de tradução

Era a costa do Brasil. De toda a América do Sul, os alemães só tem noção de dois países: a Argentina com seu trigo e suas ovelhas e o Brasil com o café e os diamantes. Todos pensam: onde há tanta riqueza, um pouco vai sobrar para mim e meus filhos podermos viver. E sem precisar pagar impostos, sem necessidade de carvão, livre da eterna tutela das autoridades alemãs, como deve ser bom viver por lá, além disso, a enorme fertilidade do solo virgem!<sup>4</sup>

Discorrer sobre a *tradução* de um livro de memórias para um público mais amplo não é tarefa fácil, uma vez que resulta em selecionar aspectos do processo tradutório que possam ser de interesse dos leitores. A escolha de uma citação *traduzida* do livro foi proposital, por entender-se que a tradução não é uma produção secundária, um mal necessário decorrente do fato que dificilmente podemos conhecer as milhares de línguas existentes no mundo. Um livro traduzido não é mera cópia de um original mais valioso, mas assume uma identidade própria em que convergem a voz do autor, o ponto de vista dos leitores da língua de partida na época em que foi escrito e na atualidade, o viés inevitável do tradutor e sua voz, bem como o ponto de vista dos leitores na língua de chegada; no caso em questão, dos leitores brasileiros do século XXI. A citação acima ilustra os

---

<sup>4</sup> HELLING, Robert. **40 Jahre im Innern von Brasilien**; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 11. As citações extraídas da obra de Helling, mesmo quando traduzidas, farão referência a sua versão original em alemão.

diversos olhares sobre um texto escrito por um alemão rememorando o então já distante ano de 1887, a visão idealizada dos imigrantes alemães sobre um país desconhecido e o olhar crítico que nós brasileiros lançamos a semelhantes descrições.

As memórias de Helling não têm um caráter épico, não enaltecem heróis que desbravaram uma terra incógnita. São antes uma fonte de entretenimento, com elementos de livros de aventuras que fazem lembrar obras de literatura infanto-juvenil. Pode-se observar a ironia com que Helling descreve nossas paragens e tipos humanos da época. Há facetas que podem escapar ao leitor brasileiro e são de difícil transmissão em um texto traduzido. Citemos como exemplo a frase constante na página 16 da obra alemã: “Era no belo mês de maio, mas este mês de encantos é, no planalto do sul do Brasil, um frio dos diabos.” *Der wunderschöne Monat Mai*, mês da primavera no continente europeu, é referência frequente na poesia do Romantismo alemão e a alusão a um poema de Heine é habilmente rompida com seu complemento *verdammt kalt* (um frio dos diabos). Referências literárias são comuns no texto e sua remissão nem sempre é acessível ao leitor de língua portuguesa, menos familiarizado com a literatura alemã: “Eu involuntariamente precisei me lembrar do poema sobre o ‘Mergulhador’ de Schiller quando vi estes valentes cavaleiros e escudeiros parados em volta sem coragem de entrar no abismo.”<sup>5</sup> Resta aos tradutores o recurso à nota explicativa no rodapé.

Em certos trechos, Helling busca reproduzir variações linguísticas da língua alemã, ou seja, os chamados “dialetos”. No primeiro capítulo, são observados momentos de tentativa de transcrição da fala berlinense e da fala da região de Holstein, no norte da Alemanha. Em dialeto berlinense encontramos:

1. Dreckwasser und hinten een bisschen Jejend – p.11
2. Na, Helling, biste de ooch hier? – p. 11

---

<sup>5</sup> HELLING, Robert. **40 Jahre im Innern von Brasilien**; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 51.

Na fala dos marinheiros, provavelmente em *Plattdeutsch* ou baixo-alemão, observa-se:

3. Dunnerkiel, gif's em, Georg, ran an den Kirl – p. 9
4. I bin doch a nit ersuffe! – p. 12
5. Der Kaptän bin i, und wenn I ko Woassa hob, kunn I ooch nit fahre; mir hobn doch Ebbe, schaut doch mal ins Woassa! – p. 12  
Em dialeto de Holstein, também do norte da Alemanha, registra-se a frase:
6. Gotts Dunner, gift dat veel Mücken! – p. 12.

Aos tradutores coube a tradução em português padrão sem marca dialetal, ou, como já constava no texto de partida, com referência à maneira de falar de um personagem “meu nome foi chamado *no mais perfeito dialeto de Berlim* (grifo nosso).

1. “Água suja e atrás um pouco de terra”
2. “Ah, Helling, você também está aqui?”
3. “Magricela, vai pra cima dele, Georg!”
4. “Eu também nunca me afoguei!”
5. “O capitão sou eu e sem água eu não posso seguir; nós temos maré baixa, olhem para a água!”
6. “Meu Deus, quanto mosquito!”

Existe na obra um grande número de vocábulos em língua portuguesa grafados erroneamente. Os tradutores optaram por preservar os erros de ortografia de português existentes no texto, para manter o caráter de estranheza e transcreveram as palavras erradas em itálico. Assim, a saudação “Bom dia” é constantemente grafada “*Bon* dia”, fala-se de um “*Rio dos Mortes*”, dos rios *Timó* e *Pixe* (p. 30), passa-se a noite em *campamentos* (p.32), caçam-se *peredizes* e *cadornas* (p.10).

O processo tradutório, pois, movimenta-se entre mundos distintos e busca aproximá-los, com o cuidado de não sobrecarregar os receptores com excesso de informação ou de sonegar dados importantes. Há um relato de autor, com todas as imperfeições contidas na sua memória; há leitores alemães da primeira metade do século XX aos quais se destinava o texto e leitores alemães do século XXI, que provavelmente lançam um olhar mais crítico ao etnocentrismo de Helling. Há os tradutores para a

língua portuguesa, com sua visão de brasileiros que recebem, não sem espanto, a descrição de um Brasil distinto do de hoje, com referência a locais, objetos, hábitos e costumes que não conhecem mais. Responder a semelhante desafio foi a tarefa imposta aos tradutores-aprendizes de Robert Helling.

## A vida de Robert Helling

Embora o personagem Helling se mostre muito interessante, sabemos relativamente pouco sobre sua vida pessoal e familiar. Apesar de seus relatos possuírem aspectos memorialísticos, mesmo após a leitura persistem curiosidades sobre o imigrante alemão. Segue abaixo um breve quadro do que nos foi possível levantar sobre sua existência, a partir de seu livro e de outras fontes documentais localizadas.

Robert Helling emigrou para o Brasil em 1887, juntamente com seu irmão Georg. Cada qual trazia consigo mil marcos em ouro para eventuais compras de terra. O Vapor “Campinas”, comandado pelo Capitão A. Birch, saíra do porto de Hamburgo em 19/04/1887, tendo atracado em São Francisco em 16/05/1887. Na listagem de passageiros verificamos que Robert contava então com 24 anos, tendo, portanto, nascido em 1863.<sup>6</sup> Seu irmão tinha 22 anos. Ambos viajaram de 3ª classe, tendo Robert se declarado operário de Berlim e Georg, lavrador. Ambos eram solteiros, protestantes e rumavam para São Bento.<sup>7</sup> A origem berlinense de Robert confirma-se em sua narrativa, quando comenta encontro com seu amigo Karl (com quem havia frequentado a escola) em que este o aborda “no mais perfeito dialeto de Berlim”.

---

<sup>6</sup> Através do site Family Search, foi possível localizar um Robert Helling nascido em 20 de agosto de 1863 em Seehausen (Altmark), na Alemanha. Filho de Siegfried Friedrich Alexander Helling e Marie Hedwig Helling, foi batizado em 27 de setembro de 1863. Muito provavelmente esse seja nosso personagem. Disponível em <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QP61-214J> Acessado em 13/11/2020.

<sup>7</sup> LISTA DE IMIGRANTES CHEGADOS NO VAPOR CAMPINAS EM 16/05/1887. Disponível em <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Listas-de-imigrantes-de-Joinville-de-1851-a-1891-e-de-1897-a-1902.pdf> Acessado em 13/11/2020.

Voluntariosos, aventureiros, corajosos, os irmãos Helling apresentam-se como desbravadores curiosos e, por vezes, atônitos frente a uma natureza tão distinta da europeia e frente a costumes tão diversos de si próprios. As memórias de Robert trazem poucos dados sobre sua vida pregressa na Alemanha. Sabe-se, porém, que os irmãos Helling serviram por um ano no Exército, Batalhão de Engenharia, experiência que certamente facultou a Robert melhores condições de trabalho na construção e operação de ferrovias, atividades que viria a desenvolver intensamente e que iriam marcar profundamente sua vivência em nosso país.

A primeira parte da narrativa de Helling, intitulada “Rumo ao Brasil”, descreve a viagem ao Brasil de forma crítica, irônica e divertida. Viagem longa, tediosa e cansativa, chama a atenção dos imigrantes pelo calor, vegetação e insetos, sobretudo mosquitos, que os atacam no trecho entre o porto de São Francisco e o de Joinville. Ali chegando, foram localizados no alojamento de imigrantes. No dia seguinte, partiram em uma carroça rumo a São Bento, interessados em aprender a língua local e o ofício agrícola. Após uma experiência malograda como carpinteiros, os irmãos adquiriram terra, a fim de trabalhar como lavradores. Esta atividade também não foi bem sucedida:

[...] compramos um pedaço de terra de um quilômetro quadrado fora da área da colônia por um preço horrendo naquele tempo de 1000 marcos, e sobre a qual tentamos transplantar os nossos métodos agrícolas europeus, até compreendermos, que em um país ainda não inteiramente civilizado, o melhor seria fazer como os nativos.<sup>8</sup>

Esta passagem encerra o primeiro e mais extenso capítulo da obra de Helling. A partir daí, as memórias se tornam mais esparsas e temáticas. Seu irmão desaparece da narrativa, que passa a concentrar-se nas experiências de Robert ou em relatos de terceiros. Percebe-se, sobretudo, a intenção de relatar episódios curiosos ou atípicos, sob uma ótica europeia.

---

<sup>8</sup> HELLING, Robert. **40 Jahre im Innern von Brasilien**; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 17.

Assim, os próximos quinze capítulos tratam de temáticas como os conflitos entre os imigrantes e os indígenas nas colônias; a construção ou serviços oferecidos pelas ferrovias, sob o foco de análise de seus personagens (maquinistas, trabalhadores ou empreiteiros); episódios curiosos de sua construção ou operação; as características geográficas, climáticas ou naturais da região Sul do Brasil; hábitos ou costumes dos moradores locais; além de eventos históricos, como a Revolta Federalista e o Movimento do Contestado. Sobre esse último episódio, objeto de três capítulos da obra, destaca-se que Robert Helling esteve próximo quando dos ataques rebeldes às estações de São João e Calmon e à serraria da Lumber (setembro de 1914).

A partir do segundo capítulo, a narrativa de Helling afasta-se decididamente de uma incursão meramente autobiográfica. Ao tratar de episódios curiosos ou considerados interessantes, ele nem sempre os localiza temporalmente e não esclarece aspectos importantes de sua biografia, tais como o nome da ferrovia em que trabalhou durante a maior parte de sua estadia no Brasil, que sabemos ser a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG). Sequer alcançamos detalhes sobre sua família ou filhos. Sobre este aspecto, fica a informação trazida pela dedicatória de sua obra: "Dedicado a minha querida cunhada Emma Helling, nascida Malchow." Alguns dos episódios ou processos narrados não foram vivenciados por Helling, mas são claramente narrativas de outros indivíduos das quais se apropria em seu desejo de apresentar aspectos interessantes de sua estadia no Brasil. Além dos acontecimentos vivenciados pessoalmente, o autor incorpora eventos vividos "por tabela", ou seja, aqueles vividos pelo grupo ou coletividade que acredita pertencer.<sup>9</sup>

Ainda em 1887, encontramos Robert Helling, supostamente sem a companhia de seu irmão, pois não o menciona, em algum local não identificado do estado do Paraná ou Santa Catarina, realizando a tarefa de uma "grande medição" e tendo sob sua direção os filhos de vários colonos

---

<sup>9</sup> POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

alemães. Fica a dúvida sobre o caráter da atividade: seria um trabalho de medição relacionado a alguma ferrovia ou uma medição de terrenos para a agricultura? Em qualquer caso, percebe-se Helling desempenhando tarefas de comando e de direção, que parecem afins com a personalidade que desenha através das páginas de sua obra. Embora não tenhamos detalhes de suas experiências pessoais e profissionais nos anos que se seguem a 1887, sabemos, através de suas memórias, que Helling trabalhou como mestre de obras na construção da ferrovia que ia de Serrinha a Restinga Seca. Este ramal da Estrada de Ferro Paranaguá - Curitiba (Paraná) foi inaugurado em novembro de 1892. É possível, portanto, que Helling tenha iniciado os trabalhos em tarefas de ferrovias por volta de 1890 ou mesmo antes.

Uma curiosidade sobre Helling refere-se ao seu lado inventor, e demonstra que o alemão de fato se encontrava firmemente inserido na região em que vivia. Em 1902, Robert patenteou um secador de erva mate, um dos principais produtos naturais da região: “[patente] n. 3.573 [...] a Robert Helling, brasileiro (sic), engenheiro, domiciliado em Ponta Grossa, Estado do Paraná, para sua invenção de Seccador de herva matte em folhas, com gavetões móveis, denominado – Seccador Helling”.<sup>10</sup>

Em 1894 Helling era chefe de seção do trecho em operação da EFSPRG, possivelmente morando em Ponta Grossa, local que demarcava a divisão desse caminho de ferro em Linha Norte e Linha Sul. A posição assumida por Helling era de certa importância, o que provavelmente significa que ele fez carreira na ferrovia durante anos. Embora não possuísse formação em engenharia, a prática e a experiência poderiam representar qualificação suficiente, visto que seu cargo era, via de regra, desempenhado por engenheiros formados. Sobre isso refletiu um de seus comandados: “Não tinha título universitário, mas os conhecimentos profissionais trazidos da pátria e ampliados por aplicação intensiva na vida

---

<sup>10</sup> Diário Oficial da União, 22/05/1902.

ferroviária, credenciaram-no como grande técnico em estrada de ferro”.<sup>11</sup> Talvez por este motivo Helling seja frequentemente mencionado como “engenheiro” em diferentes documentos.

Sobre seus estudos na pátria mãe, nosso personagem afirma que

[...] quando estudei na Alemanha, aprendi que se utilizavam mapas militares e em casa se faz o esboço do traçado da linha férrea, para só então ir para o campo propriamente dito. Contudo, quando eu fiquei à beira de uma verdadeira floresta virgem, todas as minhas expectativas foram por água abaixo. Além disso, aqui não havia mapas militares, nem mesmo mapas convencionais. Pois o que havia sob esse nome era três quartos de mera fantasia.<sup>12</sup>

O trabalho em ferrovias marcou decisivamente a vida de Helling no Brasil. Em 1901 foi nomeado superintendente das linhas em tráfego da EFSPRG, tarefa complexa e de imensa responsabilidade. Sobre tal nomeação, Ewaldo Krüger, ferroviário paranaense que registrou suas memórias no livro “Vencendo Rampas”, menciona que vários engenheiros brasileiros declinaram o convite para esta função. Mas Helling teria sido

[...] “the right man in the right place”! A Companhia não poderia ter sido mais afortunada na escolha deste funcionario, pois que, sobre ser um homem correctissimo, tinha o dom pouco vulgar de manter entre os seus subordinados uma rigorosa disciplina e de se adaptar com facilidade ás condições do momento. Emfim, era o chefe exigido pelas circunstancias.<sup>13</sup>

Adaptar-se às circunstâncias era, com certeza, uma das qualidades de Helling, assim como tomar decisões rápidas e gostar de aventuras. Tais atributos ficam evidentes no transcorrer de sua narrativa, em episódios como o conflito da direção da EFSPRG com o Dr. Saldanha (empreiteiro geral da construção da Linha Sul em 1908), em que cerca de dois mil

---

<sup>11</sup> FREIRE APUD TREVISAN, Edilberto. **Visitantes estrangeiros no Paraná**. 2a ed. Curitiba: Torre de Papel, 2002. p. 280.

<sup>12</sup> HELLING, Robert. **40 Jahre im Innern von Brasilien**; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 49.

<sup>13</sup> KRUGER, Ewaldo. **Vencendo rampas...** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937. p. 38.

trabalhadores encontravam-se “amotinados”, segundo os periódicos da época.<sup>14</sup>

De acordo com Helling, Saldanha havia celebrado com o engenheiro norte-americano Ryant (então diretor geral da construção) um contrato prejudicial à empresa, pois esse executivo pouco conhecia o português e confiara na redação do brasileiro. Como solução, o norte americano preparava um golpe sobre os direitos contratuais do empreiteiro. Ryant enviou ao encontro de Saldanha o chefe da construção, Dr. Álvaro Martins. A missão de Martins era informar a Saldanha que esse não prosseguiria no trabalho e dizer aos operários que passariam a receber seu salário diretamente da Companhia. Tudo isso feria o contrato assinado. Para precaver-se contra Saldanha, Martins partiu com uma expedição de nove pessoas, incluindo o secretário de Ryant, o tesoureiro da Companhia, e Helling, especialmente convidado por sua experiência com os “perigos da construção”. Aí se revela o caráter aventureiro do alemão: “Eu refleti. O trabalho na empresa estava tão entediante, enquanto lá no mato poderia ser muito mais interessante. Então decidi ir junto”.<sup>15</sup>

Este episódio foi cercado de grande tensão e perigo, pois Saldanha, astuciosamente, não foi ao encontro do grupo na estação, forçando-os a entrar no mato com os 200 contos de réis destinados ao pagamento. Uma vez em seus domínios, o grupo viu-se em apuros. O encontro foi tenso, e Saldanha soube manipular os operários que aguardavam seus pagamentos atrasados. Em todo o episódio, Helling retrata-se como uma figura astuciosa, mais esperto que seus companheiros de jornada, que não teriam compreendido as dificuldades e perigos dessa tarefa. De acordo com sua narrativa, ele próprio teria sugerido que se escondesse certa quantia do dinheiro, 80 contos de réis, em meio a algumas roupas sujas. Neste caso teriam sido repassados a Saldanha apenas 120 contos, e a Companhia teria ganhado um pouco mais sobre o empreiteiro. Porém não existem meios

---

<sup>14</sup> Jornal Diário da Tarde, Curitiba, 07/08/1908.

<sup>15</sup> HELLING, Robert. *40 Jahre im Innern von Brasilien*; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 58.

para comprovar se este detalhe ocorreu exatamente dessa forma ou se se trata de um relato destinado a apresentar um Helling sagaz e heroico.<sup>16</sup> O que se sabe com relativa segurança é que o valor levado ao mato de fato era de 200 contos de réis, quantia muito expressiva.

Outra situação particularmente tensa vivida por Helling foi o episódio dos ataques rebeldes às estações Calmon e São João (pertencentes à EFSPRG) e à serraria da Lumber, durante a Guerra do Contestado.<sup>17</sup> Este acontecimento marcou o momento de maior expansão e violência do movimento, constituindo-se em verdadeiro trauma na memória dos remanescentes. A grande comoção popular provocada pelos ataques deveu-se não apenas à destruição das estações em questão, mas também ao assassinato de grande volume de moradores locais e à morte do Capitão Matos Costa, que chefiava as ínfimas forças militares presentes na região. Esse assassinato, associado aos terríveis ataques dos rebeldes contra Estações da Estrada de Ferro e à serraria Lumber, amplificou a reação por parte da União, apressando o início da Expedição Militar do General Setembrino de Carvalho. Bastante volumosa é a documentação primária que trata dos ataques às estações de Calmon e São João. Dentre esta documentação, está a narrativa de Helling, que proporciona interessante representação sobre o episódio.

Em 5 de setembro de 1914, aproximadamente às 14 horas, os rebeldes atacaram Calmon, incendiaram a estação, as casas, a madeireira e todo o depósito de madeiras da *Lumber Company*. Adotaram a prática de

---

<sup>16</sup> HELLING, Robert. **40 Jahre im Innern von Brasilien**; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 63.

<sup>17</sup> O Movimento do Contestado (1912-1916) foi um movimento social de grandes proporções que ocorreu na região disputada pelos estados de Paraná e Santa Catarina, avançando ainda sobre territórios catarinenses. Mobilizou um grande volume de rebeldes e boa parte das forças militares nacionais. A expulsão de posseiros de terras lindeiras à ferrovia São Paulo - Rio Grande, a partir de 1910, foi um dos fatores de tensionamento social na região. Os ataques rebeldes às estações da ferrovia e os danos causados a mesma se configuravam como medida de vingança frente à série de desmandos ocorridos no transcorrer do processo de estruturação da propriedade privada capitalista na região. Sobre o assunto existe vasta bibliografia. Vide, por exemplo, QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social** (a guerra sertaneja do Contestado - 1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974; MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Ed. da Unicamp, 2004; ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado**: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1915). Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

extermínio dos homens remanescentes, poupando apenas mulheres e crianças. Os mantimentos foram saqueados, e uma parte dos sobreviventes não resistiu à fome. São João foi atacada na madrugada ou pela manhã do dia 06 de setembro de 1914. O ataque a São João teria sido ainda mais cruel que a investida sobre Calmon. Chefiado por Venuto Baiano, não deixou nem um só homem vivo.

Infelizmente para os leitores de Helling, o diretor da Ferrovia não permitiu que ele acompanhasse o trem militar que seguiu para as estações atacadas. Seu comentário manifesta novamente a germanidade: “Isso era 1914 e nossos ânimos estavam tão instigados pelos feitos dos nossos irmãos heróis da Alemanha na longínqua Europa que também gostaríamos de empreender algo arriscado para manifestar nossa coragem alemã [...]”.<sup>18</sup> Contudo, seu colega, o engenheiro Gräml,<sup>19</sup> obteve autorização para acompanhar o trem militar, e o relato subsequente do alemão possivelmente foi baseado em seus comentários. A narrativa, detalhada ao extremo, menciona o ataque à força militar e ao trem. Tal episódio gerou um Inquérito Policial Militar que acabou por isentar a Companhia EFSPRG de qualquer responsabilidade, visto que o maquinista recuou o trem em momento crítico, deixando desguarnecida a força que fazia o reconhecimento do terreno.<sup>20</sup> Nesse momento, ocorreu a morte do Capitão Matos Costa e de alguns soldados.

Os ataques rebeldes são objeto de dois capítulos do livro de Helling, que ainda dedica mais um capítulo à análise do “fanatismo” e da religiosidade popular que lhe deu origem. Estas passagens habilitam a obra de Helling a ser considerada uma importante fonte documental para o estudo do Movimento do Contestado, embora ainda fracamente explorado pela historiografia.

---

<sup>18</sup> HELLING, Robert. **40 Jahre im Innern von Brasilien**; Erlebnisse eines Eisenbahningenieurs, von Robert Helling. Berlin, Pyramidenverlag, Dr. Schwarz & Co., [1931]. p. 41.

<sup>19</sup> Graçado “Graeml” no Inquérito Policial Militar. Mantivemos aqui a grafia conforme Helling.

<sup>20</sup> INQUÉRITO POLICIAL MILITAR referente ao esclarecimento da morte do Major João Teixeira Mattos Costa. União da Victoria, anno de 1914.

Durante a Guerra, competiram muitas vezes a Helling as tratativas com o Exército. Sua presença no episódio do ataque às estações, que ocorreu em setembro de 1914, e os telegramas trocados com o General Setembrino de Carvalho durante o conflito, permitem afirmar que Helling permaneceu na região conflagrada, sendo, mais uma vez, “the right man in the right place”. Embora os diretores da Companhia exercessem inquestionável pressão sobre o Governo Federal e sobre o Exército, no sentido de proporcionar proteção às estações e à ferrovia, cabia a Helling, devido à proximidade e ao seu conhecimento prático, negociações e informações diretas ao alto comando militar na região. Atesta-o uma série de telegramas trocados por Helling com o comandante geral das forças em operação, o General Setembrino de Carvalho.<sup>21</sup>

A chegada da Expedição Setembrino à região proporcionou proteção à ferrovia e suas estações. O General implementou um plano tático que previa o “estrangulamento” do movimento a partir de quatro colunas, Norte, Sul, Leste e Oeste. A esta última cabia a proteção do leito da EFSPRG, restabelecendo seu tráfego e guarnecendo as estações. Em 1915, a Expedição Setembrino encerrou-se, com o esmagamento do reduto de Santa Maria, último grande núcleo de resistência dos rebeldes. Em 1916 permaneceu na região uma força militar, bem mais modesta, a cargo do Capitão Vieira da Rosa.

Neste mesmo ano, Robert Helling assumiu importante cargo na Estrada de Ferro Tereza Cristina, que pertencia então à Companhia EFSPRG. Assim descreve o escritor Walter Zumblick:

Foi designado para a direção de nossa via férrea em plena Grande Guerra, ou seja, em 1916. Veio da “São Paulo-Rio Grande” onde desfrutou sempre do mais

---

<sup>21</sup> Esta documentação pode ser localizada nos arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), no Rio de Janeiro. TELEGRAMA HELLING AO GENERAL SETEMBRINO DE CARVALHO. Porto União da Vitória, 06/04/1915. TELEGRAMA R. HELLING AO GENERAL SETEMBRINO DE CARVALHO. Porto União da Vitória, 08/04/1915. TELEGRAMA R. HELLING AO GENERAL SETEMBRINO DE CARVALHO. Porto União da Vitória, 09/04/1915.

invejável prestígio. Trouxe, ao lado da fama de competente e justo, a alcunha de “Barba de Bode”, graças ao cavanhaque alourado que usava.<sup>22</sup>

Seria a promoção um “prêmio” ao funcionário que se mostrara fiel à Companhia, mesmo nos mais difíceis momentos? É possível. Porém, ao que indica Zumblick, a transferência para Tubarão, onde ficavam os escritórios da Estrada de Ferro Tereza Cristina, não foi tão tranquila quanto se poderia esperar.

Por ser de nacionalidade alemã, foi vítima, nesta cidade, por várias vezes, de ofensas e hostilidades públicas partidas de determinados elementos locais. [...] Conseguiu, face ao clima de insegurança física em que vivia, permissão para transferir os escritórios desta Estrada para a cidade de Laguna, que o acolheu com fidalguia.<sup>23</sup>

Tais episódios não se encontram narrados nas memórias de Helling.

Robert Helling permaneceu na direção da Estrada de Ferro Tereza Cristina até 28/02/1918.<sup>24</sup> Nos anos 1920 voltamos a encontrá-lo em Ponta Grossa, ocupando cargo de chefia.<sup>25</sup> Desconhecemos a data em que Helling retornou a sua pátria, mas supomos que o tenha feito, pois em 1931 publicou sua obra em Berlim. Segundo Trevisan, que não aponta a origem da informação, teria falecido em 1947, alcançando 84 anos. Em 1955, uma Estação Ferroviária da antiga linha Itararé – Uruguai recebeu o nome de Robert Helling em sua homenagem.<sup>26</sup>

Rigorouso, severo, justo, ponderado, aventureiro, corajoso, voluntarioso... tais são as representações sobre Helling trazidas por aqueles que o conheceram ou por sua própria narrativa. Segundo Freire, que foi seu subalterno em Ponta Grossa na década de 1920,

---

<sup>22</sup> ZUMBLICK, Walter. "Teresa Cristina": a ferrovia do carvão. Ed. da UFSC, 1987. p. 96.

<sup>23</sup> ZUMBLICK, Walter. "Teresa Cristina": a ferrovia do carvão. Ed. da UFSC, 1987. p. 96/97.

<sup>24</sup> ZUMBLICK, Walter. "Teresa Cristina": a ferrovia do carvão. Ed. da UFSC, 1987. p. 97.

<sup>25</sup> FREIRE APUD TREVISAN, Edilberto. **Visitantes estrangeiros no Paraná**. 2a ed. Curitiba: Torre de Papel, 2002. p. 279.

<sup>26</sup> Localizada no município de Rio Azul, no Paraná, hoje se acha desativada. Conferir em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/robhelling.htm>. Acessado em 13/11/2020.

Minha impressão do chefe não foi lisonjeira. Era alemão, de cavanhaque, fisionomia severa e trato seco, tipicamente prussiano. Entretanto, o tempo e o convívio funcional me fizeram ver a realidade. Muito humano e compreensivo, sua administração era pautada por alto espírito de equidade e justiça, a lembrar o velho refrão: quem vê cara não vê coração.<sup>27</sup>

De personalidade forte e enérgica, nosso personagem produziu importante fonte primária sobre relevantes processos e episódios históricos, que o leitor agora tem em mãos. É com grande felicidade que entregamos a presente tradução completa das memórias de Robert Helling, desejando a todos os interessados uma excelente leitura.

---

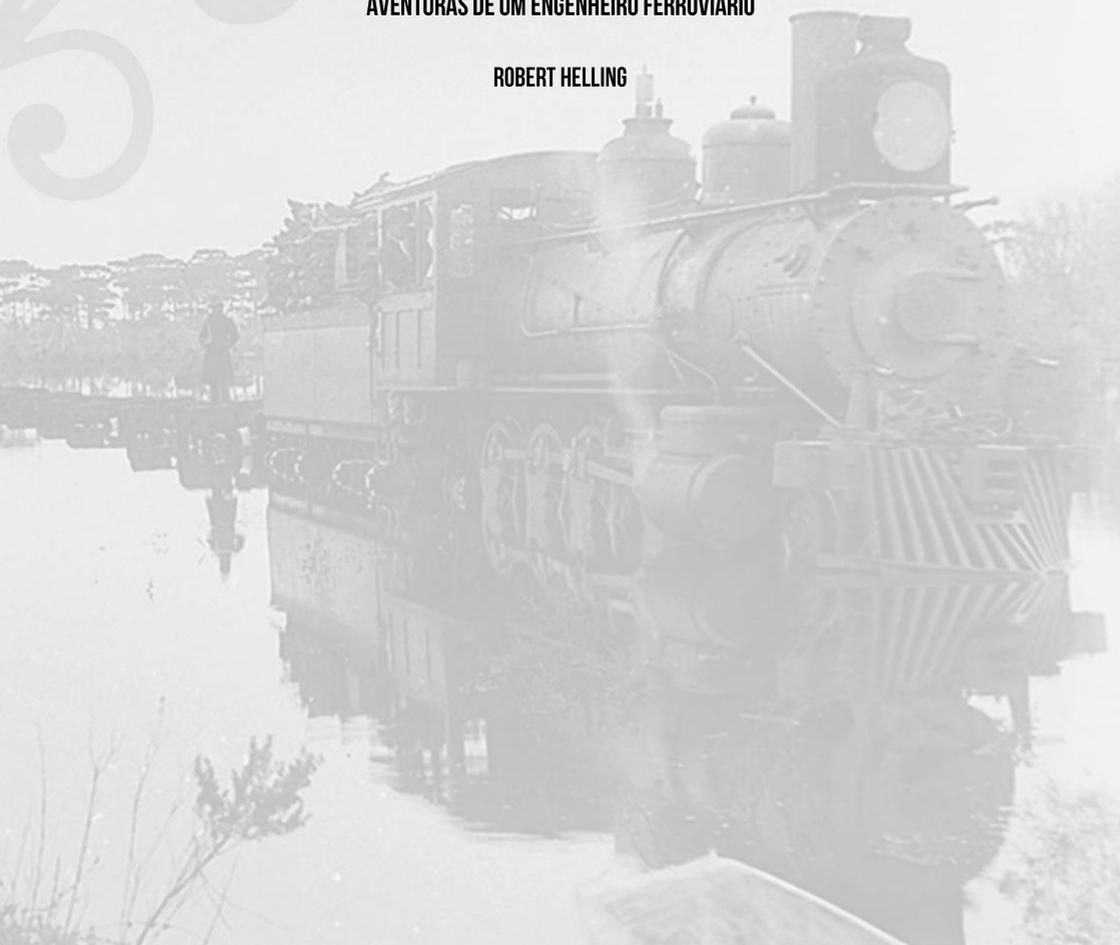
<sup>27</sup> FREIRE APUD TREVISAN, Edilberto. **Visitantes estrangeiros no Paraná**. 2a ed. Curitiba: Torre de Papel, 2002. p. 279/280.



## **PARTE II**

### **40 ANOS NO INTERIOR DO BRASIL: AVENTURAS DE UM ENGENHEIRO FERROVIÁRIO**

**ROBERT HELLING**





## Prefácio

As opiniões correntes que predominam sobre países distantes raramente correspondem à verdade, e somente descrições de vivências reais dão uma visão que se aproxima das circunstâncias de fato. Mesmo que estas também sejam incompletas, ainda possuem o fascínio do real que cativa, sobretudo, a juventude.

De todos os países, o Brasil provavelmente é aquele descrito com frequência, mas que permanece pouco conhecido, apesar de ser de grande interesse para nós alemães no futuro, pois este gigantesco país, dezessete vezes maior do que a Alemanha e com apenas 37 milhões de habitantes, ainda pode oferecer uma nova pátria a milhões de imigrantes alemães, especialmente em seus estados mais ao sul, que possuem o clima da Itália.

Do Brasil é conhecida sua riqueza em café, diamantes e borracha, há informações sobre as poucas cidades grandes, mas do interior do país, seu povo e suas visões de trabalho e vida social, não se sabe muito na Alemanha.

Oxalá estas descrições de vivências reais contribuam para aprofundar os conhecimentos deste país do futuro entre os imigrantes e a juventude alemã.

O Autor

## Rumo ao Brasil

Foi no ano de 1887. A lata velha, o “Campinas”, sofria com suas máquinas gastas através das ondas azuis do oceano, e nós nos entediávamos. Na entrecoberta era ainda mais interessante do que no camarote, mas o que podíamos fazer? Não dava para se dedicar o tempo todo a jogos de salão, o Batismo do Equador já havia sido feito, e assim o tédio do camarote propagou-se pela em geral tão alegre entrecoberta. De repente meu irmão Georg me perguntou: “Diga, Bob, não colocamos as luvas de boxe na mala?” Eu respondi positivamente. “Então vamos dar aulas de boxe para o pessoal aqui; vá pegar as coisas!” Dito e feito. As luvas foram encontradas e foi dado um chamado a quem quisesse participar de uma aula de boxe.

Havia em torno de oito alemães e quatro portugueses. O interesse geral foi despertado; e quando a turma do boxe se apresentou, logo se reuniu um círculo de espectadores, os passageiros do camarote também estavam parados, apinhados no parapeito de seu convés superior. As primeiras horas passaram tranquilas, foram treinados somente os assaltos; os golpes e ganchos foram desferidos contra o ar e efetuadas as defesas contra ataques imaginários. No entanto, isso se modificou quando as luvas foram calçadas e os golpes, ao invés de ar, pousaram sobre peitos e narizes. Os alunos faziam caras muito admiradas quando tal golpe acertava em cheio e o júbilo dos espectadores crescia na mesma medida que o divertimento dos participantes diminuía. Depois de alguns dias havia somente quatro participantes, e apesar disso meu irmão e eu realizávamos belas lutas para animar o interesse, mas tivemos pouco sucesso com isso. Por fim, além de nós dois, havia somente um português. O espanto foi geral

quando este, de repente, desafiou meu irmão para uma luta. Nós também não éramos lutadores de boxe profissionais e o rapazinho afirmou que nós não entendíamos absolutamente nada. Em Portugal se luta de uma forma bem diferente. Rindo, meu irmão aceitou o desafio. O interesse foi reanimado, e mesmo os marinheiros, na maioria jovens rudes de Hamburgo, reuniram-se em torno do círculo, enquanto os oficiais e passageiros dos camarotes olhavam de cima do seu convés superior. Meu irmão estava em posição de defesa enquanto o português, um pequeno e ágil rapaz, aproximou-se dele, mas sem propriamente atacar, e sim dava pulos em volta dele como uma bola de borracha. Era espantosa a agilidade que o homenzinho desenvolveu; ora direita, ora esquerda, ora avante, ora para trás dançava esta coisa saltitante em volta de meu irmão, e quando este avançava adiante, o rapaz já havia saltado para o lado, desferia alguns golpes fracos e já estava novamente no próximo canto. “Magricela, vai pra cima dele, Georg!” gritaram os marinheiros. Então meu irmão levantou-se, simulou um ataque à direita e acompanhou o salto do rapazinho para a esquerda e com um longo golpe ele acertou o nariz do rapaz com tanta força que logo o sangue jorrou. Ele caiu de costas, mas rapidamente pôs-se em pé e queria limpar o rosto e, sem pensar nas luvas firmemente afiveladas, esfregou o sangue por toda a cara e então saltou gritando com as mãos e o rosto cheios de sangue entre os espectadores, que horrorizados se dispersaram. Estava acabada a aula de boxe.

Novamente o tédio voltou a ser excessivo. Os suecos que estavam a bordo afirmaram que os seus miolos já estavam torrando. A família dinamarquesa dava menos estalos com os seus engraçados tamanquinhos de madeira pelo convés; o alemão de poucas palavras, que por doze anos havia lutado como soldado holandês contra os nativos da Indonésia, agora abria a boca com mais frequência, pois o terrível calor parecia fazer-lhe bem. Ele me contou que, em seu tempo de Amsterdã, recrutas holandeses haviam adicionado algum narcótico em sua bebida e só foi acordar quando se encontrava a bordo de um navio de transporte holandês a caminho de Java. Depois contou espantosas histórias dos degoladores de lá, finalmente

foi bem sucedido com o auxílio de um marinheiro alemão ao entrar sorrateiramente em um navio veleiro, onde ficou escondido dos marinheiros em um dos barris d'água que estava pela metade. Nesse agradável banho que chegava até os seus quadris, ele permaneceu por dois dias e duas noites, enquanto os soldados holandeses revistavam todos os navios que se encontravam no porto. No segundo dia o navio partiu e só então ele se apresentou. O capitão praguejou quando soube das circunstâncias, pois se o homem houvesse sido encontrado em seu navio, ele teria tido todo tipo de aborrecimentos com as autoridades holandesas. Seguiu então como marinheiro no navio para Hamburgo, e encontrava-se agora a caminho do Brasil. Quando ele viu o arsenal de armas que os emigrantes carregavam, riu com menosprezo e me mostrou secretamente sua bengala, a qual ele disparafusou a cabeça e a ponta; a parte do meio era oca e formava uma zarabatana. Em uma caixinha, guardava espinhos bastante singulares, equipados com pincel e uma garrafa com veneno javanês. “O mais terrível predador morre dentro de um minuto, quando é atingido por uma seta embebida no veneno”, me informa ele, “e no momento que a seta penetra na pele, o animal não sente mais quase nenhuma dor, pois a ponta é aguda como uma agulha e o caçador pode esperar tranquilamente até que o veneno faça efeito”.

De repente, certa tarde, um de nossos marinheiros gritou: “Terra!” Esse grito teve o efeito de um choque elétrico sobre os passageiros e a tripulação. Principalmente os passageiros corriam gritando para lá e para cá, gritando e perguntando sem parar onde se podia ver terra. Quem tinha um binóculo apressou-se em pegá-lo; e então centenas de olhos armados e desarmados fitavam a terra de seu desejo, de sua expectativa, e ah!, talvez de tantas decepções. Uma fina linha azulada e ondulada distinguiu-se só um pouco do horizonte, tanto que foi tomada como nuvens por muitos. No entanto, o marinheiro que antes havia dado o grito, tinha olhos aguçados, e foi se tornando cada vez mais certo que era terra, pois os contornos se tornaram mais nítidos e ao tom azulado misturou-se agora um delicado verde.

Era a costa do Brasil. De toda a América do Sul, os alemães só tem noção de dois países: a Argentina com seu trigo e suas ovelhas e o Brasil com o café e os diamantes. Todos pensam: onde há tanta riqueza, um pouco vai sobrar para eu e meus filhos podermos viver. E sem precisar pagar impostos, sem necessidade de carvão, livre da eterna tutela das autoridades alemãs, como deve ser bom viver por lá, além disso, a enorme fertilidade do solo virgem! Mas como sempre: onde há muita luz, há também muita sombra. A riqueza do Brasil, na maior parte, ainda é inexplorada, e os capitais para tanto precisam vir da América do Norte e Europa. O colono precisa pagar muito pouco ou quase nada de impostos, mas indiretamente ele paga talvez mais do que na Alemanha, pois os artigos de consumo são muito caros; ele não precisa de carvão, mas em compensação sofre com o calor; é livre da tutela das autoridades alemãs, mas em compensação não desfruta de benefícios como auxílio saúde, seguro desemprego, etc... Sobre o solo fértil certamente cresce tudo muito bem, mas também a erva daninha, e é preciso um trabalho fatigante para arrancá-la. Poucos passageiros tinham noção desses inconvenientes enquanto agora, de hora em hora, dia após dia, a terra se aproximava, ora mais próxima, ora mais distante. O navio raras vezes navegava sem ter uma visão da costa e quando se via as palmeiras sobre as brandas colinas acenarem com suas delicadas e gigantescas folhas, parecia como uma saudação do país mágico. Os mapas foram estudados fervorosamente, pois o nosso navio não atracou em parte alguma, além do seu destino São Francisco. Já havíamos deslizado pela cálida Bahia, pela maravilha do Rio de Janeiro, pelo porto cafeeiro de Santos e finalmente estávamos em São Francisco. O vapor ficou um pouco para fora, pois seu calado não permitiu atracar no baluarte. Decepção geral, pois já haviam forjado planos de tudo o que nós íamos fazer no passeio em terra. Um berlinense parou ao meu lado e cuspiu a bordo. “Água suja e atrás um pouco de terra”, opinou ele desdenhosamente. Eu me apoiei na balaustrada, olhei de cima para a balbúrdia de barcos que circundavam o navio e meus pensamentos vaguearam de volta à casa paterna e ao futuro distante, que subitamente

estava tão próximo de nós, e um sentimento incômodo crescia em mim, por não conhecer aqui viva alma, quando, de repente, de um dos barcos lá embaixo meu nome foi chamado no mais perfeito dialeto de Berlim: “Ah, Helling, você também está aqui?” Eu olhei para baixo e lá estava meu amigo Karl atirado em um dos botes, o mesmo amigo com o qual eu ia à escola. Como este mundo é pequeno! Karl havia emigrado dois anos antes de mim, eu só não sabia para onde.

Durante a noite nós ficamos ainda a bordo; no dia seguinte por volta do meio dia íamos embarcar em um pitoresco vapor que nos levaria a Joinville. O vapor estava superlotado e um dos emigrantes perguntou ao timoneiro, se não havia nenhum bote salva-vidas, pois navegávamos pela grande baía como se estivéssemos em mar aberto, e somente ao longe se viam algumas ilhotas. Mas o timoneiro riu ironicamente e respondeu em belo dialeto: “Eu também nunca me afoguei!” O calor era sufocante e o vaporzinho pôs-se em movimento, mas não tinha pressa, e a passo de lesma fomos adiante. Os passageiros nativos que se encontravam a bordo foram bombardeados com perguntas e, já que a maioria falava alemão, as mais inacreditáveis façanhas foram contadas e acolhidas pelos novatos em parte com pavor, em parte com escárnio. Mas sob uma temperatura de trinta e cinco graus, por fim, a mais fantástica lorota deixa de ser interessante.

Da baía aberta entramos lentamente em um canal cada vez mais estreito, e finalmente parecia-se com um rio, cujas margens, entretanto, nós não podíamos ver, pois árvores e taquaras formavam uma parede verde. “Meu Deus, quanto mosquito!”, reclamou um sério alemão de Holstein, e realmente, quanto mais nós penetrávamos no crepúsculo verde do rio, mais demônios alados apareciam zumbindo em volta de nossas cabeças. Um homem da tripulação nos informou que esses adoráveis bichinhos não seriam os perigosos mosquitos, mas sim pernilongos, e por enquanto seriam só os *Pernas Longas*, mas em frente nos tornaríamos conhecidos dos mosquitos *pólvore* quando o vapor ficasse parado no rio. Surgiu um tumulto geral. “Nós devemos ficar aqui nesta geringonça a noite inteira e

nos deixar ser sugados por esses pernilongos?” “Onde está o capitão deste poderoso vapor?” “Nós vamos reclamar ao Cônsul!” Assim ecoaram as reclamações. O timoneiro riu ironicamente e retrucou tranquilo: “O capitão sou eu e sem água eu não posso seguir; nós temos maré baixa, olhem para a água!” Todas as cabeças viraram e olhamos para a água como o timoneiro havia nos aconselhado e vimos um caldo espesso amarelo-sujo arrastando-se em torno do barco, o qual a cada quarto de hora se tornava menor. Logo apitou a lastimável sirene do vaporzinho, o timoneiro torceu furiosamente sua roda e o pequeno barco escorregou sobre o lodo macio para mais perto da margem e ficou balançando tranquilamente para lá e para cá e, por fim, parou levemente inclinado à bombordo. Tudo virou confusão. A tripulação desapareceu por uma porta e nós fitamos a noite dos trópicos, onde centenas de vaga-lumes moviam-se no ar. O alemão que havia lutado em Java desenrolou seu cobertor, deitou-se, enrolou-se com sua capa e enrolou na cabeça uma grande toalha, cuja ponta ele puxou sobre o rosto. Cutuquei meu irmão e apontei para o homem. “Vem, vamos fazer como ele!” eu disse baixo e então nós preparamos nossa cama da mesma forma. Mas por enquanto não podíamos ainda dormir; pois em primeiro lugar fomos apresentados aos mosquitos *pólvore*; e segundo, a floresta toda estava tomada dos mais variados sons. Havia um ininterrupto som de assovios, estrídulos, coaxos, e então de novo como quando um martelo cai sobre um barril, involuntariamente se pensava quais animais produziriam todos aqueles sons. Nós também havíamos tentado dormir com uma toalha sobre o rosto, mas como não estávamos habituados a isso, logo a retirávamos e, pouco depois, percebia-se que sobre o rosto havia inúmeros bichinhos; e assim começou uma coceira tal que as mãos tentavam afugentá-los e acabavam sendo picadas também. Uma das pessoas levantou-se suspirando para ir para baixo no assim chamado camarote, mas voltou rapidamente, porque, em primeiro, lugar o pequeno quarto estava cheio de mulheres e crianças, e em segundo, estava terrivelmente abafado lá dentro, tanto que preferiu oferecer seu corpo um pouco mais como comida de mosquito.

Finalmente se pôde dormir um pouco; pelo menos nós constatamos que havíamos despertado, já que o vapor começou novamente a balançar para lá e para cá. Sim, já era dia. Nós olhamos uns para os outros. “Você tem sarampo, cara!” gritou alguém. “E você tem catapora!”, retrucou prontamente o interlocutor. Nós estávamos muito bonitos! Pareceu que, como estrangeiros, havíamos sido um verdadeiro petisco para os mosquitos. O vaporzinho pôs-se em movimento e logo estávamos em Joinville, onde fomos acomodados no alojamento de imigrantes.

Um prédio como esse é muito interessante. Pense em um enorme celeiro, na parede à direita um catre, à esquerda a mesma coisa e está feita a descrição. Então se desenvolveu uma vida agitada sobre esses enormes catres de madeira rudimentares, divididos somente por um corredor no meio, para que as criancinhas também pudessem cair. Nós ficamos aqui alguns dias para esperar nossa bagagem, caminhamos de dia livremente sob as palmeiras e comemos tantas laranjas e bananas quanto podíamos aguentar, e também o que não podíamos; mas prefiro não falar das conseqüências.

A maravilhosa natureza extasia o europeu do norte. Mangueiras, magníficas orquídeas, palmeiras cica, coqueiros, o gigantesco aceno dos bambus, papagaios em pequenos poleiros em frente das portas, urubus nos telhados nas proximidades de um açougue – tudo é estranho, tudo é esquisito. Com olhos brilhantes olha-se em volta, observa-se as pessoas e o olhar se prendia nas crianças que pulavam de pés descalços. Mas qual era a aparência delas? Todas pálido-amareladas, muitas inchadas. Assustados, nos dirigimos a um nativo. “Qual é a causa disso?” – “É o clima” respondeu este serenamente, “e muitas crianças têm também ‘*Mal de Terra*’ (verminose); em cima no planalto é melhor”. Nós não queremos ficar aqui e vamos para o planalto, e voltamos um pouco desiludidos para o nosso alojamento de imigrantes.

Choveu, não como na Europa, mas sim como se tivesse caído um temporal e uma atmosfera quente e úmida invadiu o prédio, tanto que fui vivamente lembrado da impressão que sempre tive quando metia o nariz

na lavanderia de minha mãe. Estiquei-me no catre; era noite e sonhei. Um animal gigante lutava comigo, ele me puxava para baixo d'água, presas pontiagudas agarravam meu rosto, uma garra prendia-se em minha boca. Acordei com um grito, cuspi algo, depois agarrei, aí ele fugiu, eu o segurei. Meu irmão despertou com o meu grito, assustado acendeu a luz, eu cuspi continuamente e sem dizer nada segurei para ele algo rastejante, que minha mão continuava segurando e ele exclamou: “Uma *baratta!*” “Anda capturando baratas de noite?” Eu joguei a coisa fora; era um monstro de no mínimo quatro centímetros, um elefante comparado às nossas baratas conterrâneas e este bicho monstruoso havia entrado na minha boca enquanto eu dormia. Sabe Deus o que procurava lá!

Na manhã seguinte, ansiosamente prosseguimos viagem. Nós havíamos alugado uma grande carroça com um certo senhor Blum e colocamos em cima toda a nossa bagagem que era de certa monta. Tal carroça era atrelada com oito cavalos, mas segundo nossos conceitos alemães eram apenas pequenos cavaleiros, por mais que o cocheiro os elogiasse como grandes. Nosso companheiro de viagem, o senhor Blum, tinha consigo sua esposa e dois belos pastores alemães e já havia estado no Brasil. Conhecia tudo por lá e se tomava por conhecedor. A viagem continuava em frente por 40 km em uma estrada plana, então no segundo dia começou a subida da serra. As curvas serpenteavam por mata em cima de mata e um olho de pintor não se fartaria de ver todos os maravilhosos tons de verde desta magnífica vegetação. As palmeiras entremeadas pareciam-se com nobres donzelas entre o povo vulgar, grandes árvores com flores vermelho-púrpuras do tamanho de uma mão, flores brancas das trepadeiras, flores amarelo-vivas do Ipê contrastavam com o mar verde. No segundo dia nós acampamos pelo meio-dia em uma fonte e o cocheiro lentamente desatrelou seus oito cavalos, todos guarnecidos com guizos, e os deixou correr pela mata; a conversa naturalmente girou em torno de cavalos e cães, no que Blum elogiava ambos os cachorros. Finalmente o cocheiro disse que achava que Blum só se gabava, ele deveria dizer aos seus cachorros para ir no mato e buscar os cavalos.

“Aposta quanto?”

“Uma dúzia de cervejas.”

“Feito!”

Os cachorros pareciam ter entendido a conversa e fitavam impacientes o seu dono. Este se levantou e chamou o cachorro grande, pressionou-o com o focinho sobre o rastro fresco dos cavalos e disse com autoridade: “Procura e traz!” Os cachorros voaram dali. Incrédulo, o cocheiro riu, mas logo um trote de cavalos e sons estridentes dos guizos que os cavalos tinham no pescoço o advertiram de que algo estava em andamento e logo depois os cavalos se aproximaram rapidamente seguidos pelos cachorros. Assim que um dos cavalos quis parar, recebeu uma mordida no garrão, e num instante o cachorro saltou para o lado para esquivar-se do consequente coice. Não haviam passado dez minutos quando todos os cavalos estavam em posição, estreitamente cercados pelos dois cachorros. Blum os chamou e obedientes se puseram aos seus pés, mas o cocheiro, com um gesto negativo da cabeça, examinou seus cavalos que em parte sangravam nos garrões. Mas a aposta ele tinha perdido.

No segundo dia chegamos a São Bento.<sup>1</sup> Nós havíamos dito na frente do cocheiro que queríamos ajudar em qualquer trabalho, para que pudéssemos ter uma ideia geral de tudo, principalmente no que diz respeito à agricultura.

“Sim, se é isso que vocês querem, então podem começar comigo. Quero dizer, só em troca de comida, pois mais do que isso vocês ainda não valem”.

Pareceu-nos bem, e, portanto ficamos assim provisoriamente. Com os nervos à flor da pele foi-se ao trabalho no dia seguinte. Foi aberta uma picada com foice e facão. Que saco, mas que trabalho infame era aquele no emaranhado de cipós com capoeira, e além do mais, que calor! Mas nós resistimos corajosamente, apesar de nossas mãos logo se cobrirem de bolhas. Mas o que era pior era a comida! Era simplesmente terrível, e

---

<sup>1</sup> Vila de São Bento, hoje São Bento do Sul, região que atraía a colonização alemã. Fica no Norte do Estado de Santa Catarina e na época fazia parte da região contestada entre os estados de Paraná e Santa Catarina. (NdH)

somente um vegetariano inveterado poderia tê-la apreciado. Pelas manhãs café; sim, eles realmente chamavam aquele estrume de café, mas havia somente um caldo de batata-doce que era picada crua em cubos e então assada no forno. Além disso, havia um pão de centeio viscoso, cuja terça parte era constituída de batata-doce e que ficava preso nos dentes. Ao meio-dia havia de novo batata-doce, mas desta vez cozida com a casca. E que incrivelmente prática era essa refeição para a dona de casa; pois os pratos não ficavam sujos. As batatas vinham para a mesa na grande panela de cozinhar, a panela era entornada, cada um esticava sua faca e apanhava uma daquelas coisas parecidas com um longo rabo de rato, tirava a pele, molhava em um pouco de sal e mordida. Antes desse manjar dos deuses havia uma sopa de centeio cinza e com gosto desagradavelmente azedo. À tarde nós ganhávamos de novo o assim chamado café com o pão de centeio viscoso e à noite novamente batata-doce com sopa de centeio. Eu gostaria de recomendar esse tratamento a todos que sofrem de prisão de ventre; pois conosco ele se manifestou de tal forma que no quinto dia meu irmão me disse que se sentia como um ovo vazado. Nós devíamos parar enquanto ainda restava algo em nosso interior. Portanto, nós dissemos adeus ao cocheiro e nos alojamos provisoriamente em um hotel em Oxford.

O que não leva o nome de hotel nesse mundo. Era uma casa de madeira, os quartos pequenas divisões com uma cama de madeira rústica com colchão de palha e um banquinho; mas a comida era simplesmente magnífica para nós, comedores de batata-doce. Havia carne de verdade, feijão preto e farinha de mandioca e até mesmo um pouquinho de manteiga para passar no pão, que não ficava colado na parede quando se fazia bolinhas e jogava. Por dois dias nossa ocupação não foi outra além de comer e passear; para de novo poder comer. Então o sentimento do dever despertou novamente e procuramos trabalho. Nós tínhamos recebido cartas de recomendação do Cônsul em Joinville para um comerciante, Senhor Schlemm, a quem expusemos nossa situação e dissemos que nos interessava principalmente um trabalho no qual pudéssemos aprender na prática a língua portuguesa. “Aqui se encontra um carpinteiro que frequentemente

sai da região da colônia, onde naturalmente só é falado português e vocês podem aprender a língua com facilidade”. Nós fomos, portanto, ao carpinteiro. Era um homem de Holstein; ele falou com muito desprezo dos alemães da Boêmia, esses comedores de batata-doce, tanto que com relação a isso ficamos tranquilos; então veio a pergunta de quantos anos nós havíamos trabalhado como carpinteiros etc. Nós rimos e dissemos sem hesitar que não éramos carpinteiros, mas havíamos servido por um ano com o batalhão de engenharia e por isso não éramos de todo sem prática. Ele havia estado na mesma arma e agora descontraíu em um agradável bate-papo do sempre belo tempo em que servimos no exército, a esposa trouxe café com pão e manteiga, e nessa altura foi discutida a pergunta principal: quanto ele pagaria. Uma visível frieza soprou através da sala quando falamos do salário. “Hum”, opinou ele, “eu havia propriamente pensado que vocês, como aprendizes, ainda iriam pagar alguma coisa”. Nós protestamos energicamente contra esse desaforo, pois já tínhamos nos informado que, no livre Brasil, seria considerado indigno; e por fim, uma coisa leva à outra e chegamos a um acordo de um salário mensal de treze mil réis por homem mais alojamento. Para nós era indiferente se ganhássemos mil réis a mais ou a menos, pois cada um de nós trouxe sobre o peito nu um saquinho de couro com mil marcos em ouro para eventuais compras de terras. Mas queríamos passar por tudo e nos mudamos de nosso hotel de luxo novamente e fomos ao carpinteiro.

Era no belo mês de maio, mas este mês de encantos é, no planalto do sul do Brasil, um frio dos diabos. Na manhã seguinte fomos despertados ainda na escuridão, levantamos, tomamos café e marchamos meia hora, de modo que estávamos no canteiro de obras ao nascer do sol. Uma geada miúda e cintilante cobria a grama, árvores e as vigas já preparadas. Deviam ser abertos buracos que o carpinteiro já havia traçado para nós nas vigas. Então sentamos sobre as tábuas e batemos como loucos com os formões para nos aquecer.

Depois de meia hora, eu quis levantar para começar outro buraco, mas não pude, pois a minha calça estava presa na viga; eu estava

congelado. Soa estúpido, mas era verdade, no calor do Brasil eu estava congelado. Com o calor do meu corpo eu havia derretido a geada, e a umidade foi congelada novamente, ainda que somente na borda, onde minhas nádegas terminavam. Com algum trabalho eu me soltei, e assim continuei o serviço. Os dias passavam um após o outro naquele trabalho ininterrupto, ficávamos sempre somente dentro da área da colônia, mas queríamos aprender a língua da terra. Mas sempre que falávamos sobre isso com nosso mestre, ele sempre tinha desculpas e quando em um belo dia novamente havia assumido uma construção na colônia eu disse a ele que queríamos ir embora e que gostaria que ele pagasse nosso salário. Então ele fez uma cara feia; observou que nós não tínhamos trabalhado tanto como ele havia pensado, e por isso poderia nos pagar somente oito mil réis por cabeça ao invés dos treze combinados. Enfureci-me com tamanho descaramento e quis me revoltar, mas meu irmão levou a coisa para o lado da brincadeira, começou a rir e disse: “Passa esse ouro pra cá!” O carpinteiro estava completamente perplexo com o nosso comportamento. Como eu agora também acompanhei a gargalhada, ele foi para o seu quarto, remexeu por lá um bom bocado e finalmente voltou para nos comunicar, dando de ombros, que ele não tinha dinheiro; mas nós podíamos pegar tábuas dele e vender. Mas agora aquilo foi o cúmulo do atrevimento, e eu berrei a valer com ele, mas meu irmão riu de novo e disse que tinha outro plano. É que nós estávamos mais ou menos decididos a cavalgar para a Província do Rio Grande do Sul, assim, todas as nossas caixas precisavam ser refeitas, e de modo a adquirirem o tamanho ideal para poderem ser penduradas nas albardas das mulas; e agora o mestre devia pagar o nosso salário com o próprio trabalho. Este olhou fundo em nossos olhos e a princípio não disse nada; em todo caso ele pesou os prós e os contras desse nefasto plano que pelo menos salvaria sua honra; mas finalmente venceu a “Crítica da Razão Pura”, da necessidade urgente da completa carência de dinheiro vivo, e ele concordou.

Então nós ainda ficamos um pouco mais com ele. Mas da viagem ao Rio Grande do Sul nada aconteceu, compramos um pedaço de terra de um

quilômetro quadrado fora da área da colônia por um preço horrendo naquele tempo de 1000 marcos, e sobre a qual tentamos transplantar os nossos métodos agrícolas europeus, até compreendermos, que em um país ainda não inteiramente civilizado, o melhor seria fazer como os nativos.

## Os botocudos

Os colonos de Santa Catarina, um dos estados do sul do Brasil, costumavam diferenciar os autóctones (índios) em apenas mansos e bravos. Os mansos - aos quais pertenciam os *Coreados*<sup>2</sup> e os guaranis, entre outros - eram seres pequenos, sujos, preguiçosos e traiçoeiros, que esparsamente povoavam a serra do interior do sul do Brasil e dos quais muito pouco se falava ou se ouvia; o que era bem distinto dos bravos bugres da tribo dos Botocudos. Havia destes talvez alguns milhares pela região serrana entre os estados de Santa Catarina e Paraná, alguns estimavam apenas algumas centenas. Mas falavam e contavam mais histórias destes poucos do que de seus muitos milhares de irmãos tribais. Os *Coreados* que vi eram tão pequenos, que bem raro alcançariam a altura mínima para o exército alemão, enquanto entre os Botocudos havia homens de 1,90m de altura e 60 cm de largura de costas.

Os Botocudos derivaram seu nome do botoque, um pequeno pedaço de madeira, com formato de T onde repousa um pedaço transversal na boca, enquanto o pedaço maior sobressai trespessado pelo lábio inferior e serve para imitar os vários sons de animais em diferentes conformações. Enquanto os *Coreados* estavam completamente degenerados pelo contato com a cultura, os Botocudos permaneciam tão selvagens quanto a onça-pintada em sua floresta, apesar das esporádicas tentativas de civilização do governo. Não deverá estar muito longe o momento em que o último Botocudo se deitará na terra fresca, pois já que eles só vivem de caça e

---

<sup>2</sup> O autor aqui se refere aos índios Coroados, denominação que muitas vezes abrange a etnia Kaingang. (NdH)

pesca e são privados cada vez mais de suas terras, eles se extinguirão aos poucos. Culturalmente, os Botocudos estão em um nível muito baixo, mas como caçadores são inigualáveis. Ele segue um rastro tão seguro quanto um cão de caça, vê como um falcão, fareja a fumaça de um charuto a centenas de metros, monta armadilhas com muita habilidade, armando armadilhas de lobo para apanhar animais e pessoas.

Essas armadilhas de lobo, chamadas forjas, ele faz hoje para talvez utilizar daqui a um ano, quando for perseguido; ele trabalha, por assim dizer, com previsão. Usualmente, cava uma grande cova de 1,5m de diâmetro por 3m de profundidade, que pode ser aprofundada, e assim que o corpo cai, morre espetado nas estacas endurecidas pelo fogo, as quais apontam do fundo para cima da cova. Essa cova principal encontra-se no meio do caminho, enquanto em ambos os lados há pequenas covas com as já descritas pontiagudas estacas em formato de tabuleiro de xadrez. Uma cobertura de taquaras é colocada sobre os buracos, folhas são espalhadas e cada pista é disfarçada. A natureza faz o restante, ao espalhar folhas secas no decorrer de semanas e meses, de modo que não se suspeita mais do perigo à espreita.

Se os Botocudos saqueassem os colonos e se sentissem perseguidos, iam com predileção por esses caminhos meio esburacados sobre as forjas, pelos quais avançavam com tanta maestria, que o perseguidor não suspeitava de nada. Mas se o homem à frente do perseguidor caísse na cova principal, então ele gritava involuntariamente, de modo que os sucessores, que sempre precisavam marchar um atrás do outro, se assustavam e pulavam para o lado, para caírem em outra cova. Logo, os buracos eram feitos com extrema astúcia e testemunhavam um cálculo muito preciso e uma inacreditável artilosidade.

No ano de 1887, fui fazer uma grande medição de terras distante de todos os locais habitados por humanos. Dentre meus funcionários, encontravam-se filhos de diversos colonos alemães. Naturalmente, não havia serviços regulares de correio, e apenas recebíamos notícias do resto do mundo quando um mensageiro era enviado por algum motivo ou quando

mantimentos eram enviados de longe por animais de carga. Dessa forma, o filho de um colono recebeu uma carta e, muito ansioso, correu até a barraca para abri-la. Dali a pouco percebemos um terrível grito, como um uivo selvagem, como se viesse de um animal selvagem nas proximidades, de modo que todos escutaram assustados. Visto o som parecia vir da barraca, mandei um homem até lá e deixei que espiasse o que ocorria. Mas este voltou imediatamente branco de pavor e pediu que eu fosse rápido ver com meus próprios olhos o que havia acontecido.

O espetáculo que presenciei era sinistro. Franz estava deitado sobre o chão, o rosto virado para o solo e as mãos tensamente agarradas ao chão, onde ele gemia como um gato selvagem, em seguida gritou de modo selvagem: “Todos estão mortos, todos estão mortos!”. Ajudamos o infeliz a se levantar tão bem como podíamos, mas ele só foi capaz de esclarecer o motivo de seu lamento horas depois: os Botocudos atacaram a colônia de seu pai, assassinaram seu pai, sua mãe e seus quatro irmãos, mataram o gado e roubaram ou destruíram os poucos bens que não valiam a pena carregar.

Já que nosso trabalhourgia, não pude me demorar com o pobre rapaz, então deixei seu melhor amigo com ele, o qual à noite me contou sobre Franz e seu destino. Este ficou se lamentando e se queixando durante horas, até que de repente ficou muito calmo e não deu mais nenhuma resposta, totalmente ensimesmado. Então, também fui até ele e o encontrei em um estado totalmente letárgico, no qual ele não participou e parecia estar ausente de espírito. Na manhã seguinte, ele veio até mim e me pediu seu pagamento, visto que precisaria ir embora para cumprir um dever. Em resposta a minha pergunta sobre o que ele pretendia fazer, primeiro encontrei apenas um olhar estranhamente rígido e pasmo de seus olhos; mas então veio de seus lábios uma confissão, como que extorquida de uma força sinistra, que ele daqui em diante precisaria vingar os mortos. Isso soou tão natural e evidente, que não achei nada de estranho nisso. Mas receava que o jovem rapaz pudesse com isso cometer uma imprudência, que a primeira calamidade fosse seguida de uma outra, e o questionei

sobre como ele pensava em realizar seu plano. Sua resposta foi do mesmo modo surpreendente e tranquilizante para mim; ele queria se juntar imediatamente aos “bugreiros” (caçadores de bugres) e junto a eles realizar a vingança. Com isso, seus olhos se iluminaram com algo estranhamente demoníaco, que eu até então não tinha observado no jovem bondoso e sereno e me subjugou de tal maneira, que não arrisquei mais nenhuma objeção e o deixei seguir seu caminho.

Os citados caçadores de bugres foram criados nessas regiões fronteiriças da civilização para casos de necessidade. Em geral, eram brasileiros que também já tinham sofrido um ataque surpresa dos bugres. Eles eram caçadores que conheciam a fundo todos os mistérios e pavores da selva e por fim isto se tornou um esporte para os caçadores de gente. Eles eram de uma crueldade e desumanidade que não ficava atrás dos pobres índios. É verdade que o governo condenava essas caçadas indignas aos seres humanos, mas como ele mesmo não era capaz manter os selvagens sob controle, se contentava apenas em fazer protestos por escrito.

Três meses se passaram sem que tivéssemos notícias de Franz. Então, um dia ele apareceu e pediu um emprego, o que lhe foi concedido imediatamente de volta. Mas como se transformou esse homem! Ele estava dez anos mais velho; estava esquelético, dava a impressão de ser uma múmia viva; seu corpo era cheio de cortes e pústulas e seu olhar antes tão ingênuo se tornou inconstante. Ele não falava com quase ninguém, fazia sua obrigação conscienciosamente e respondia a cada pergunta de forma rude e mal-humorada, assim que tive a impressão de que ele mesmo não estava satisfeito com sua vingança. Mas não dirigi a ele nenhuma pergunta, na pressuposição de que seria mais inteligente deixar em paz alguém com estado de espírito tão perturbado e que o desabafo de sua alma aconteceria à medida que ele se restabelecesse.

E a última hipótese se concretizou mais rápido do que eu pensava. Visto que Franz era um dos mais hábeis desbravadores de floresta e possuía um sentido de orientação fortemente desenvolvido, tratei de levá-lo comigo na maioria das vezes em que precisava sondar o terreno. Durante

uma dessas incursões um aguaceiro nos surpreendeu e visto que estes, de acordo com a experiência, não duram tanto tempo, caminhamos procurando por abrigo sob um penhasco inclinado. Foi então que ele começou a falar de si mesmo sem motivo algum. O acontecimento natural teria dado o impulso externo para esse desabafo. Ele explicou que teria a irresistível necessidade de finalmente desabafar, ainda mais sabendo que no meu caso não era curiosidade, mas sim compaixão. E então ele começou:

“Quando naquela altura fugi de vocês, eu estava como em um sonho confuso. Eu quase não tinha consciência do que fazia. Primeiramente fui até minha casa. Porém, a casa paterna não estava mais lá, apenas restos carbonizados e frios deixaram rastros de onde se encontrava. Os vizinhos, que moravam a alguns quilômetros, vieram me consolar ao saber da notícia de minha chegada. Contudo, eu não estava inteiramente acessível a consolo e apenas me informei quando e como aconteceu o horror e o que havia sido feito até então para perseguir os autores de tanta crueldade. Era muito mais do que eu havia esperado. Eles se abalaram em perseguição instantaneamente, no entanto com poucas armas e com uma equipe de apenas cinco homens. Eles seguiram um dia inteiro os rastros, que eram propositalmente claros. Na segunda manhã, o homem que caminhava à frente caiu em uma forja principal; mas isso decorreu sem grande prejuízo; pois na queda ele agarrou um galho, de modo que o peso da queda foi atenuado e ele não se espetou na lança, apenas se feriu nas costas. Enquanto seus companheiros teciam uma corda de taquaras e com isso o trouxeram para cima, eles foram atingidos por flechas de bugres escondidos e um homem recebeu uma flechada no braço. É verdade que os atacados responderam com alguns tiros de espingarda nos arbustos, mas retornaram depois de tirar o companheiro da cova. Durante horas foram perseguidos pelos bugres, cujos risos selvagens irônicos e gritos provocantes de “bugres!” urgiam em seus ouvidos até meio-dia. Somente na manhã seguinte chegaram em casa e se apressaram em enviar um mensageiro aos caçadores de bugres, para pedir ajuda a eles.

Levou dois dias até que estes fossem reunidos; pois moravam longe uns dos outros. Nesse ínterim, todas as precauções necessárias foram tomadas para realizar a perseguição. Cada um precisava levar consigo os mantimentos necessários, visto que não se caçar pela selva; pois os bugres seriam avisados pelos tiros; também não era permitido acender fogo. Quando finalmente no terceiro dia os bugreiros vieram, nós partimos imediatamente. A marcha nos conduziu inicialmente àquela funesta cilada, que foi cuidadosamente evitada. Então chegamos a um terreno cada vez mais montanhoso; o caminho nos levou para cima através da mata fechada na direção das nascentes do rio Itajaí. Embora chovesse, isso não deteve os bugreiros, que seguiam o rastro; as condições do caminho eram tais que por vezes precisávamos rastejar para passar pela mata fechada. Já havíamos marchado cinco dias e ainda não havíamos avistado os bugres. No sexto dia chegamos a um ponto mais alto da floresta; daqui um dos bugreiros avistou à noite, sobre uma montanha situada em frente, a luz fraca de um fogo. Finalmente um sinal! Minha respiração se acelerou, meu pulso disparou! Partimos ainda na mesma noite, pois cada minuto perdido poderia ser perigoso para nós, visto que estávamos enfraquecidos de fome, devido à comida fria e insuficiente. Uma chuva fina tornou a marcha através do brejo e da mata pela noite ainda mais desagradável; além disso, não podíamos usar nossas capas como proteção contra a umidade, pois precisávamos derrotá-los com nossa artilharia precária, e a pólvora deveria permanecer seca e utilizável.

Grande parte do restante da noite ficamos deitados sobre o chão úmido e esperamos até a alvorada. Finalmente veio a hora tão esperada, e eu tremia na espera da iminente retaliação. Lenta e cuidadosamente, rastejamos pelo cume da montanha acima, onde já podíamos perceber o contorno do rancho dos bugres coberto por taquaras. Lá... lá... um sinal... um único grito pungente... ah, a justiça veio... os demônios da vingança estão a solta... agora a coisa é olho por olho... derrubamos a entrada do rancho. Na minha frente saltaram dois bugreiros no local escuro. Eu vejo como um corpo gigantesco se levanta em um canto, se curva para uma

longa flecha e no momento seguinte atira contra nós. Então quase que ao mesmo tempo, o bugreiro a quem a flecha foi dirigida se ajoelhou de modo que a arma caiu no chão. Mas ele já estava com sua espingarda pronta para atirar, dispara o tiro e o gigante recebe à queima roupa toda a carga destruidora do chumbo no peito nu! Ele caiu sobre a terra retumbando como uma rês abatida.

Havia ainda dois homens no rancho, mas como o grande morreu e eles viam o número superior dos agressores, apanharam rapidamente um feixe de flechas, se jogaram como um raio no chão e escorregaram dali como serpentes; também os outros fugiram depressa para fora sob a parede de taquaras do rancho.

Mas o que se sucedeu então foi terrível, de modo que eu não gostaria nem um pouco de descrever para o senhor. Os bugreiros pularam como loucos em volta e procuraram por outros inimigos. Mas apenas respondiam a eles o grito de pavor de mulheres e crianças. Estas se atiraram ganindo no canto do rancho, de modo que seus corpos escuros formaram uma pilha confusa e se empurravam desesperados e buscando salvação. E então os bugreiros penetraram apressadamente com seus longos facões nessa massa de corpos agitados. Era terrível de ver. “Mas são apenas mulheres e crianças!” gritei e clamei em seus ouvidos. “São animais, são animais, mata, mata” recebia como resposta. Eu finalmente pulei no meio com a espingarda para colocar um fim no avanço absurdo; então uma coronhada me derrubou. Quando voltei a mim, estava sozinho entre os mortos e os moribundos. Meus companheiros estavam um pouco desapontados, pois não haviam encontrado alimentos aqui; havia apenas um porongo de abelhas meleiras silvestres, que com muita avidez fora tomado, mas causou uma tal disenteria em todos, que nós padecemos durante todo o caminho de volta para casa.

Dos colonos, nenhum de nós participou daquele assassinato bárbaro de mulheres e crianças. Silenciosos com sentimentos singulares, partimos para casa. Não seria conveniente se demorar muito pelo rancho; pois era provável que quase todos os homens estivessem em uma caçada, da qual

poderiam retornar a qualquer momento. Como perseguidos pelas Fúrias, rastejamos através da mata espessa, durante cinco dias inteiros. O medo dos perseguidores vingativos nos impulsionava para a frente. Quase que durante o todo percurso estávamos sem alimento! Dilacerados por espinhos e atormentados pelo medo, mal cobertos por farrapos, finalmente chegamos em casa doentes e quase mortos de sede e de fome.

Pobres criaturas! Sim, eles roubaram meu pai, minha mãe e meus irmãos; mas apesar disso eu não posso esquecer a pilha estremecida de indefesos, na qual os bugreiros investiram bestializados. Eu não tive mais pensamentos de vingança; apenas compaixão, uma imensa compaixão me tortura!”

Franz calou-se esgotado. A chuva havia acalmado nesse meio tempo, e sem palavras e abalados saímos do resguardo do rochedo e voltamos para casa.

## Maquinistas na velha ferrovia

Se nossos maquinistas do começo da ferrovia precisassem prestar o exame alemão para maquinistas, fracassariam sem exceção. Isso porque uma grande parte não sabia ler nem escrever, mas apesar disso, fazia seu trabalho. A carreira de condutor era, naquele tempo, muito simples: dois a três anos como faxineiro, três a quatro como foguista, e então, se vagasse um lugar, maquinista. Não havia exames, decidia-se simplesmente pela reputação do indivíduo, como ele havia lidado com algum descarrilamento e como eram suas outras atitudes. E não faltariam descarrilamentos para que os candidatos pudessem treinar. Era uma situação tão diária que já nem se fazia um grande alarido por causa disso; somente tem de se pensar que os descarrilamentos não eram tão ruins também pela paciência brasileira, pois a velocidade do trem normalmente chegava apenas a 25 k/h em trens de carga e 36k/h em trens de passageiros. Porém, não se pode esquecer que a ferrovia tinha somente uma bitola de um metro e que curvas de 100 metros eram permitidas em elevações de até 3%. Nossos maquinistas – vejo todos eles diante de mim – eram, na sua maioria, mulatos, raros os de pele negra ou branca; a maioria alegre, mesmo com os duríssimos trabalhos na construção da ferrovia. Na linha sul um deles um dia reclamou que possuía uma jornada ininterrupta de 20 horas e, consequentemente, apenas 4 horas para dormir. O engenheiro substituto, cujo rosto parecia uma máscara de ferro, virou-se para ele e disse: “aqui na construção precisa-se aprender a dormir rápido, quando se tem pouco tempo pra isso!”, e voltou-lhe as costas novamente. O maquinista observou por um instante as costas amplas do interlocutor, e então se afastou lentamente,

balançando a cabeça. Mesmo assim ficou refletindo sobre o problema do “sono rápido”, mas não conseguiu encontrar uma solução. Jornada de trabalho de 20 horas parecia bastante ruim, mas na construção, enquanto cada trem era carregado ou descarregado com terra ou pedras, o condutor tirava uma soneca. Seja como for, a exploração extra não era habitual; no funcionamento da ferrovia as coisas eram mais tranquilas.

Fui chefe de seção em 1894, quando ainda não se podia falar de “funcionamento” no trajeto recém-construído.<sup>3</sup> Um trem de passageiros e dois a no máximo três trens de carga, ou às vezes nenhum, constituem o serviço do dia. Após minha nomeação, quando eu saltei pela primeira vez do meu ramal na estação inicial para a locomotiva do trem de carga, pisei em algo macio e quase cai; ao mesmo tempo uma alma atormentada de cachorro soltou um grito alto. Eu havia pisado no rabo de um belo perdigueiro que estava deitado aos pés do maquinista.

“O que é isso, Gabriel?”, perguntei ao maquinista.

“Esta é minha Kora!” Respondeu bem sossegado.

“Então ela vai junto?”.

“Ela sempre vai junto, e o senhor deveria ver como é um animal inteligente!”, e com severidade disse para Kora: “saia e pergunte pela autorização de partida!” O cachorro saiu, e desapareceu no prédio da estação. Então o maquinista puxou uma única vez, rapidamente, o apito da locomotiva e num instante o cão voltou, pulou na máquina e escondeu-se sob os pés do seu dono. Eu não queria parecer tão severo e por isso não disse nada aos outros. O trem partiu e atravessou as muitas curvas no campo acidentado da linha. Estes *Campos Gerais*<sup>4</sup> têm uma magia própria; aparentemente monótonos, mas revelam em cada curva da linha outras formações em uma tonalidade que parte do cinza-claro e marrom como

---

<sup>3</sup> É muito provável que o autor se refira aqui à Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG), cuja construção então avançava em sua linha Norte (entre Itararé e Ponta Grossa). (NdH)

<sup>4</sup> Campos Gerais do Paraná é uma expressão que denomina uma ampla região geográfica associada a “ [...] campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária”. In.: DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS CAMPOS GERAIS. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, s. p. Disponível em <https://www2.uepg.br/dicion/os-campos-gerais-do-parana/#os-campos-gerais> Acessado em 13/11/2020. (NdH)

cabelos prateados através do talo e da folha da erva *barba de bode*. Chegamos a um platô alto, e de repente o trem parou. O condutor da locomotiva pegou de um canto uma bela espingarda, assobiou para seu cachorro e saltou do trem.

“O senhor não vai caçar por aqui, vai?”.

“Mas é claro! Nós fazemos isso sempre”.

“Mas chegaremos a tempo no cruzamento?”.

“Evidentemente; pois o condutor do trem contrário também está caçando, e nós não ficaremos parados mais do que meia hora”.

Dito e feito; e em meia hora o amigo Gabriel havia abatido uma *Perediz* e cinco *Cadornas*.

Outro dos nossos maquinistas era um descendente de polonês. A ambição deste rapaz perturbado era dirigir rápido, e isso nesse trajeto que de modo algum era seguro. “A máquina tem que correr e o maquinista morrer!”, este era o seu lema. Repetia esse dito constantemente e finalmente também o realizou; pois certa vez passou por uma ponte provisória de madeira, que estava danificada, com tamanha velocidade que tombou junto com a locomotiva e uma parte dos vagões, onde o maquinista ficou preso na lama junto com a locomotiva. Tiramos a máquina com muito esforço, mas ele, mesmo durante o trabalho, ficou tão profundamente imprensado embaixo da máquina que não conseguimos encontrar.

Ainda tínhamos o famoso Jorge Pistola. Na verdade ele tinha outro nome, mas ninguém conhecia. Cada três palavras suas dizia “Pistola”, assim como o bávaro fala *sakra* e o inglês *goddam*, daí o nome. Era um rapaz muito engraçado, pequeno e gordo. Eu viajei uma vez com ele na locomotiva; repentinamente ele tirou o boné e amigavelmente saudou para fora. Eu também olhei para fora, mas não vi uma alma. Isso se repetiu de tempos em tempos, até que finalmente perguntei lhe que fantasma ele sempre cumprimentava. “Mas senhor Roberto!”, respondeu, “Eu não cumprimento ninguém, só tiro o boné para o meu santo em todos os lugares que tive algum descarrilamento muito sério e ele me protegeu, para que eu ainda possa comer o meu feijão”.

Tínhamos completado a ponte provisória sobre o *Rio dos Papagaios*, e agora devíamos passar com a locomotiva sobre ela pela primeira vez. A pontezinha tinha doze metros de altura e quando se olhava lá para baixo parecia bem desagradável. Só que há um problema com uma nova ponte de madeira. Quando a locomotiva passa sobre ela pela primeira vez, os tarugos se acomodam naturalmente nos buracos e por isso fazem um rangido. O maquinista Jorge coçou atrás da orelha, deu uma cusparada na água em forma de um grande arco e disse “pistola”; mas ainda não pôde cruzar a ponte, pois esta não estava completamente concluída e estavam trabalhando com muita pressa. No dia seguinte chegaram o engenheiro-chefe, o engenheiro substituto, o diretor e mais alguns graúdos da companhia, os quais queriam acompanhar o grande acontecimento da primeira viagem, a fim de depois terem a oportunidade de bater um papo inteligente, discursar bastante e tomar muito champanhe no inevitável banquete. O grande dia começou. Tudo estava pronto. O trem extra com os convidados importantes chegou, parou perto da ponte, manobrou suavemente para trás e nossa menor locomotiva com Jorge Pistola no lugar mais importante engatou-se no trem. O chefe me solicitou que instruisse Jorge mais uma vez e mandou chamá-lo. Ele estava radiante de alegria. Agora começou uma advertência. “Arranque bem devagar, pare um instante sobre a ponte, então devagar – compreendeu? DE-VA-GAR – continue, e só quando o último vagão estiver em cima da ponte você poderá acelerar”. Jorge disse: “Pistola! Isso é fácil e tudo será feito!”. Eu quis ficar na locomotiva por uma questão de segurança, mas o chefe quis me ter por perto, pois tinha muitas perguntas para fazer e não eram frequentes as suas vindas até aqui. Todos se instalaram e a viagem começou. A ponte tinha setenta e dois metros de comprimento. Quando a locomotiva estava passando pelo primeiro terço começou um rangido do madeirame que se comprimia em seus encaixes; também foi sentida uma leve oscilação, pois a locomotiva comprimia algumas partes. Todos os rostos mostravam uma reação de tensão, por mais que não quisessem demonstrar. O chefe explicou, mas no bufar da locomotiva e no ranger da ponte

quase nenhuma palavra foi entendida. De repente – o que é isso? Um solavanco que todos caímos para trás, um apito agudo da locomotiva que pareceu dar um pulo para frente, e depois corremos a todo vapor, de modo que a máquina e os vagões eram sacudidos de lá pra cá e um grito de horror geral ressoou. O chefe gritou para mim, eu berrei para o maquinista, fui até a janela, saquei o revólver e dei dois tiros para cima em sinal de parar; pois freios a ar e esses brinquedinhos modernos nós não possuíamos. Mas a jornada infernal continuava a toda velocidade. Logo depois da ponte há uma curva para a esquerda. O chefe estava gesticulando e – no momento seguinte ele estava sentado no colo do diretor que é pressionado com suas costelas contra uma cadeira. Um dos convidados sentou-se no chão. Estávamos subindo morro acima. As coisas foram mais devagar. Por fim, um solavanco e o trem para, já estou na escada e mal o trem para, corro pra frente. Lá está Jorge, descendo lentamente da máquina e vindo ao meu encontro. “O senhor é um jumento!” Gritei com ele e na minha aflição até falei em alemão. “Como o senhor pode atrever-se a dirigir tão perigosamente quando teve instruções detalhadas?”. O chefe chega e começa a praguejar e uma tempestade cai sobre o gordo Jorge, como se ele tivesse matado alguém. Os próprios convidados tomaram parte nas reprimendas. O diretor continua sentindo dores em seu quadril e fala pomposamente. E Jorge? – ele está no meio das pessoas que gritam e gesticulam, retorce seu boné nas mãos e calmamente senta no chão resignado; para mim parece até que ele sorri um pouco, ainda que somente com o canto da boca. Finalmente o diretor dirige-se a ele como uma divindade punitiva.

“Diga-me sinceramente meu filho, o que te levou a desprezar as ordens e dirigir como um louco, podendo ter até causado o desabamento da ponte?”

Jorge levantou os olhos. Todo acanhamento fugiu do seu rosto.

“Sim, excelência, como a ponte começou a ranger e a gemer, eu senti nos meus próprios ossos e pensei que a coisa tinha desmoronado. E de repente foi como se meu santo gritasse para mim: ‘Jorge, salva tua

máquina e deixa o que está pra trás dela ir pro diabo!’ E então eu arranquei. Eu não tenho culpa, excelência, a culpa é do santo”.

Reinou o silêncio por um momento. Jorge ficou lá, inocente como um cordeiro. Então um convidado desatou a rir uma sonora gargalhada. “O santo é culpado! Muito boa! Muito boa!”, “Mas Jorge” falou o diretor, “nós deveríamos ir pro diabo?”

“Excelência, eu não disse isso, foi o santo!”

“Sim, meus senhores”, e o diretor se virou aos presentes. “Eu não sei como os senhores estão com o santo, em todo o caso ainda podemos ficar satisfeitos que ele nos permitiu sobreviver!” Falou e se dirigiu, rindo, para o seu vagão. Todos riram também e seguiram-no. Jorge olhou dissimulado para trás, riu com deboche e andou lentamente para sua máquina. Eu me lembrei vividamente do conto “Raposa de Reineke”.<sup>5</sup>



Descarrilamento na Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG), próximo ao atual município de Pinheiro Preto.

Fonte: Arquivo Público de Pinheiro Preto. Autor desconhecido, s/d.

---

<sup>5</sup> Fábula de J.W. Goethe escrita em 1794, onde são descritas em forma de paródia e alegorias as façanhas de uma raposa na corte de um rei (leão) refletindo uma sociedade medieval corrupta, com todas as suas fraquezas humanas e conflitos sociais. (NdT)

## Nossos Espanhóis

Na construção da estrada de ferro de Serrinha à Restinga Seca,<sup>6</sup> empregamos principalmente italianos e poloneses, além de um pequeno grupo de portugueses e espanhóis. O trabalho era feito em empreitadas, contratando o mesmo grupo somente por alguns quilômetros de cada vez, pois nós tínhamos tido experiências ruins com grandes empresas.

Eu era mestre de obras do terceiro trecho e enquanto durasse o trabalho moraria na casa abandonada de um fazendeiro. Era baixinha, feita de barro e em vez de janelas possuía apenas uns buracos; os pequenos quartos não tinham nem piso, nem forro. As camas (havia armações de cama de verdade) eram excelentes. Eram armações de madeira bruta, forradas com tiras cruzadas e trançadas de couro cru. Estas tiras são retiradas úmidas e então secam esticadas de modo que adquiriam uma ótima elasticidade. Uma camada de palha e uma esteira por cima e estava pronta a melhor cama!

Era domingo e eu me entreguei aos meus raros prazeres, me esticar na minha “cama luxuosa” depois do almoço e fumar um cigarro. Em dias de trabalho, a jornada não nos permitia tal desperdício de tempo; pois se estava quase ininterruptamente na sela ou na prancheta. Então pude ouvir palmas diante da porta. Mas não me importei; porque meu *camerada* deveria estar ali e ir ver. No entanto parecia que ele não estava no seu posto. Pois outra vez alguém bateu palmas e chamou: “Ó dono da casa!” Então eu mesmo levantei e fui abrir a porta.

---

<sup>6</sup> Ramal da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG). (NdH)

Diante de mim estavam parados quatro espanhóis, com a barba feita e limpos. Em volta do corpo eles usavam uma faixa de lã colorida, de dois metros de comprimento, que ao mesmo tempo servia de cinto e para guardar o cigarro e a faca. Usavam a camisa aberta, de forma que dava pra ver o peito cabeludo. Não tinham grande estatura, mas eram bem proporcionados; jovens de vinte a vinte e cinco anos.

“*Bon dia!*”

“*Bon dia! Não querem entrar?*”.

Hesitantes aceitaram o convite, mas não sentaram, mesmo assim convidei-os novamente. Em vez disso um deles com uma bela cabeleira crespa avançou um passo e disse, como porta-voz do grupo: “Senhor, nós temos um assunto muito delicado e pedimos que Vossa Excelência nos ouça pacientemente”.

Como eu conhecia o complicado jeito dessas pessoas, então lhe assegurei que seus assuntos eram do meu completo interesse e, assim, ele começou:

“Como o senhor sabe, nós cinco assumimos o grande trecho do quilômetro 23, mas como a Companhia não permitiu que nós cinco figurássemos como capatazes, então elegemos o mais velho do nosso grupo, o Evarista, como chefe. E ele, como tal, tem que receber todo o dinheiro para o pagamento dos salários. Mas, como nós descobrimos que ele não pagará a nossa parte, e ainda quer fugir com o dinheiro; infelizmente precisaremos esfaqueá-lo antes. Nós só gostaríamos de pedir ao senhor para dar um jeito de recebermos nosso dinheiro imediatamente, para não termos longos transtornos com a polícia. O senhor não precisa repetir o que nós lhe dissemos agora em total confiança; pois pode acreditar que despacharemos o patife, o Evarista, tão bem que não poderão recair suspeitas sobre nós”.

Eu acordei completamente com essa amigável confissão e assegurei a ele que honraria extraordinariamente sua confiança, mas talvez houvesse ainda outros meios de receber o dinheiro suado, sem que precisassem sujar suas mãos com sangue. Por exemplo, eu poderia

explicar as circunstâncias por escrito ao engenheiro-chefe e pedir-lhe para permitir que a soma exata do pagamento total dos componentes do grupo seja igualmente repartida evitando o Evarista como distribuidor.

Então ele disse: “No que diz respeito ao Evarista, nós faremos um bom trabalho quando dermos cabo dele; mas o senhor tem razão com a sua proposta para arranjar as coisas. Quando poderemos buscar nossa resposta?”.

“Acho que em uns oito dias”.

“*Muchas gracias*, senhor!” Cumprimentaram e foram embora.

Que bela confusão! A tranquilidade e o realismo com que esse pessoal trata de um assunto tão sério e inquietante é de se indignar; mas a ingenuamente grande confiança que eles depositaram em mim foi quase enternecedora e consoladora. Portanto eu me sentei por um momento e fiz um relatório ao meu chefe sobre o estranho ocorrido. Já no dia seguinte mandei a carta através de um mensageiro a cavalo para Lapa.

Durante três dias esperei em vão por uma resposta. Só no quarto dia chegou o seguinte telegrama: “Não trate de assuntos que não lhe dizem respeito! Deixe os rapazes se estrepem”. –

Eu estava num belo dilema por causa da minha sabedoria! Recolhi informações sobre esse Seu Evarista. De fato, tudo que descobri sobre ele era muito desfavorável, tanto que o receio dos seus companheiros pareceu bastante legítimo. O perigoso homem estaria com aproximadamente 45 anos e com sua aparência que inspirava pouca confiança servia de um excelente modelo para ser o chefe de uma quadrilha. Ele era alto, usava uma barba negra e tinha uma grande cicatriz que ia do nariz até a ponta do queixo; uma marca preta do tamanho de um ovo de pomba enfeitava o outro lado do rosto, e quando o perguntavam sobre a origem desse ponto escuro, dizia impassível, que tinha sido por causa de um tiro que havia sido dado de muito perto; mas o atirador esqueceu de carregar a arma. “Mas ele se arrependeu”, costumava acrescentar rindo. Também estivera na estrada de ferro da Argentina e já trouxera de lá uma reputação ruim.

O telegrama me causou grande preocupação e na noite seguinte não dormi tão despreocupado como antes. Nos meus sonhos confusos, estava batendo constantemente no estranho Evarista. Na manhã seguinte, quando montei minha mula, levei minhas dúvidas e pensamentos na sela. Como poderia evitar o assassinato e ainda proporcionar aos espanhóis os seus direitos? Não se mostrava nenhuma saída. Por ter ainda alguns dias de prazo contei com a sorte e pensei: Com o tempo tudo se ajeita.

Mas, desta vez, a semana passou extremamente rápida, e no fim eu ainda não sabia o que fazer. Os espanhóis voltaram pontualmente no domingo. Cumprimentei-os amigavelmente e expliquei que o meu chefe infelizmente não queria saber nada a respeito da proposta feita, e que por isso eu não tinha mais soluções do que há oito dias. Contudo eles ouviram a notícia perfeitamente tranquilos; sem esperar mais explicações pegaram seus chapéus e quiseram ir embora. Porém eu os detive, pois nesse momento crítico me ocorreu, de fato, uma solução.

“Ouça, pessoal!” Disse-lhes. “Apesar disso encontrei uma saída. O pagamento é realizado no barracão no Rio *dos Mortes*. Avisarei o dia e a hora. Fiquem à espreita na mata próxima. Quando o pagamento for efetuado, aproximem-se sorratamente, sem serem notados, entrem na casa e cerquem-na! Imediatamente após o pagamento chamarei Evarista ao quarto ao lado e lá ele terá que pagá-los na minha presença”.

Por um momento reinou um profundo silêncio, mas então rompeu um tagarelar em espanhol, que pareceu com poderosa cachoeira e o qual eu não consegui mais acompanhar. Depois de, aparentemente, os quatro estarem de acordo, outra vez avançou o mesmo rapaz de cabelos crespos que há oito dias tinha sido o porta-voz do grupo, e fez para mim um longo discurso do qual eu, no entanto, não entendi muito. Mas pude deduzir da conversa, que minha proposta tinha sido aceita. Mas só pensavam que seu plano fosse mais simples. Agradeceram de maneira exaltada, como é o costume, e despediram-se novamente.

Então, no dia do pagamento, eu estava um pouco tenso. Avisei o pessoal a tempo e cavalguei corajosamente para a casa determinada, a qual

ficava completamente isolada, nas proximidades do Rio *dos Mortes*, que atravessava com suas águas negras um rochedo de arenito. Como eu cavalgava, sem saber de nada, através da mata e ao mesmo tempo estava pensando no que iria acontecer depois, de repente minha mula deu um salto para o lado tão forte que quase me derrubou da sela. É que ela se assustou com uma cabeça que aparecia nos arbustos e amigavelmente sorrindo, sussurrou: “*Bon* dia, Senhor Roberto! Já estamos aqui!”.

“Isso é bom”, disse baixinho, “só não assuste minha mula!” Então fui até a casa, apeei, amarrei o animal e entrei.

Quase todos os capatazes já estavam no lugar e o perigoso Evarista me cumprimentou. Pouco depois, quando o tesoureiro e o seu ajudante chegaram, começaram imediatamente as negociações de pagamento. No entanto avisei secretamente ao tesoureiro que ele deveria tratar com Evarista por último. Ele concordou, por mais que tenha estranhado. Depois de receberem o soldo, cada capataz imediatamente montou em seu cavalo e se foi, o que era muito bom considerando o que se sucederia. A coisa não foi tão ruim quanto eu tinha previsto.

Quando Evarista recebeu o dinheiro, pedi-lhe para ir ao quarto ao lado, pois ainda gostaria de explicar-lhe algumas coisas.

“Por que não aqui?” Disse, surpreso.

“Não, meu amigo, lá!”.

Ele pode reconhecer bem pelo tom da minha resposta que alguma coisa estava prestes a acontecer. Pois seu corpo se contraiu como um raio e seus olhos procuravam por todas as aberturas. Eu parei diante da porta e enfiei lentamente minha mão no bolso do casaco, onde estava meu revólver. Quando ele percebeu isso, andou depressa para a janela que estava somente a uns dois metros dele. Então, nesse momento, surgiu a cabeça de um dos espanhóis na janela e ressoou dentro um amigável “*bon* dia, Senhor Evarista”. Atônito e completamente perplexo caminhou novamente para o meu lado, ao abrir a porta apareceu um segundo de seus companheiros. Os olhos do Evarista adquiriram um brilho como os de um gato que é perseguido por cães. Ele pode compreender que tinha perdido

o jogo. Por isso se espreguiçou com um ar de grandeza e então foi de boa vontade para o quarto onde os outros dois o receberam com uma irônica gentileza. Finalmente ajustaram as contas, cada um recebeu a parte que lhe cabia e todos ficaram satisfeitos. Mas eu recebi um olhar de Evarista que seria mortal, se olhares pudessem matar.

Os quatro espanhóis se acabaram em agradecimentos, até que finalmente me desvencilhei deles. E com a consciência de ter impedido um crime e cuidado para que a justiça tenha sido feita, cavalguei tranquilamente para casa.



A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande chega a Limeira. Abril de 1910.

Fonte: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária – Núcleo Paraná. Autor desconhecido.



August Suiter. **Ponte sobre o Rio Verde.** Negativo em vidro cristal, 13 x 18 cm, s/d.  
Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG).  
Acervo: Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina, Florianópolis/SC.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Agradecemos ao historiador Luiz Carlos da Silva pela presente imagem, coletada em sua pesquisa de pós-doutoramento. (NdH)

## Os Fanáticos

"O trem não poderá seguir em frente!", anunciou-me o diretor da estação ferroviária.

"E por que motivo?"

"A Estação São João, que fica a duas paradas, informou que os Fanáticos provavelmente assaltaram Calmon, a parada seguinte".

"Provavelmente, provavelmente! O que isso quer dizer? Eu preciso saber exatamente o que a estação informou!"

"Está bem, o diretor da estação de Calmon telegrafou apenas três palavras, e então o aparelho ficou mudo a todas as tentativas de chamadas posteriores."

"Quais eram as palavras? Fale de uma vez!"

"Eu já estava mesmo por dizer; mas o senhor não me deixa terminar de falar."

"Pois então!"

"A estação de Calmon telegrafou para a estação de São João: 'Fanáticos aqui, eu...' E nenhuma palavra a mais".<sup>8</sup>

O pequeno e inquieto diretor da estação calou-se exausto, enquanto eu começa a pensar na situação. Portanto, os Fanáticos! Um fenômeno bem peculiar na vida do povo brasileiro! Muito sangue já foi derramado por causa deles, e muito dinheiro já foi gasto para trazê-los à razão. Segundo a concepção europeia, poderíamos talvez dizer que se trata de uma

---

<sup>8</sup> Os ataques às estações de Calmon e São João da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG) ocorreram entre os dias 05 e 06 de setembro de 1914. Análise detalhada dos mesmos encontra-se em ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado:** os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1915). Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011. p. 234-251. (NdH)

seita religiosa; mas não é bem assim. O povo brasileiro vai muito à igreja, mas não é religioso em sentido mais profundo; seu sentimento religioso dispara, ele quer ver milagres, milagres todo dia, e literalmente espera por milagreiros, os quais acolhe, facilmente convencido e sem qualquer desconfiança. Além disso, o povo é muito supersticioso, o que bem faz com que velhos mitos ainda assombrem a maioria das mentes e se perpetuem, junto às crenças dos nativos, nos vários costumes. Dessa confusão de reminiscências de antigos cultos surge a peculiar mistura religiosa estranha a nós e que, para "milagreiros", constitui um solo extraordinariamente fértil.

Esses milagreiros, conhecidos como *monjes*,<sup>9</sup> são, de modo algum, trapaceiros ou pessoas inescrupulosas que encobrem suas pretensões materiais por meio de subterfúgios religiosos, mas sim acreditam eles mesmos em sua missão divina com uma convicção inabalável. Muitas vezes eles sofrem de epilepsia. Têm visões, sonhos premonitórios, nos quais, segundo o que se diz, aparece a Virgem Maria ou São José ou até mesmo o próprio Deus, com o intuito de transmitir-lhes a missão de melhorar o mundo. Eles relatam esses sonhos milagrosos aos parentes e conhecidos, os quais organizam então, como é de costume, uma grande "rezada", assim chamado o momento de reza, a partir do que tem início geralmente uma pequena comunidade. A notícia do surgimento do novo *monje* se espalha então com extrema rapidez pelas redondezas e mais além. Não é raro ser o acaso favorável ao milagreiro, logrando curar alguns supostos doentes tocando-os com as mãos; a cura se encontra certamente, em boa parte, também na imaginação do doente, o qual se deixa facilmente suggestionar pela forte personalidade do *monje*. E então estão consolidados fama

---

<sup>9</sup> Refere-se às figuras conhecidas na região como "monges" e que tiveram papel importante na deflagração da Guerra do Contestado. O termo monge, nesse caso, não se refere a uma formação religiosa tradicional, mas a uma espécie de título destinado a homens "santos", curandeiros ou bons conselheiros. Farta bibliografia estuda o fenômeno dos monges João Maria que percorreram a região. Vide MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Ed. da Unicamp, 2004. p. 163-198. O monge que mais diretamente se relacionou ao conflito do Contestado foi o monge José Maria, que Helling refere mais adiante. Em sua visão, tais figuras seriam a porta de entrada para as práticas religiosas que denomina "fanáticas", que por sua vez levariam ao banditismo. O próprio termo "fanático" carrega um peso negativo e preconceituoso, de tal forma que os estudos atuais sobre o assunto evitam seu uso. (NdH)

e nome do *monje*. Aí chegam, de todos os cantos, devotos e doentes; a água com a qual o santo lava seus pés é vendida como mezinha e vende bem; os parentes com faro para os negócios tomam posse desse novo mercado e o exploram de todos os modos possíveis. Embusteiros e criminosos procurados juntam-se à multidão, esperando sumir entre a corrente de pessoas, para que então, purificados, por assim dizer, possam estar prontos para novos crimes; eles aterrorizam a região a seu modo, exigindo impostos em nome do "santo", e, quando não há mais o que obter nos arredores, instigam a "comunidade" a se deslocar a fim de converter também as pessoas que vivem mais afastadas dali. O santo é habilmente moldado e influenciado, até que um dia diga que recebeu uma ordem dos céus de converter todo o mundo. Isso serve, na maioria da vezes, como um sinal para a peregrinação da comunidade. A procissão inicia. Quem não concorda em participar é ameaçado com uma pistola sobre o peito.

A população, cuja região é atingida pela marcha, precisa entregar todo seu rebanho e suas provisões, a fim de alimentar os iluminados, e, voluntaria ou involuntariamente, se junta à comunidade, a qual cresce em efeito bola-de-neve até que finalmente o governo envia forças policiais em sua direção. Mas o que pode a polícia brasileira na mata! Os Fanáticos geralmente a colocam a correr ou a massacram até o último homem. Devido à sobrevivência aos perigos em comum, a comunidade fica cada vez mais unida, a primeira vitória é considerada um sinal vindo dos céus e os motiva a cometer novos feitos. Então o governo envia o exército, mas, como é típico, com pouco contingente; por isso que demora anos até que muitas dessas revoltas sejam dissolvidas.

É diante dessa bola-de-neve crescente que nos encontrávamos então. O diretor da estação, que não havia saído do lugar, olhava-me interrogativo, os passageiros empurravam-se sobre a estreita plataforma da estação e tornavam-se impacientes.

"Por que o trem não seguirá adiante? Por que sempre tanta demora?"

"Meus senhores, os Fanáticos ..."

"Ah, os Fanáticos!" gritava um homem gordo do Rio de Janeiro que gesticulava mostrando sua mão adornada de joias. "É tudo só conversa-mole da ferroviária, que novamente tenta fugir às suas obrigações. Mas eu paguei pelo meu bilhete e pela cabine e eu mesmo vou telegrafar ao ministro dos transportes, o qual é um grande amigo meu."

Eu nem me dignei a lhe lançar qualquer olhar, mas sim acenei para o diretor da estação para que fôssemos até a sala do telégrafo.

"Entre em contato com a Estação São João!", ordenei ao telegrafista. A estação respondeu.

"Você não recebeu mais nenhum sinal de Calmon?"

"Não, nenhuma palavra."

"E sabe de alguma novidade?"

"Do lado de onde fica Calmon dá para ver que há fogo, pode-se perceber bem a luz na noite escura; os Fanáticos possivelmente ameaçaram colocar fogo nos depósitos de madeira da *Brazil Lumber Company*. Fala-se de quatro milhões de pés quadrados."

"Algo mais?"

"Não, só isso."

Eu ordenei então ao telegrafista que me colocasse em contato com a Estação Central em Curitiba. Após pedir para falar com o diretor geral, comuniquei-lhe rapidamente sobre a desagradável situação e perguntei de que modo eu deveria proceder. A notícia o surpreendeu, ele não encontrou imediatamente uma solução e solicitava que eu, por minha vez, desse alguma opinião. Eu então propus que deixássemos um trem de serviço ir antes do trem de passageiros, em um intervalo de vinte minutos deste, de modo que os passageiros só partiriam quando recebessem a mensagem de que não havia perigo pela frente. Eu mesmo me ofereci para integrar a tripulação do trem de reconhecimento.

"De acordo", sou o telégrafo em resposta, e eu prontamente organizei o trem de serviço, o qual em pouco tempo estava preparado. Alguns homens foram voluntários para a viagem, sobretudo um tanto perigosa, em direção ao incerto, eram dois estadunidenses, dois alemães, um

polonês e um brasileiro com descendência francesa. Nós estávamos sim todos com nossos revólveres de costume, mas, no restante, sem armas.

O trem partiu. Era uma noite escura. No momento em que a visão se acostumou à escuridão da noite, tornou-se possível diferenciar os contornos do céu das copas melancólicas dos pinheiros (*araucaria brasiliensis*), as quais davam uma forma típica à floresta da serra. Pela sinuosidade íngreme e interminável zigzagueava o trem acima, o fino véu da neblina noturna envolvia os desfiladeiros, e o maquinar e o tinir do trem tragavam o flauteado dos pássaros noturnos, o qual às vezes se impunha. Fantasmagoricamente e quase que sem fazer barulho, os pássaros, amedrontados, lançavam-se até bem perto do trem, para, então, desviando-se pela direita em uma acrobacia angulosa, mergulharem novamente na escuridão. O grande farol na ponta da locomotiva bruxuleava devido às centenas de mariposas que o cercavam.

Assim bramíamos no incerto adentro. Passamos por duas estações. Tudo na mais perfeita ordem. Mas, ao chegarmos em São João, já logo na entrada nos deparamos com uma gritaria infernal, e, assim que o trem parou e eu desembarquei, fui subitamente rodeado por uma chusma aos berros, a qual de todos os modos bramava e vociferava que o trem não poderia seguir de jeito nenhum, e sim que as mulheres e as crianças deveriam ser levadas para Porto da União. Todos homens estavam armados com espingardas Winchester e quase que sem exceção completamente bêbados. Um deles colocou a boca do cano da arma sobre meu peito e coaxava que atiraria em mim ali mesmo, caso eu não pusesse o trem à disposição imediatamente. Decidido, rapidamente arremessei o cano da espingarda para o lado e gritei em meio à horda ondulante que flamejava: "Mas o que é que vocês querem? Estão todos bêbados? Não há pelo menos um entre vocês que ainda esteja lúcido?"

Aí um velho fazendeiro de barba branca avançou dizendo: "Senhor Roberto, eu estou sim totalmente sóbrio".

"Ah", disse eu aliviado, "é bom que pelo menos um de vocês ainda preserve o juízo. Mas agora calem a boca por um minuto e me deixem

explicar uma coisa! Este trem aqui vai seguir adiante de qualquer modo; pois eu vou com ele buscar as mulheres e crianças que estão nas Casas de Turmas (moradias dos trabalhadores da ferrovia que ficam ao longo da via, a uma distância de oito quilômetros) e esperam por socorro. Mas depois deste trem vem propriamente o trem de passageiros, que estará à disposição e com ele vocês poderão levar as mulheres e crianças caso o perigo se torne maior devido aos Fanáticos."

As pessoas ouviram em silêncio por um momento; mas então clamaram: "Pelo amor de Deus, você não pode seguir em frente, você estará indo em direção à morte certa! Abra seus olhos! Lá está Calmon! Não vê o brilho do fogo? Ou você pensa que o sol está nascendo agora, no meio da noite?"

"Eu estou cumprindo o meu dever", respondi em tom propositalmente seco, "que é buscar as mulheres e crianças. Quem de vocês tiver coragem pode vir junto. Não custa nada ajudar!"

Todos ficaram quietos observando; apenas o velho voltou a falar depois de uma pausa e suplicava: "Senhor Roberto, o senhor vai morrer, certamente morrerá se prosseguir!"

Eu não tinha nem tempo nem vontade para continuar prestando atenção a suas palavras de medo, e entrei então decidido na sala do diretor da estação.

"Boa *noute*! Nada de novo?"

"Nem um sinal de Calmon. Mas, de Nova Galícia, o diretor da estação está perguntando se o trem de passageiros pode seguir até aqui."

"Bom, ele pode vir!"

O telégrafo continuava em operação enquanto eu novamente saía da plataforma. O trem estava pronto para partir. Umás últimas palavras recheadas "Passa bem, volta ileso!", e então partimos, sem saber o que nos esperava nos próximos minutos.

Eu ordenei ao maquinista que parasse em cada Casa de Turma; além disso, proibi que o apito da locomotiva fosse acionado, para que permanecêssemos o máximo de tempo possível sem chamar a atenção. Essas Casas de Turmas não são paradas de trem no sentido que damos, mas são sim

grupos de pequenas e simples casas de madeira nas quais moram uma turma de cinco a dez trabalhadores com um capataz. Cada turma deve zelar por uma distância de sete a dez quilômetros de trilho. Pois todas estações ficam quinze a trinta e cinco quilômetros distantes umas das outras, de modo que é realmente impossível deixar que a ferrovia seja cuidada pelos trabalhadores das estações.

Era mais ou menos meia-noite quando paramos na primeira dessas Casas. As pessoas, que estavam sem saber de nada, vieram completamente transtornadas de seus cômodos. Foi-lhes dito que se preparassem para que as mulheres e crianças embarcassem no trem quando ele voltasse. O mesmo se repetiu em todas as Casas.

A paisagem havia se alterado nesse meio-tempo. Nós estávamos na serra, cerca de quinhentos metros de altitude acima de Porto União. O terreno ondedado se espalhava por ambos os lados da estrada de ferro. As escuras silhuetas das florestas de pinheiros recuavam distantes. Em contraste, pudemos perceber com uma precisão crescente o brilho do fogo de Calmon queimando, embora estivéssemos no mínimo quinze quilômetros distantes de lá. Devagar seguíamos adiante. Depois de percorrido aproximadamente um terço do trajeto, o calor já se fazia sentir claramente no lado do trem virado para o local que queimava. Na última Casa, a qual ficava na floresta e distante pouco mais de cinco quilômetros do fogaréu, encontramos um trabalhador polonês que nos disse ter testemunhado o ataque dos Fanáticos. Eu, evidentemente, pedi-lhe que narrasse o acontecimento.

"Ah, *Panje*,<sup>10</sup> eu não posso dizer muito, já que fugi o mais rápido que pude."

"Mas você deve ter visto alguma coisa! Onde está o diretor da estação?"

---

<sup>10</sup> Forma de tratamento de origem eslava, correspondente a senhor. (NdT)

"Ele está morto, *Panje*, e o inspetor também. Eram uns cinquenta homens que chegaram correndo e berrando 'Viva José Maria!' ou 'Viva Monarquia!'; eles mataram todos a tiros."

"Sim, mas todos não; você ainda está vivo!"

"Sim, mas eu fugi depressa; os outros ficaram por lá, e aí eu vi o diretor da estação morrer próximo à floresta e o zelador morrer em sua casa, e então os Fanáticos incendiaram as provisões de madeira."

"Mas então como você conseguiu ver tudo isso se foi embora rapidamente?"

"Ah, *Panje*, mas acontece que eu voltei sorrateiramente depois quando já estava pegando fogo. Saltitavam ao redor da pilha de tábuas em chamas como se fossem demônios negros."

"Vocês não querem voltar no trem levando mulheres e crianças?"

"Ah, não, *Panje*! Eles não fazem mesmo nada contra nós. Eles já estiveram aqui mais vezes e compraram víveres. Nós acreditamos que a intenção deles seja mesmo destruir a provisão de madeira da *Lumber Company*."

"Certo, vocês façam o que quiserem!"

Então eu fui ter com os meus companheiros, os quais consultei sobre qual decisão dever-se-ia tomar. Nós acordamos que as mulheres e crianças deveriam embarcar nos vagões, enquanto avançaríamos com a locomotiva. Devagar e quase sem fazer barulho, a máquina deslizava pelos trilhos em direção à escuridão misteriosa da floresta. Ninguém falava uma palavra, mas cada um empunhava seu revólver e se preparava para usá-lo. Eu esvaziei a caixa de balas, que comprei em Porto Único, no meu bolso da jaqueta.

Depois de algum tempo, entramos em uma clareira, a qual distava agora apenas dois quilômetros de Calmon, e aqui víamos o fogo ardente diante de nós. Os feixes de chamas atingiam o alto do céu, e a fumaça negra subia como um enorme fogo sacrificial. A cena era de uma beleza tão horripilante e era tão sublime, que pareceu impressionar até mesmo o maquinista. Pois ele desacelerou com a alavanca do vapor, de modo que a

máquina parou depois de pouco tempo. Calados, observávamos o mar de fogo, do qual nos parecia impossível nos aproximarmos e cujo ardor parecia querer nos repelir dali. Um instante depois, o brasileiro disse, com a voz marcada pelo nervosismo:

"Nós vamos mesmo entrar neste inferno?"

"Claro que vou entrar!", gritou o estadunidense exaltado, o qual era o gerente da serraria. "Eu tenho que ver o que ainda pode ser salvo!"

"A morte está lá à nossa espera!", exclamou o brasileiro.

"Que Calmon está queimando, isso nós podemos ver", disse o polonês.

"Mas o que pretendemos nós cinco, estando mal armados, contra os Fanáticos, os quais, em todo caso, já estão à espreita do trem de passageiros a fim de atacá-lo? E o que nós vamos fazer para combater o fogo?"

Para dar um fim à conversa-mole, propus que fizessemos uma votação, o que acabou sendo consenso. O estadunidense foi o único que era a favor de seguir em frente; todos os outros foram contra.

"Portanto, voltemos!", ordenei, e vagarosamente nos voltávamos de novo em direção à escuridão da floresta.

A coragem é uma coisa estranha. Refletindo racionalmente, seria considerado de fato loucura ir até Calmon, onde com toda certeza éramos esperados pelos incendiários assassinos. Mas nós não teríamos chegado a essa reflexão não fosse a parada automática do maquinista e não fosse a pergunta do brasileiro sobre o que deveríamos fazer. Teríamos ido em direção à morte certa, como pudemos ficar sabendo mais tarde.

Sem contratempo algum, atingimos a última Casa de Turma, acoplamos a locomotiva diante dos vagões e fizemos o trajeto de volta, silenciosamente. Em todos ainda estava viva a agitação da importante decisão, e nós estávamos todos alegres de ter escapado a esse perigo sem que por isso tivéssemos de censurar de alguma maneira nossa coragem viril. Trouxemos todas as mulheres e crianças das Casas de Turmas a bordo. As pessoas, agitadas, faziam uma algazarra que se supunha ser a de um navio de emigrantes. Nisso já eram quatro horas da manhã. Em São João, onde

todos dormiam o mais profundo sono, o diretor da estação me perguntou se poderia ir junto já que o telegrafista ficaria. Eu neguei, porém, ao bravo que viesse junto, uma vez que, em situações perigosas, cada homem pertence ao seu posto. Nós encontramos, em Porto União, o trem de passageiros, o qual já havia retornado muitas horas antes.

Nós estávamos mesmo muito exaustos devido às agitações anímicas passadas e tínhamos necessidade de descanso. Mas não dava para pensar em dormir. Pois agora era preciso se ocupar com ordens e telegramas. Os Fanáticos nos enviaram, em seu modo costumeiro, uma mensagem, fixando-a a uma vara quebrada e enfiando-a na terra entre os trilhos da ferrovia entre as estações. O conteúdo desse bilhete dizia mais ou menos o seguinte:

"Nós, José Maria, enviados pela graça da Santa Virgem e do São Sebastião a fim de melhorar o mundo e reinstaurar a monarquia, avisamos para as pessoas da ferrovia que devem abandoná-la imediatamente; pois, em dois dias, depois que destruímos São João, iremos em direção a Porto União, o qual também será aniquilado. José Maria."

Eu entrei na hora em contato com São João para saber se estava tudo tranquilo, a que recebi um sim como resposta. Era por volta das onze horas da manhã. Às treze horas, porém, o telégrafo insistia em não responder, e não era mais possível obter uma resposta. Assim, os Fanáticos cumpriram o prometido em relação à destruição de São João, e nós podíamos, portanto, esperar que viessem até nós em Porto União em dois dias! E então teve início um trabalho febril a fim de colocar a cidadezinha em posição defensiva. Recebemos um contingente de cinquenta soldados da vizinhança, e também os civis se armaram. Quem podia de alguma forma ia embora nos trens, de modo que a ferrovia se tornava um lucrativo negócio junto aos desagradáveis acontecimentos.

Passaram-se dois dias sem que se pudesse ver qualquer Fanático. Porém de repente surgiu o diretor da estação de Calmon como se tivesse voltado da morte! Nós não acreditávamos no que víamos, e já havia o rumor de que se tratava de um milagre. Sujo, sangrando e sem quepe, com

os olhos fundos, vinha cambaleante e jogou-se na cadeira colocada para ele. Recebeu logo todos refrescos imagináveis, de modo que pôde recuperar as forças depois de algum tempo e já se encontrava em condições de relatar o que ocorrera.

"O que aconteceu em São João?", perguntei.

"São João queimada, telegrafista morto, diretor da estação ferido!", exclamou ele.

"Mas o que são dos nossos nas Casas de Turma?"

"Em torno de vinte mortos; o resto fugiu para a floresta."

"E como você chegou até aqui?"

"Em Calmon, tiro no braço, a noite na floresta, a pé até São João... Lá já estavam os Fanáticos, tiro com bala de Mauser através do pulmão, a pé pela floresta até Galícia, então com o vagonete da ferrovia até aqui."

"E do que viveu nesses três dias?"

"De raízes e frutinhas silvestres."

"Qual é, mais ou menos, o número de Fanáticos?"

"Segundo a senhora Schiena, cujo marido eles mataram diante de seus olhos, são 194."

"A senhora Schiena está aqui?"

"Sim, com seus três filhos." <sup>11</sup>

Para poupar o coitado, não o interroguei adiante, mas sim deixei-o aos cuidados do médico. Então levantei-me a procurar a senhora Schiena. Ela era uma italiana determinada que, com o seu marido, tivera uma pequena loja e um restaurante em São João. Assim que me viu, levantou, lamentosa, as mãos e clamou: "Maria santíssima! Senhor Roberto, que desgraça!" E, sendo interrompida pelo constante soluçar, narrava o desenrolar dos fatos:

"Há dois dias por volta do meio-dia, os Fanáticos se esconderam no mato alto e avançaram sorratamente até estarem a uns trinta metros

---

<sup>11</sup> O assassinato do comerciante Luís Schena chamou bastante atenção na época. Dono de um hotel e uma casa comercial na estação São João, segundo relatos foi morto a facão na frente da esposa e filhos. Grafado nas fontes de diferentes maneiras, o formato "Schena" foi utilizado por uma filha em uma entrevista, muitos anos após o ocorrido. (NdH)

da Estação São João, onde evidentemente não havia ninguém no posto de vigia. Eles atacaram a estação fazendo uma gritaria ensurdecadora "Viva José Maria!". O grupo de defesa que havia ficou tão surpreso e perplexo, que de modo algum lutou, apenas foram dados alguns disparos; os Fanáticos empunharam imediatamente seus pesados facões e entraram dando golpes sem piedade. Nisso morreu mais ou menos metade das pessoas, enquanto que o resto conseguiu escapar. Todos que foram capturados também foram mortos. Meu infeliz marido estava entre eles. Eu me lancei aos pés do chefe e supliquei-lhe que poupasse meu marido, o pai de três crianças ainda pequenas. Ele disse que também tinha pena, mas que teria que cumprir os desígnios do santo de que toda criatura do sexo masculino acima de quatorze anos deveria ser exterminada. Um sinal... e meu homem, de joelhos, foi assassinado diante de mim e das crianças. Fui obrigada então a preparar café da manhã para os chefes e a confeccionar fitas brancas para os chapéus dos Fanáticos, eram duzentas fitas. Porém, depois de distribuí-las, ainda restaram seis, de modo que deveriam ser, portanto, cento e noventa e quatro homens. Depois que o bando selvagem ficou satisfeito, consegui fugir com meus filhos para a floresta, pela qual eu pude chegar até aqui depois de uma marcha terrível."

O que eu deveria dizer como consolo àquela desafortunada mulher? Nessas situações, lindas palavras não têm efeito algum. Além do mais, nenhum minuto podia ser desperdiçado. Profundamente abalado, eu a abandonei para conduzir os preparativos para a recepção daqueles monstros. Não seria mesmo possível contar com o sentimento e a misericórdia daquelas pessoas desumanas: então teria que ser assim - matar sem dó nem piedade.

Entretanto... eles nunca chegaram e nunca soubemos por que motivo. Talvez a consciência os tenha despertado para a razão. Mas do ocorrido pode-se concluir que mesmo pessoas pacíficas, como são os brasileiros, podem se transformar em bestas, se o fanatismo desmedido desbanca a civilização e compromete o verdadeiro homem.

## Fanáticos em São João

“Fanáticos em São João!”, berrou meu ajudante, abrindo com violência o meu escritório e permanecendo parado na porta com o gorro ainda na cabeça, a enorme boca de mulato escancarada, os braços estendidos e os dedos das mãos esticados.

“Você não quer ter a bondade de fechar a porta e tirar esse gorro?”

“Sim, mas os fanáticos...”

E então um movimento autoritário para a porta fez com que ele a fechasse e tirasse o gorro, mas daí começou a tagarelar que agora os fanáticos estariam falando sério e teriam enviado uma declaração dizendo que fuzilariam todos os soldados, tomariam a cidade de Porto, onde nos encontrávamos, converteriam todos nós à sua crença e quem não se deixasse converter também seria fuzilado.

Eu disse-lhe que “nós da ferrovia” não precisaríamos temer nada por enquanto e quando chegasse o momento deixaríamos nos converter por uns oito dias, até os fanáticos serem expulsos.

“Mas seu Roberto! O senhor não sabe que cada um que foi convertido é posto na linha de frente quando o tiroteio começa. Para que eles possam ver se a conversão ainda permanece!”

Este era, com certeza, um desagradável meio de provar a autenticidade da fé! Mas eu zombei do meu auxiliar, pois por enquanto os fanáticos ainda faziam uma propaganda pacífica da sua religião maluca. Mas parecia que a coisa tinha tomado uma cara totalmente diferente agora, até porque quando o capitão Matos Costa entrou na minha sala, ele pode confirmar o relato do meu ajudante, ainda que de uma forma um pouco diferente. E

também pediu que eu preparasse um trem-extra dentro de duas horas para que fosse a São João ver quais boatos eram realmente verdadeiros. É que hoje de manhã, quando ainda estava na cama, recebeu uma carta com uma ortografia horrível, na qual o frei José Maria<sup>12</sup> o comunicava que já era hora de se converter ou deixar a cidade imediatamente; pois a Virgem Maria o ordenou a agir e restabelecer a fé pura. O próprio Matos Costa não acreditava que as coisas estivessem tão ruins, mesmo assim viajaria para São João com seu escasso pessoal (apenas cinquenta soldados armados) para conversar com os fanáticos. Eu o adverti que nunca devemos subestimar o inimigo e que os sujeitos, como eu ficara sabendo, estavam armados com *Winchesters* e *Mausers* que haviam sido fornecidas pelo partido monarquista. Ele riu com desprezo e contou que já havia sido informado que os fanáticos queriam atacar; visto que fora sozinho ao acampamento, surgindo de repente no meio deles e, após conversarem educadamente, o deixaram partir sem machucá-lo. Então falamos sobre a montagem do trem e me ofereci como veterano para assegurar-lhe que de certa forma o trem protegeria os soldados abrigados dos tiroteios: só que isso levaria pouco mais de duas horas, motivo pelo qual ele recusou minha proposta. Então convidou a mim e ao meu colega, o engenheiro Gräml, para acompanhá-los na viagem, e concordamos desde que não chegassem ordens oficiais que não nos permitissem deixar a cidade. Isso era 1914 e nossos ânimos estavam tão instigados pelos feitos dos nossos irmãos heróis da Alemanha na longínqua Europa que também gostaríamos de emprender algo arriscado para manifestar nossa coragem alemã, já que não nos era possível ir à Europa, porque os navios de guerra britânicos bloqueavam o oceano. Daí eu telegrafei imediatamente para o diretor da ferrovia e pedi permissão para acompanhar o trem, contudo ele me respondeu que isso seria impossível, pois cinco trens com soldados de Ponta Grossa já estavam prontos para partir, e eu, como chefe de operações, não

---

<sup>12</sup> Refere-se ao Monge José Maria, naquele momento já falecido mas lembrado pelos rebeldes em suas ameaças, visto que parte deles acreditava em sua ressurreição. José Maria morreu em 22 de outubro de 1912, no combate do Irani, que deu início ao conflito do Contestado. (NdH)

poderia me afastar de Porto. Mas Gräml poderia ir. Então eu dei rapidamente a ordem para o referido trem-extra, e depois fomos juntos para a estação vermos os soldados do capitão Matos Costa que deveriam acompanhar a viagem. Minha Nossa! Que aparência tinham aqueles homens! Os uniformes, antes cor caqui, agora imundos e rasgados, muitos descalços, mas as espingardas *Mauser* em bom estado. O capitão quis manter a má impressão que o seu esquadrão nos causou, pois se queixou amargamente de seus superiores que o haviam enviado há meio ano aqui para a selva e, apesar de suas frequentes reclamações, não lhe remetiam o material bélico necessário. O próprio pessoal, aliás, por mais magro que estivesse, parecia forte e tenaz e aparentava estar tão despreocupado e alegre como se estivesse indo fazer um divertido passeio.

O trem estava pronto: a locomotiva, um vagão de carga, três de passageiros e um vagão especial da direção da ferrovia, o qual possuía uma grande plataforma de observação aberta. Perguntei novamente ao capitão se ele não queria por pelo menos a locomotiva atrás do trem, para que pudesse retornar rapidamente em caso de fracasso da expedição, pois o grande limpa-trilhos ou saca-bois, o qual se encontra na frente da locomotiva, arrastaria dormentes e pedras que fossem colocados pelos fanáticos nos trilhos. Mas ele zombou de mim e pediu que fizesse tudo como ele havia pedido. Os soldados subiram nos vagões e Matos Costa se sentou no vagão especial com o meu amigo Gräml e dois americanos que queriam observar as coisas. Eu ainda argumentei com o capitão que em todo o caso poderia tratar de enviar um segundo trem em meia-hora com um médico e equipamentos de primeiros-socorros.

O trem partiu e se arrastou serra acima em sinuosas curvas, em trinta quilômetros foram quinhentos metros de subida. Uma neblina esparsa se prendia como véu nas copas das árvores, que olhavam para frente de cima dos profundos vales. Os soldados estavam cantando, um deles puxou um violãozinho e dedilhava melodias monótonas cujos refrões os camaradas acompanhavam cantando pra dentro. Alcançou-se a primeira estação, ninguém à vista, já que eu, dias atrás, havia retirado todo o pessoal. A

locomotiva foi abastecida com água tanto quanto possível, pois não se sabia se mais acima as caixas d'água não estariam vazias. Então seguiram. Depois de uma hora alcançaram o topo e lá se estendia um campo ondulante que, ao longe, divisava com a sombria floresta de araucárias, enquanto que, mais próximos dos trilhos, espessos arbustos quebravam a uniformidade do campo. A cantoria do pessoal cessou, o capitão e Gräml inspecionavam o campo enquanto os americanos calmamente preparavam uma larga cartucheira para seus enormes revólveres *Colt*. A locomotiva deslizava num ritmo lento; não havia ninguém mais por perto; e mesmo o gado parecia desaparecer naquela superfície gramada. Mas de repente um grito cortou o silêncio, e em uma picada a uns cem metros um homem galopava gritando e chamando. Com o estrépito do trem não se podia entender muito bem o que ele dizia, mas o homem continuava acenando como se quisesse que o trem parasse e retornasse. O maquinista o conhecia e disse ao capitão que ele era um fazendeiro, e que seria bom ouvi-lo, pois acreditava ter ouvido: “fanáticos em São João!”, e seus movimentos de advertência indicavam que teria algo importante a dizer. O capitão riu ironicamente e disse que não deixaria seu pessoal se inquietar com as bobagens desses ingênuos “bichos do mato”. Gräml calou-se. Ele participara da guerra dos Bôeres contra os ingleses e conhecia a tática da guerrilha, mas não quis manifestar nenhuma objeção, ainda mais que os americanos concordaram com o capitão.

E o trem seguiu. Os arbustos se impeliam cada vez mais sobre a linha do trem. Gräml avisou ao capitão que eles se encontravam perto do quilômetro 315 e estavam a menos de três quilômetros de São João. O capitão o fitou: Será que ele havia lido em seus olhos que já era tempo de obedecer às mais costumeiras precauções militares? Quem sabe! Imediatamente ele deu o sinal para a parada do trem. Um rápido comando e os soldados desceram e formaram uma linha de tiro à direita; diante deles havia um brejo do qual algumas aves aquáticas levantaram gritando, de resto não se ouvia mais nada. Gräml correu até a frente e saltou para a locomotiva, enquanto o capitão tranquilamente parado junto ao trem observava seu pessoal. Os

americanos estavam na plataforma de observação do último vagão, quando um deles descobriu vultos furtivos passando silenciosamente pelos arbustos e disparou seu enorme *Colt*. Assim que o tiro retumbou uma sarivada do arbusto no outro lado do brejo cortou o silêncio. Dois soldados caíram e se contorceram agonizantes no chão. O capitão esperou tranquilamente o ataque inimigo parar, sem soltar seu pequeno cachimbo da boca. Os soldados deitaram no chão e começaram a atirar no inimigo invisível que estava escondido atrás dos arbustos. Os americanos saltaram do trem e fugiram pelos trilhos. O capitão assobiou e gritou para os soldados atirarem mais devagar, pois cada um possuía apenas cinquenta balas; porém só alguns seguiram as ordens, os outros continuaram atirando sem parar, enquanto os fanáticos, todos trilheiros e caçadores, concentraram o fogo na locomotiva. O maquinista saiu do seu posto e protegendo a cabeça com as mãos saltou no meio do carvão no tênder; o fogueira, um mulato de aparência selvagem, pulou para a alavanca de controle e a posicionou em marcha ré e lentamente o trem começou a regressar. Gräml colocou seu revólver na testa dele e o obrigou a fazer o trem voltar à linha de tiro. Um dos técnicos ferroviários que se encontrava na máquina levou um tiro na perna e não poderia ficar ali, pois os soldados-enfermeiros estavam em um vagão com seus parques materiais de primeiros-socorros. Gräml entregou seu revólver ao outro técnico que estava com eles e recomendou-o a matar o fogueira caso ele tentasse se aproximar novamente da alavanca de vapor. Então colocou o ferido nas costas e o carregou sob fogo inimigo até onde estavam os soldados. Em seguida virou-se para retornar à locomotiva quando o trem pôs-se em movimento com um solavanco, de forma que ele instintivamente pulou no degrau do vagão, enquanto o trem regressava numa velocidade cada vez maior, deixando o capitão e seu pessoal abandonados a própria sorte. Gräml saltou de vagão em vagão até a máquina, mas no tênder o maquinista meio enlouquecido sorria ironicamente para ele e apontando-lhe o revólver dizia que não deixaria ninguém ir até a máquina e que não queria morrer. Gräml não conseguiu avistar o técnico, que teria sido expulso da locomotiva, como constatou mais tarde.

Quando já haviam voltado uns dez quilômetros, Gräml conseguiu subir no tênder e de lá para a máquina, de onde o foguista saltou e correu sobre a passarela lateral ao lado da caldeira para a parte da frente da locomotiva. O maquinista deteve a máquina, todos saltaram, enquanto isso o foguista fugiu para a floresta, perseguido por alguns tiros. O maquinista tentou levar água novamente para a caldeira com o injetor, mas em vão, não estava funcionando. Então olhou ao redor da caldeira e viu que um tiro dos fanáticos havia furado o cano de conduta. Ele mostrou atônito a Gräml. E este o mirou sombriamente e disse: “pois então se alegre seu cachorro, porque agora não podemos voltar pra lá!”, e realmente seria uma loucura voltar lá, pois em pouco tempo não haveria mais água suficiente na caldeira, o fogo derreteria a chapa de chumbo colocada devido ao risco de explosão e o resto da água poderia apagar o fogo, enquanto que nós podíamos deslizar sem ele serra abaixo. Portanto o fogo não foi reabastecido e o trem desceu usando o seu próprio peso até a estação Nova Galícia. Lá estava o trem reserva e Gräml botou aquela máquina no seu trem e foi a todo o vapor morro acima.

Avidamente os olhos dos poucos soldados buscavam em cada árvore, em cada arbusto, de onde poderia repentinamente iniciar o ataque inimigo, mas um silêncio mortal reinava na mata fechada. Somente urubus circulavam a alturas vertiginosas. De repente um grito estridente atravessou o silêncio. Um soldado apareceu e fez sinais nervosos. O trem parou. O homem estava esgotado e contou em palavras entrecortadas que o capitão, quando o trem partiu, retirou-se com seus homens ordenadamente, depois que um quarto da sua tropa já estava morta ou ferida, mas aí eles receberam também ataques pelos flancos; então ele percebeu que seus homens já não tinham quase nada de munição, assim deu o sinal de retirada urgente e isso imediatamente resultou em uma fuga selvagem. O próprio capitão foi atingido no pulmão e seus dois suboficiais também foram feridos, mas teriam combatido até o fim, sendo vencidos pelo maior número de inimigos. Ele mesmo fugira, mas conseguiu indicar aproximadamente o local da última batalha; contudo não valia a pena ir até lá, pois era bem

sabido que os fanáticos não faziam prisioneiros e todos os feridos eram imediatamente assassinados. Gräml deixou o homem entrar e cautelosamente recolocou o trem em movimento. Depois de mais ou menos um quilômetro o soldado lhe fez um gesto para parar; e com as espingardas preparadas, os poucos soldados foram a uma clareira onde ocorreu a última batalha. Lá estava o capitão e a alguns passos dele os dois suboficiais. O capitão pressionava seu quepe contra o peito e a expressão em seu rosto parecia tranquila, enquanto as caras dos suboficiais estavam desfiguradas. As armas tinham sumido, com certeza os fanáticos as haviam levado. Não tinham tempo a perder, a qualquer momento poderia surgir dos arbustos as figuras terríveis dos inimigos. Portanto os cadáveres foram pegos e levados ao trem, que ficou parado por quinze minutos. Ainda souo horrivelmente a sirene da locomotiva no silêncio fúnebre da floresta para chamar algum disperso, mas ninguém apareceu – os fanáticos fizeram o trabalho completo. Então o trem regressou com cuidado, porque com os oito soldados que ainda não estavam feridos não se poderia revidar um ataque severo e também não havia caixas d'águas por perto onde a locomotiva pudesse reabastecer seu reservatório. Quando o trem chegou à estação Nova Galícia, um funcionário informou que nesse meio-tempo a comunicação telegráfica fora restabelecida e foram transmitidas a Porto as tristes notícias sobre a expedição malsucedida, e logo em seguida o trem foi posto em movimento levando junto à locomotiva apagada.

Quando o trem chegou em Porto, a cidadezinha estava um rebuliço. Foram preparados caixões para as vítimas e o sacerdote solenemente abençoava os restos mortais dos corajosos que haviam dado suas vidas no cumprimento do dever. Eu falei com o médico, Dr. Scylla, que havia sido um dos melhores amigos do falecido e que já havia sido companheiro dele em outras batalhas. Ele disse que a moral dos soldados remanescentes estava terrível, pois uma amargura sem igual havia tomado lugar e ansiavam por desforra. Gräml e eu ficamos na estação e olhamos apreensivos para o quartel próximo, de onde ressoavam queixas e bramidos abafados. Os soldados organizaram o pelotão na praça ao lado da estação, onde os

corpos dos mortos ainda estavam nos ataúdes; então um soldado saltou em cima de um montinho e fez um discurso ardoroso no qual ele proclamava os méritos dos mortos, mas começou a falar dos inimigos e exigia desforra de uma maneira terrível, e agora indicou com ênfase selvagem em direção a prisão próxima, onde alguns fanáticos ainda estavam presos, de repente rompeu uma gritaria que nem parecia mais humana. Então um grito: “Armas, armas!” – e num instante os soldados romperam de volta ao quartel, retornando em seguida a praça, cada um com uma arma qualquer na mão. Alguns poucos tinham espingardas, outros meramente baionetas brilhantes em punho e agora a multidão se encaminhava à prisão debaixo de uma gritaria ensurdecadora. O médico militar havia ficado ao meu lado, de repente ele arrancou e gritou: “Salvarei os prisioneiros!”, e vi sua forma insinuante desaparecer na multidão. Agora os primeiros já haviam atingido a prisão e impetuosamente ansiavam por sua abertura. Os soldados-policiais fugiram horrorizados. Machadas estalavam com estrondo contra o portão. Uma viga utilizada contra ele, que logo se abriu de todo. A multidão invadiu rapidamente. O Dr. Scylla igualmente alcançou a prisão, infiltrara-se pela porta dos fundos que os policiais fugitivos haviam deixado aberta. Nesse ponto a revolta enfureceu-se de forma mais selvagem. Com pressa ele abriu seu caminho em direção à cela dos prisioneiros. Cada soldado queria ser o primeiro a saciar a sede de sangue empurrando uns aos outros, duas espingardas surgiram prontas para atirar, quando subitamente em frente às grades, apareceu o tão conhecido uniforme do jovem médico que destemidamente mostrou o peito ao alvo das espingardas, “você são homens? São brasileiros? Ou serão bestas? Primeiro uma bala no meu peito e só depois nos prisioneiros! A vida de um prisioneiro alente e então

).

## Cavalgada Perigosa

Os fanáticos haviam ocupado o território entre os estados de Santa Catarina e Paraná. O governo havia mandado tropas e haviam ocorrido lutas. Havia feridos e mortos dos dois lados. Foi então que aconteceu algo muito estranho: Ambas as partes recuaram: as tropas a fim de se preparar melhor para a guerra na selva, os fanáticos por medo das tropas; pelo menos era isso que se acreditava.

Alguns homens voltaram da região das nascentes do rio Timbó, a qual tinham atravessado a cavalo sem encontrar ninguém; só viram casas queimadas e plantações destruídas. Havia diminuído o número dos urubus, que costumavam acompanhar em bandos as lutas no interior do país, para comer os restos de animais abatidos e os corpos de homens moribundos ou já caídos na macega. Os fanáticos denominavam a si mesmos de *santos*. Tinham o desagradável costume de matar os presos que haviam lutado contra eles. Cumpriam cegamente as ordens de seu messias e das virgens por ele declaradas como consagradas, que tinham visões e decidiam sobre a vida e a morte através de seus sonhos.

Em Porto da União vivia um velho fazendeiro que fugira dos fanáticos e deixara sua fazenda, seu gado e todos os seus pertences nas mãos deles. Ao ouvir que os homens também não haviam encontrado ninguém na proximidade de sua fazenda, decidiu andar a cavalo até lá, para buscar alguns objetos de valor que enterrara perto de sua casa. Montou assim em seu cavalo, conduzindo pela guia uma mula de albarda e iniciou seu passeio de madrugada. Durante seu caminho não topou nem com homens, nem com rastros de homens. À noite chegou em casa, desenterrou os objetos e carregou sua mula.

Mas de repente viu-se cercado por três homens, que se haviam aproximado silenciosamente pelo mato, carregando nas mãos *Winchesters* prontos para disparar. Agora é preciso saber que aqui no maravilhoso Brasil ainda não se conhece o grito de "*Hände hoch!*" (mãos ao alto!). As coisas acontecem, portanto, com muito mais calma. Isto é, o homem velho ficou parado e cumprimentou os chegados com um "*bon dia, senhores!*", mas no caso o gesto amável não foi retribuído. Os homens apenas perguntaram o que ele estava fazendo aí.

"Vim buscar algumas coisas da minha casa, e quero voltar para Porto da União."

"Você dificilmente vai conseguir isso", retorquiram, porque teria que ir com eles. Resignando, o velho se entregou ao inevitável, e, ao invés de dirigir-se ao norte, tomou o rumo sul onde se encontravam os fanáticos. No dia seguinte reuniram-se a um grupo maior de aproximadamente vinte homens que acampavam em barracas a céu aberto. Indicaram-lhe uma barraca pequena para dormir. Cansado, espichou-se no catre e adormeceu.

Durante a noite acordou e espiou ao seu redor. Não havia nenhum sinal de um guarda. Estavam todos dormindo.

Saiu furtivamente da barraca, engatinhando por um pequeno trecho. Depois se ergueu e entrou na trilha do mato na direção por onde tinham chegado. Mas de repente parou e começou a pensar, se realmente era prudente fugir; afinal de contas havia andado a cavalo um dia inteiro com os malditos sujeitos e levaria mais um dia até chegar em Porto da União, e agora teria que encarar todo esse caminho a pé com seus ossos velhos e cansados! Ainda por cima não havia comida em lugar algum. Apoderou-se do velho um tremor ao pensar em que os fanáticos iriam persegui-lo e alcançá-lo. Sentiu uma forte necessidade de sentar-se, e quase caiu de cansaço num velho tronco.

As estrelas brilhavam tão lindas e lá estava ele sentado, abandonado por todo o mundo. Sentia muitas saudades de sua prisão; e, ao chegar a esta conclusão levantou de um salto e voltou correndo com a maior precaução, aproximou-se de bruços ao acampamento, conferiu que todos

continuavam em sono profundo e chegou ileso até ao seu catre, onde caiu exausto e dormiu quase a manhã inteira.

No dia seguinte perguntou casualmente o que, afinal, ia acontecer com ele. O chefe respondeu secamente: “Por enquanto eu também não sei; mas mandei um mensageiro ao santo que deve voltar daqui a dois dias, e então veremos.”

“Mas o que é que pode acontecer comigo? Afinal de contas, eu não fiz mal a ninguém!”

“Isso não tem importância, pois nós só cumprimos as ordens do santo.”

“E o que é que ele costuma ordenar?”

“Depende do que o anjo lhe diz e aí só tem duas alternativas: Ou você será considerado digno de nos acompanhar e participar na nossa luta, ou o santo ordena que você seja fuzilado em seguida! Mas isso executamos rapidamente, sem que sintas muita dor.”

Dito isso, o chefe deu as costas. O velho sentiu uma forte tontura. Agora gostaria de ter fugido toda a distância que seus velhos pés teriam conseguido andar. Derrotado atirou-se ao seu catre, mas durante a noite não conseguiu encontrar a coragem de realizar sua fuga. Na manhã seguinte trouxeram um touro para ser abatido; o animal estava furioso e, portanto, foi segurado por dois laços. Havia pouca gente no acampamento. Lentamente e em silêncio o chefe aproximou-se com o facão para desferir-lhe o golpe mortal; sua vítima, porém, constantemente mudou de posição, e quando finalmente decidiu esfaqueá-la, falhou em partir a aorta, fazendo o animal agonizante pular para a frente, berrando e atirando ao chão as pessoas que seguravam os laços. Num instante atravessou a praça deserta e desapareceu no mato, arrastando os laços atrás de si.

Segundos depois todos os homens estavam correndo atrás dele, e de repente o velho se viu sozinho no acampamento. Olhou em volta, controlando todas as barracas. Não havia nenhum movimento. Mas espera aí - que cabeça era essa lá na beira do mato? Será que é um homem? “Não”, exclamou feliz da vida, “é uma mula!”

A mula estava de cabresto. Com o maior cuidado aproximou-se, agarrou o cabresto, deu uma última olhada ao acampamento, atou a ponta do cabresto na mandíbula da mula, subiu e, batendo o animal nos lados com os calcanhares mandou-o galopar pelo caminho pelo qual tinha chegado. No próximo cruzamento entrou primeiro na trilha principal, deixando vestígios bem visíveis; mas depois, aproveitando de uma parte rochosa do caminho, desceu e conduziu a mula pelo mato a uma trilha lateral. Orientando-se pelo sol, prosseguiu morro acima, morro abaixo, sem intervalo e sem sela, no duro lombo da mula, durante treze léguas<sup>13</sup>. Parou apenas para tomarem água e aguçar ao máximo os ouvidos a fim de distinguir sinais de perseguidores. Mas só se ouvia o canto das cigarras e os gritos graves e abafados dos bugios. Continuou sem parar; e quando por fim apareceu uma zona povoada onde estava seguro e se viu em frente de uma casa hospitaleira, o velho desceu da mula exausto. Pessoas prestativas carregaram-no para dentro. Tomou um pouco de leite, espichou-se numa cama e dormiu o sono do cansaço.

Muitas horas depois, quando acordou e conseguiu relatar sua aventura, perguntei-lhe: “O sr. me diga uma coisa: Como agüentou andar treze léguas nessa mula dura e sem sela?” Olhou-me pensativo e disse: “Pois é, não sei bem como agüentei! Provavelmente todos os meus sentidos estavam unidos nos ouvidos em alerta a possíveis perseguidores; e por isso nem notei minhas pobres nádegas. Creio que nos próximos quinze dias não vou poder sentar .”

---

<sup>13</sup> Equivale a 68 quilômetros. (NdT)

## O Banho de Assento

O inverno no Brasil, especialmente nas frias regiões do sul, é uma coisa singular. Às vezes o termômetro marca alguns graus abaixo de zero pela noite; então o campo amanhece coberto pela geada. Mas tão logo os primeiros raios decidem passar sobre as superfícies prateadas e a geada é visivelmente lambida como o sal pelas vacas, então somente na sombra ficam por algum tempo algumas faixas esparsas de geada. Mas assim que o astro-rei vai mais alto, a temperatura sobe rapidamente e chega até vinte graus na sombra. Assim é o inverno brasileiro! O que o brasileiro faz em tais dias excepcionalmente frios? Para tais situações ele tem um meio muito simples: quando a situação o permite, fica na cama até esquentar um pouco. Não há estufa nos quartos, ele pode no máximo se sentar em frente do fogão à lenha na cozinha. Ou procura aquele lugarzinho que já foi iluminado pelo sol, onde ele imediatamente encontra almas na mesma situação. Então se discute política e são contadas anedotas que muitas vezes são de conteúdo duvidoso e não servem para ouvidos sensíveis.

Tal idílio de inverno brasileiro não me era concedido, pois era empregado da ferrovia, como se pode depreender da seguinte história:

Nós éramos nove homens, todos a cavalo; voltávamos de uma exploração da nova ferrovia em construção e queríamos cavalgar para casa. Você sabe o que isso significa depois de se ter perambulado por meses no mato? Não, você não pode nem de longe imaginar, porque você não sabe como é a floresta virgem brasileira!

Quando eu ainda era um rapaz inexperiente e tinha muitas expectativas, em minha inocência sonhava com a floresta virgem. E quando

estudei na Alemanha, aprendi que se utilizavam mapas militares e em casa se faz o esboço do traçado da linha férrea, para só então ir para o campo propriamente dito. Contudo, quando eu fiquei à beira de uma verdadeira floresta virgem, todas as minhas expectativas foram por água abaixo. Além disso, aqui não havia mapas militares, nem mesmo mapas convencionais. Pois o que havia sob esse nome era três quartos de mera fantasia. Tentava-se achar um rio com um desses mapas e ao invés disso chegava-se a um morro, ninguém se espantava com isso, torcendo para que o rio procurado pudesse estar do outro lado do morro. Entretanto, não se deve ignorar que o Brasil é um país novo e que só conta com metade da população da Alemanha, mas é aproximadamente dezessete vezes maior em extensão. Com tudo isso, a floresta virgem é uma completa “*Terra incognita*”. Ela forma um emaranhado de todas as plantas imagináveis, de árvores, taquaras que se parecem com bambus da Índia, trepadeiras e madeira de corte espinhosa, de forma que nunca se pode ver o chão e saber onde se pisa. Deve-se ficar satisfeito quando se tem uma visão de dez metros. O avanço é extremamente fatigante e exige uma marcha própria para a floresta virgem, para isso levanta-se as pernas passo a passo e avança-se bem lentamente, como um cavalo marchador. Caso se quisesse mover os pés de forma normal e habitual, logo se daria com o nariz no chão. A esta comodidade, juntavam-se ainda os inumeráveis animais que povoavam a floresta. Na verdade eu já vi todos eles, nunca em uma floresta, mas sim nos jardins zoológicos na Alemanha. Pois na selva espessa eles são quase invisíveis. No geral, nas regiões mais habitadas, a caça não é quase praticada, pois cada jovem brasileiro já carrega uma pistola de caça no cinto, antes mesmo de atingir o décimo ano de vida. Essas pistolas são, na maioria, carregadas pelo cano de aproximadamente trinta centímetros de comprimento e fabricada para carga de chumbo. Para a floresta elas são muito mais manejáveis do que espingardas grandes; pois não se tem um campo de visão muito amplo e o seu poder de fogo é completamente suficiente. Com estas pistolas se atira em qualquer animal, indiferente de ser uma mãe ou filhote.

Mas voltemos aos nove homens a cavalo! Eu era o chefe da pequena tropa. Por volta das nove horas da manhã nós atingimos a margem do rio Putinga.<sup>14</sup> Quando o nível da água estava baixo, era fácil atravessar. Mas agora ele estava com todo o leito cheio, de modo que deveria ter de oito a dez metros de profundidade. A água barrenta corria com grande velocidade e não nos causava uma impressão muito confiável. Onde está a canoa? Ah, não havia nenhuma canoa à vista! E onde está o canoeiro? Este também não apareceu. Nós chamamos e gritamos por ele cada vez mais alto, e como isso não ajudou muito, atiramos para cima com nossos revólveres. Finalmente veio um homem de rosto amarelo-sujo por uma estradinha.

“*Bon dia!*”

“*Bon dia!* Como vai o senhor?”

“De saúde estou ótimo, mas me diga onde, por mil demônios, está a sua canoa?”

“Por favor, não se irrite, meu senhor! Paciência, paciência! O senhor quer saber onde está a minha canoa? Claro, está sobre a outra margem do rio! Se o senhor se posicionar aqui, poderá ver o outro costado”.

“Sim, sim; mas quem nos atravessará até o outro lado?”

“Veja, meu caro senhor, eu não quero arriscar a minha vida. Eu não vou buscar essa canoa nem por cinquenta mil-réis”.

“Sim,sim, mas o que faremos nós aqui?”

“O senhor pode esperar até que viajantes venham do outro lado ou atravessar nadando e pegá-la!” E maliciosamente sorrindo o corajoso canoeiro arrastou os pés de volta para sua cabana escondida.

O que fazer? Nós nos encaramos e fitamos as águas gorgolejantes até que eu, finalmente farto da indecisão, coloquei a questão de quem saberia nadar.

“Eu não”, opinou o primeiro desanimado. “Eu de modo algum”, balbuciou um outro inseguro. “Eu posso nadar um pouco, mas não nessa

---

<sup>14</sup> Refere-se ao Rio Putinga, pertencente ao atual município de São Mateus do Sul, no Paraná. (NdH)

correnteza”, objetou o terceiro. “E eu não nesse frio”, desculpou-se o seguinte. Então em fila eles me abandonaram.

“Vocês não valem nada!” explodi irritado. “Essa cambada mora ano após ano mais no campo que na cidade e não sabe nadar nem em caso de necessidade!”

Então pensei comigo mesmo, esperar aqui até que por acaso um viajante venha do outro lado? Nesse caso nós podíamos contar que precisaríamos esperar meio ou até um dia inteiro em uma região isolada como aquela! Não, de forma alguma! Meu olhar desamparado mirou de cima a baixo na procura de alguma tábua ou objeto semelhante que pudesse ser utilizado. Nosso velho capitão da infantaria costumava dizer que nós, uns malditos sujeitos, éramos preguiçosos demais para manter os olhos abertos, pois tudo que precisávamos estava à mão. E realmente a minha vista pousou sobre as taquaras gigantes que se encontravam na margem. Taquaras são mais macias e mais finas que bambus, chegam a atingir doze metros de altura e, no entanto na base mede somente de três a cinco centímetros. É encontrada em toda a parte, em alguns lugares sozinha, em outros formando um taquaral. Para o brasileiro, são tão indispensáveis quanto os coqueiros para outros povos. Dos tubos cortados ele trança suas cestas e até mesmo as paredes do interior de sua cabana, os tubos cortados mais fortes ele utiliza nas cercas, que, no entanto são às vezes defeituosas, e ainda para muitas outras coisas. Uma parte dessas estacas murcha depois de algum tempo, torna-se seca e flutua razoavelmente bem sobre a água. Caso elas não estejam rompidas, as cavidades isoladas contêm ar entre cada nó, funcionando, por assim dizer, como câmaras de ar.

Portanto eu mandei o meu pessoal apear, cortar com seus longos fações tais estacas secas e trazê-las. Estas estavam enfileiradas em uma distância de quatro a cinco metros e embrulhadas em dois feixes, sendo que nós utilizamos as taquaras verdes rachadas como amarras. Em cima disso foi amarrada uma ripa que estava na margem e que serviu como assento – e assim, a mais bela das jangadas estava feita!

“Seus chorões!” Bufei eu imponente. “Nadar vocês não podem, mas guiar uma canoa, todos conseguem muito bem! Quem de vocês senta sobre essa jangada, pega esta segunda ripa como remo e busca a canoa?”

Novamente um silêncio constrangido e então mil pretextos e desculpas! Eu involuntariamente lembrei-me do poema “O Mergulhador”<sup>15</sup> de Schiller ao ver estes valentes cavaleiros e escudeiros parados em volta sem coragem de entrar no abismo. Ficou claro para mim que eu não podia contar com esses heróis, então, meio contra a vontade, decidi tentar eu mesmo. Em primeiro lugar eu meti a mão na água corrente para testá-la. Uh, com os diabos, como estava fria! Eu estimei que dificilmente teria mais do que seis ou sete graus. Mas não tinha jeito. Então eu me despi até a camiseta de baixo e mandei a embarcação ser trazida para a água. Ela boiou perfeitamente. Mas coragem, vamos lá. Eu montei sobre aquela coisa oscilante e em seguida mergulhei as pernas na água gelada. HUUUUUUU! Sob o meu comando: “Já” os valentes e homéricos companheiros empurraram a jangada, de modo que ela veio comigo para a correnteza. Mas... que raios, o que estava acontecendo? Eu afundava cada vez mais e mais. Primeiro eu mergulhei as coxas, então, muito lentamente mergulhei também os prolongamentos da minha espinha dorsal. Uhhhh-hhh, literalmente me correu um frio na espinha! Um banho de assento bem deplorável nesta sopa gelada! Talvez eu tivesse utilizado poucas taquaras, de modo que elas não suportaram o meu peso, ou elas eram em parte permeáveis e permitiram que a água entrasse nas câmaras de ar. Resumindo, era uma situação extremamente desagradável. Além de eu precisar remar com toda a força para que a correnteza não me arrastasse consigo. Mais adiante a jangada esticou o seu focinho intrometido para fora das águas, igual a um golfinho que espreita, enquanto eu, um segundo Arion<sup>16</sup>, tomava o meu banho involuntário sentado sobre as costas da besta. Mas Arion pôde pelo menos tocar a sua harpa, mas eu precisei

---

<sup>15</sup> Referência a uma conhecida balada sobre um corajoso mergulhador escrita por Friedrich Schiller. (NdT)

<sup>16</sup> Figura mitológica grega que escapa da morte por afogamento, salva por um golfinho enquanto cantava um hino de louvor a Apolo. (NdT)

remar e remar, não queria ficar completamente abatido. Poesia e prosa, como vocês sabem, andam sempre tão próximas! Depois de longas disputas com as furiosas correntes, finalmente cheguei nas águas calmas e desembarquei, completamente acabado, ao lado da canoa fugitiva. Com grande esforço eu subi para dentro para me pôr de cócoras e descansar por algum tempo; os flancos do bote me protegeram razoavelmente do vento frio, e assim eu pude esperar até que o meu sangue agitado tivesse descansado do esforço sobre-humano. Então eu amarrei o “golfinho” à canoa e remei para o outro lado do rio onde o meu pessoal me recebeu com gritos de júbilo. Infelizmente só consegui soltar um rosnado feroz em retribuição e me apressei em vestir-me.

A travessia realizou-se agora sem incidentes, na qual os cavalos foram guiados pelo cabresto e podiam nadar ao lado da canoa. Quando eu quis ser transportado para o outro lado com os últimos quatro homens, finalmente o valente canoeiro voltou de lá arrastando os pés e observou a jangada com grande interesse. “Bela jangada!” opinou ele então com um sorriso maroto. “O senhor poderia deixar ela aqui para mim!” Mas eu me virei, e com um corte soltei a taquara que unia tudo, dei tal pontapé na jangada que ela voou na água que dançava na nossa frente. “Vá buscar a jangada se você tanto quer, seu palerma!” gritei para ele e mostrei o chicote, cuja linguagem penetrante ele entendeu muito bem; então ele retirou-se o mais depressa possível. Mas nós nos apressamos duas vezes mais rápido para o aconchego do lar.

## Quadros de uma revolução

“Levem esse cachorro pras estacas!”.

Mãos ágeis agarraram o infeliz espião federalista<sup>17</sup>. que havia se infiltrado sorrateiramente no terreno inimigo. Quatro estacas foram postas no chão, ao sol escaldante, o prisioneiro foi amarrado com tiras de couro cru nos pulsos e tornozelos e ficou com os braços e as pernas estendidos, tanto que seu corpo ficou suspenso alguns centímetros do chão, fazendo com que sua cabeça logo caísse pra trás, enquanto as correias cortavam a pele, sem piedade.

“Quanto tempo esse cara deve ficar pendurado?”.

“Deixe-o aí até amanhã cedo, então espero que já esteja morto!”.

As estacas foram a pior tortura empregada nas fronteiras castelhanas durante as guerras revolucionárias e foram adotadas pelos brasileiros.

Anoiteceu. A sentinela andava para lá e para cá e o prisioneiro gemia. Por fim o posto se tornou monótono. Ele verificou novamente as amarras, e como tudo estava em ordem foi para sua tenda. Por que deveria ficar vigiando, se aquele homem não poderia fugir. O vento noturno passava pelo infeliz, as estrelas estavam brilhando como se não soubessem nada a respeito da fera mais cruel, o homem. O prisioneiro perdeu a consciência. E quando acordou depois de algum tempo, se deu conta da horrível situação em que se encontrava. Então agitou violentamente seu corpo jovem e – graças a Deus! – conseguiu puxar seu braço mais para perto, a estaca

---

<sup>17</sup> O episódio narrado neste capítulo refere-se à Revolução Federalista, revolta ocorrida entre 1893 e 1895 no sul do país. Embora tendo origem no Rio Grande do Sul, estendeu-se para Santa Catarina e Paraná e ficou conhecida pela violência extrema, ao utilizar práticas como a degola dos inimigos. Até onde sabemos Helling não vivenciou diretamente esse acontecimento histórico. (NdH)

inclinou-se, pois não estava suficientemente enterrada. Mais um solavanco e ele caiu! Com um ímpeto selvagem o corpo do infeliz se virou de forma que ficou pendurado com as duas mãos na outra estaca, puxando-a com toda a força, esta também cedeu. Então ele se inclinou até as estacas dos pés, soltou-as também, ficando, desta forma, livre. Seu batimento acelerado voltava ao normal pouco a pouco. E se arrastando consigo as estacas, ele deslizou como uma cobra até se aproximar do leito do riacho. Nisso feriu sua mão em algo cortante, e apalpando, sentiu que era uma garrafa quebrada, então com a ajuda dela cortou as cordas e pode se livrar das estacas. Contudo o perigo ainda não havia terminado, pois o campo parecia sem fim, sem que a sombra de floresta houvesse oferecido cobertura. O prisioneiro ordenou seus pensamentos sobre que direção a tomar, e primeiro arrastando-se, depois em pé, afastou-se mais e mais do local de seu sofrimento. Mas quando amanheceu ele ainda não estava longe o suficiente. Sua respiração estava ofegante. O campo se estendia infinitamente, nada mais além de coxilhas, uniformemente cobertas com o capim seco do outono. Em parte alguma um lugar para se esconder, somente no horizonte a faixa esverdeada de uma floresta. Era lá que o infeliz desejava chegar. Quando ele chegava no topo de uma coxilha se arrastava de quatro e espiava para trás; e para descer andava agachado como um cão e ia devagar coxilha acima, apoiando as mãos inchadas nos joelhos para ajudar os pés cansados. Novamente subiu uma coxilha e o olhar se prendeu interrogativo para trás, mas imediatamente se fechou amedrontado e o corpo se estendeu no chão entre o capim alto; pois lá no horizonte o olhar fixo viu dois pontos se movendo, que ele acreditou serem cavaleiros. Procurou com a mão um pedaço de vidro da garrafa quebrada que ele tinha enfiado no bolso. Com a ajuda dele poderia cortar os pulsos e então deixar seu sangue correr tranquilamente, isso seria bem melhor do que cair nas mãos dos seus inimigos novamente. Mas eles o descobrirão? Um pequeno fio de esperança o invadiu. Está de quatro em cima da coxilha, então desce saltando e rolando e de novo lentamente coxilha acima e então mais uma olhada para trás. Um som estridente. Os cavaleiros estavam mais perto.

Ele continuava subindo e descendo as coxilhas! E o sol castigando. O infeliz ainda fez isso mais três vezes - até que eles o avistaram. Uma alegria selvagem e a caçada começa. À rédea solta o laço é atirado, mecanicamente se arruma a corda na mão esquerda, enquanto a direita só segura a laçada, ou armada, e duas pequenas argolas no pulso. A armada é tão grande que ela arrastaria no chão se estivesse parada, mas o ritmo do galope do cavalo e o rápido girar do pulso com o braço para cima formam um movimento circular sobre a cabeça do cavaleiro. Os cavalos bafejando cada vez mais perto da vítima. Estes animais de luta estão acostumados a caçar, quando os cavaleiros precisavam perseguir o gado fugitivo, e davam o seu melhor quando o laço girava sobre suas cabeças. O desgraçado corria segurando ainda o pedaço de vidro com o qual pretendia cortar o pulso. Ele virou quase toda a cabeça para trás e seus saltos se tornaram hesitantes. De repente um leve zumbido, uma sombra, um terrível toque e o laço o capturou, derrubando-o, e prendendo-o sobre o ombro e o corpo. Mecanicamente tentou erguer o impiedoso laço e cortar a corda com o pedaço de vidro, mas em vão. O corpo voou pelo ar, pois o cavaleiro virou o cavalo e começou a arrastar a todo galope pelo campo aquela infeliz massa, que já fora um homem. Então ele para. O segundo caçador de gente se aproxima, salta do cavalo e tranquilamente desembainha o enorme facão, e golpeia a jugular da vítima, então solta o laço, vê os cortes causados pelo vidro e diz para o companheiro: “Esse condenado cortou o teu melhor laço!”, virou se e ainda deu mais um chute no corpo enquanto o sangue escorria e formava uma poça marrom no chão. O laço foi enrolado, preso em uma tira na parte de trás da sela, fizeram um cigarro de palha e troteando voltaram para o acampamento.

O corpo ficou só na grama marrom, o sol queimava e já aparecia a uma altura vertiginosa o primeiro urubu, voando em círculos.

## 10

**Um tiro no coração**

A construção da estrada de ferro é uma coisa magnífica, quando se tem um bom contrato como empreiteiro, fiscais engenheiros simpáticos, sem muitas dívidas e um pouco de sorte. Mas aí de quem não tiver essas ótimas condições! Daí o empreiteiro briga, o mestre de obras xinga e os trabalhadores se revoltam, quando não recebem o seu pagamento. Nós estávamos mais ou menos nessa mesma situação desagradável. Nosso empreiteiro era um alemão, um homem maravilhoso, só que tinha quatro defeitos: em primeiro lugar, ele fora descuidado na redação do contrato; depois espalhou por toda parte que os fiscais engenheiros eram burros; em terceiro, geralmente ele não tinha nenhum dinheiro, somente dívidas, portanto seu capital de giro era imprestável, e quarto: não tinha sorte. Nós, mestres de obras, fizemos a nossa obrigação quando xingamos bastante, mas não exatamente no começo, e sim mais para o fim da infeliz história, quando o capital de giro havia sido usado na construção e a companhia criou mil dificuldades e formalmente pressionou o infeliz empreiteiro de acordo com o contrato. Pois naturalmente todos aqueles fiscais que tão generosamente haviam sido chamados de burros estavam contra ele, e além do mais o empreiteiro era, como se dizia, um alemão. A situação piorava a cada mês. Nós já não recebíamos o salário direito há oito meses, mas apesar disso não passávamos fome, pois lá havia um *armazém*. Era posto nesse *armazém* todo o dinheiro que se tinha e ainda se usava três vezes mais em crédito. Podia se comprar lá alimentos, botas, roupas e papel para cartas, ou seja, quase tudo que se precisava para viver, porém a um preço absurdo que subia sempre que o dinheiro se tornava escasso. A situação não deixava de ter uma certa graça e, quando surgiu o boato que

o tesoureiro tinha alguns mil-réis no caixa, tudo virou uma bagunça por lá; cada um andava sempre com seus recibos prontos e assinados. Eu me lembro que certa vez andei por uma semana com um recibo de trinta mil-réis, cerca de quinze marcos e tentei diversos ataques contra o caixa fechado, sem receber um mil-réis.

Como às vezes as pessoas precisavam de dinheiro vivo, surgiram então espertalhões com a ideia de tirar alguns sacos de açúcar ou algumas mercadorias do *armazém* e ir com o roubo até a cidade, para lá vender pela metade do preço. Mas isso funcionou apenas algumas vezes, depois calcularam quanto uma família de mais ou menos quatro pessoas poderia comer, mesmo que comessem muito, e a coisa terminou por aí. Foi muito emocionante! Às vezes acontecia do nosso chefe da contabilidade pedir um empréstimo para a firma. Eu nunca tinha visto um gênio das finanças como esse. Por vezes, vinha carregado com cinco ou dez contos de réis e aí era uma festa particular, quando se via novamente uma nota de cem mil-réis cara a cara, mas se tratava de um efêmero raio de luz no lado cinzento da vida. Cada um de nós e uma grande parte dos trabalhadores tinham alguns milhares de réis para exigir e o empreiteiro muito mais. No entanto, ninguém recebia nada. Ninguém podia desejar que os empregados trabalhassem com muita vontade e amor sob estas circunstâncias. Às vezes iam para o trabalho, às vezes não; e quando iam, trabalhavam tão mal que não dava para aguentar. Finalmente eu fiquei farto dessa coisa, fui ao chefe e pedi-lhe minhas contas; pois no fundo nós tínhamos pouco ou nada mais para fazer, nem no escritório nem no trajeto. Como eu sabia que as coisas estavam ruins, pedi-lhe dinheiro suficiente para que pudesse viver um mês com minha família e deixei a cidade.<sup>18</sup>

Porém, um amigo meu permaneceu lá, um outro alemão, da Vestfália, um homem grande, trabalhava como uma mula, era cuidadoso e bom. Este mestre de obras aos poucos estava ascendendo à direção geral, pois o empreiteiro raramente estava presente, ficava um pouco na capital do

---

<sup>18</sup> Esse é o único trecho em que Hellig refere-se a sua família, não tratando diretamente de esposa e filhos em nenhuma parte da narrativa. (NdH)

estado, um pouco no Rio de Janeiro mesmo e procurava de todas as maneiras conseguir seus direitos. Os cem quilômetros acertados foram entregues corretamente, mas o infeliz contrato dava aos seus inimigos sempre novos motivos para lhe prejudicar. Agora estavam querendo botar os trabalhadores contra ele, o que infelizmente estavam conseguindo. Várias reuniões já haviam se realizado e o bom amigo havia feito várias promessas vãs para acalmar o pessoal. Ele tinha um pouco do conceito europeu de honra, o que nessa situação não cabia muito. Em uma dessas reuniões dos trabalhadores haviam sugerido que eles queriam ir para a cidade vizinha, onde estava a sede da companhia e armados com revólveres e facas, iriam obrigar a companhia a pagá-los, visto que estava claro que o trabalho estava concluído e somente por uma trapaça a companhia não pagaria. O mestre de obras falou muito e então contou que tinha boas notícias do empreiteiro no Rio de Janeiro, que em três semanas sem falta traria o dinheiro e pediu ao pessoal para esperar só mais um pouco. Mas eles responderam que isso era prometido frequentemente, sem cumprir e que agora estavam fartos. Ai levantou o líder dos trabalhadores e intimou o meu amigo a prometer que iria com eles até a cidade para defender estas reivindicações, se o dinheiro não aparecesse em três semanas. Todos estavam de acordo e prometeram-lhe confiança total, demonstrando esperança de que tudo correria bem, se ele fosse junto. Meu amigo estava em uma terrível situação; no entanto a carta do empreiteiro era bastante otimista, pareceu-lhe como se as coisas pudessem ser apaziguadas apenas pela sua palavra e seria sua obrigação defender os interesses do seu chefe, o qual ele venerava. Com o coração pesado, fez a promessa exigida. Foi para casa e escondeu da sua mulher sua resolução de graves consequências. As três semanas passaram rapidamente e as respostas de suas cartas e telegramas eram muito incertas, quando eram respondidas. Os trabalhadores e seus líderes o pressionavam, mas ele sempre precisava fazer com que esperassem. Por fim se reuniram novamente, foram até a casa dele e exigiram o cumprimento da sua promessa. Ele pediu muito para terem mais paciência, mas em vão. O pessoal se armou e já não havia mais jeito

do mestre de obras tratar do assunto na cidade pacificamente. Não, eles queriam tocar fogo na sede da companhia e se necessário na própria cidadezinha. Eram mais ou menos 300 homens que estavam berrando. Meu amigo os olhava fixamente e recusava-se a acompanhá-los, visto que queriam ir armados. Sabia muito bem que se permitisse não teria mais controle sobre eles, ainda mais se conseguissem arranjar cachaça. Aí um deles jogou em sua cara que ele havia sido oficial alemão e que devia tratar de cumprir sua palavra. Então ele se endireitou, disse “bom, honrarei minha palavra e irei junto, se me for possível, vou me preparar!”, e entrou na casa.

O pessoal se regozijou de alegria. De repente um tiro vindo de lá! Todos ouviram. A esposa do mestre de obras correu pálida para fora e gritou “seus desgraçados, meu marido se matou!”, e retornou desolada para dentro. Começou um tumulto geral, alguns correram ao médico, outros tentaram penetrar na casa, mas a esposa corajosa só permitiu a entrada de alguns. Meu amigo estava deitado no chão, o sangue corria de seu peito; deitaram-no em um sofá, tiraram sua camisa, derramaram um pouco de água em seus lábios e cada um sugeriu uma coisa. Finalmente o médico chegou e fez uma cara séria quando viu que a abertura do tiro era do lado esquerdo, na altura do coração. Então ele o auscultou e sacudiu a cabeça.

“O que foi? O que foi?”

“O coração está batendo normalmente, não consigo entender!”

“Mas então onde foi parar a bala?”

O médico estava examinando o lado esquerdo do baleado quando esse teve um sobressalto; então pôs seu dedo um pouco para trás, virou o corpo, bateu de novo e de repente sentiu uma elevação, e quando tocou nela o corpo se contorceu novamente.

“Rápido, virem-no!” Ele abriu sua maleta, tirou um pequeno bisturi, fez um pequeno corte, pressionou e a bala estava em sua mão!

O mestre de obras se curvou para atirar, tanto que as costelas se uniram; além disso, a direção do tiro foi um pouco para o lado, por isso a bala

do pequeno revólver *Bulldog* deslizou por todo o corpo entre duas costelas e ficou presa atrás, pois a força do tiro da pequena arma não é muito grande. Por causa do tratamento do médico, logo meu compatriota abriu os olhos.

“Vejam que não poderei manter minha palavra!” Disse em voz fraca e perdeu a consciência novamente. Os trabalhadores reunidos se dispersaram, sem falar mais sobre ir até a cidade. Em duas semanas o mestre de obras estava tão restabelecido que pode deixar a cama. Porém, seu enorme sentimento do dever não conseguiu deter o fracasso do empreiteiro, mas a violência planejada foi evitada.

## Pagamento com contratempos

A construção do trajeto sul da linha férrea ia de vento em popa.<sup>19</sup> Eu era o chefe de setor; Dr. Alaro, o chefe da construção; o velho Mr. Ryant, nosso diretor geral norte-americano.<sup>20</sup> Dr. Alaro veio correndo ao meu escritório.

“Escute só que ideia absurda o velho teve de novo! Ele ainda acha que está na América do Norte, onde uma grande companhia pode fazer o que quiser”.

“E o que ele quer agora?”

“Como o senhor sabe, ele entregou contratualmente a construção do trajeto sul ao empreiteiro geral, o Dr. Salana<sup>21</sup>. Mas este o passou para trás com o contrato; pois o próprio Salana o redigiu, em função de Ryant não entender uma palavra de português. E agora Salana trabalha de modo que as obras de aterro sejam executadas sempre por ele, pois elas lhe rendem um bom faturamento, e, quando os transportes mais extensos começam, ele abandona a obra. É muito claro que não tem a menor intenção de terminar o trabalho, mas sim ficar com o seu dinheiro e se mandar. Contratualmente, Ryant não pode fazer nada contra ele”.

---

<sup>19</sup> Refere-se a construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande. Naquele momento a concessão desta ferrovia já se encontrava sob controle da Brazil Railway Company (BRC), de Percival Farquhar. Por ser empresa de origem norte americana, possuía vários engenheiros e funcionários daquela nacionalidade. (NdH)

<sup>20</sup> Trata-se do engenheiro Dr. Álvaro Martins, que naquele momento era Chefe da Construção. O americano Mr. Ryant era então o Diretor Geral da Construção da EFSPRG. Em algumas fontes jornalísticas seu nome aparece grafado como Bryant e identificado como “representante da Companhia no Estado” (vide, por exemplo, o *Diário da Tarde*, de Curitiba, de 07/07/1908). (NdH)

<sup>21</sup> Trata-se de A. Saldanha, um brasileiro identificado pelo jornal *O Dia*, de Florianópolis, como engenheiro (O DIA, 10/09/1908) e que foi empreiteiro geral da Linha Sul da EFSPRG até agosto de 1908. (NdH)

“Então o que o velho quer fazer agora? O senhor falou de uma ideia absurda dele.”

“A ideia absurda é a seguinte: eu, justo eu, devo ir ao mato com o tesoureiro, reunir os mestres de obras americanos, esclarecer ao Salana que ele não pode prosseguir o trabalho e deve dizer aos seus operários que receberão seu dinheiro diretamente da companhia, isto é, de mim. Eles só precisam apresentar um recibo de Salana que eles teriam tanto a receber.”

“A ideia não é nada má; pois desta forma os trabalhadores vão querer forçar Salana a lhes dar os recibos, em troca dos quais eles vão receber o seu dinheiro e também mais trabalho da companhia, supondo que Salana se deixe ser forçado”.

“Sim, isso é verdade, ele não vai se deixar levar! E aí há um terrível tumulto, eu fico no meio da história e um e outro vai exigir o dinheiro de mim, por bem ou por mal. O senhor quer saber de uma coisa, senhor Roberto, venha junto. O senhor tem estado mais tempo envolvido com a obra e tem mais experiência do que eu nesses perigos”.

Eu refleti. O trabalho na empresa estava tão entediante, enquanto lá no mato poderia ser muito mais interessante. Então decidi ir junto. O Dr. Alaro ficou contente e me garantiu outra vez que nunca se esqueceria de mim. A expedição partiu na manhã seguinte com um trem extra, e nós chegamos na última estação pela noite. Adiante só era possível ir sobre mulas e cavalos. Éramos um total de nove pessoas. Em Porto, o engenheiro do governo uniu-se a nós. Os mestres de obras americanos chegaram na manhã seguinte. Mas quem não apareceu foi o Dr. Salana, apesar de ele ter sido especialmente convidado. Nós tínhamos o dinheiro conosco, duzentos Contos de réis, aproximadamente cem mil *Reichsmark*.<sup>22</sup>

Então um conselho de guerra foi reunido para decidir sobre o que seria feito da atitude do Dr. Salana. O Dr. Alaro estava inclinado que se deveria aguardar aqui na estação, mas os americanos votavam por se cavalgar tranquilamente com o dinheiro até o último mestre de obras. Eu

---

<sup>22</sup> Moeda vigente na Alemanha na época em que o texto foi escrito. (NDT)

propos que se devia cavalgar, mas que deveríamos deixar o dinheiro lá na estação. Pois lá havia um cofre forte e pessoas que pudessem o vigiar, mas lá no mato nós estávamos entregues tanto ao Dr. Salana como ao seu pessoal; mesmo que nós pudéssemos voltar, estes nunca permitiriam que o dinheiro nos acompanhasse. Os americanos – quando falo de americanos, refiro-me aos norte-americanos – riam e troçavam de nosso medo, diante do que repliquei que medo e extrema imprudência são duas coisas bem diferentes, e, além disso, eu realmente queria que cavalgássemos até Salana, só o dinheiro deveria ficar; de resto eles poderiam fazer o que bem entendessem, já que eu estava ali só por diversão mesmo. Depois disso os americanos se desculparam, mas realmente não havia sinal de perigo e eles já tinham vivido com o Dr. Salana e seu pessoal e por isso deviam saber mais do que nós. Dr. Alaro hesitou no que ele devia fazer, mas os americanos sabiam como o convencer e ficou decidido cavalgar pelo mato com o dinheiro. Todo o conselho não havia durado um quarto de hora e logo depois do café da manhã partimos. Na frente iam os dois americanos sobre cavalos muito bons, depois vinha o Dr. Alaro, atrás dele um criado cuja mula levava ambos os cofres cheios de dinheiro sobre a albarda no cabresto, a seguir o tesoureiro, depois eu, o engenheiro do governo e os outros. Nós tínhamos mulas de carga para cavalgar, que sobre caminhos ruins são mais seguras do que cavalos. A trilha sobre a qual nós cavalgávamos levava acima sobre o divisor de águas do “*Rio Timó*” ao “*Rio do Pixe*”,<sup>23</sup> morro abaixo a uma magnífica floresta de araucárias, uma vez que as copas dessas árvores só se expandem bem no alto se podia acreditar que se estava transplantado numa maravilhosa catedral, na qual uma segunda vegetação mais baixa e brenhas se estendiam até meia altura. As araucárias são as únicas coníferas conhecidas por estas paragens, mas que diferença entre elas e os nossos pinheiros e abetos! Até a altura de mais ou menos quinze, metros as araucárias jovens mantêm a forma de nosso abeto, mas então se estendem e a cada ano perdem mais ramos inferiores

---

<sup>23</sup> Refere-se aos Rio Timbó e Rio do Peixe (território catarinense). (NdH)

e quando atingem a idade de vinte e cinco anos mais ou menos, formam ano após ano outra copa, na ponta da qual os galhos ficam estreitamente apertados e curvados para cima, de modo que se forma em cima quase uma superfície. A disposição dos ramos tem a maior semelhança com a forma de florescência de nosso milefólio conterrâneo, só que os troncos têm de vinte e cinco a quarenta metros e até dois metros de diâmetro. Olhando-se de cima para um desses vales revestidos de araucárias, parece como se houvesse uma segunda camada e solo no alto. Quando a árvore é pequena serve como árvore de Natal para nós, alemães no Brasil; mas enfeitar a árvore é consideravelmente mais incômodo, pois as agulhas são largas e cada uma é guarnecida com uma ponta que pica desagradavelmente. O tom de cor de uma floresta de araucárias é um melancólico verde-acinzentado.

Então nós cavalgamos nesta catedral natural em um lusco-fusco, onde não se falou muito, pois a trilha a cavalo era tão estreita que somente se podia cavalgar um atrás do outro. Atravessamos muitos riachinhos, os animais passavam com água até a barriga, quando o fundo era firme; ou então eram construídas pontes de troncos de árvores cobertos de arbustos e terra. Mas todos esses trabalhos eram feitos com pressa e logo a terra sobre os arbustos se desfazia, muitas vezes formando buracos através dos quais os animais pisavam fundo e cada vez havia uma nova interrupção, sempre que havia tal agradável pontezinha para passar. Um sinal da inteligência das mulas era seu comportamento quando chegavam em uma dessas pontes. Elas paravam, curvavam a cabeça com um ofego baixo até o chão, iam com o focinho testando a má resistência da cobertura ou atravessavam cuidadosamente passo a passo ou davam um pulo até a outra margem firme. Em tais passagens o cavaleiro deixa as rédeas bem frouxas e o próprio animal decide como fica melhor.

Finalmente chegamos à casa do último mestre de obras americano que nos acolheu com um aperto de mão. Para recuperar nossas forças, primeiro foi oferecido um solene coquetel e então construída uma longa mesa com duas tábuas, sobre a qual foi servido o almoço. Havia o

inevitável feijão preto com arroz, mas também conservas e vinho, pois os senhores americanos não viviam mal; eles tinham exigido “com alimentação” no contrato, e desta forma não se alimentavam nada mal; havia até mesmo Champanhe na barraca. Quando eu perguntei ao americano se ele também colocaria isto na conta, ele riu e disse:

“Mas como vocês alemães são certinhos! Nós alegamos que os cavalos comem mais milho”. Depois do almoço foi servido o forte e habitual café que os americanos “diluíam” em um pinguiño de whisky, então nos sentamos em volta da lareira que os americanos haviam construído de barro e pedra; pois não estava muito quente. Então novamente foi reunido um conselho de guerra, mas que desta vez teve uma cara bem diferente do que o da última estação. É que o americano, em cuja casa nós estávamos tinha uma opinião completamente divergente da dos seus senhores colegas e disse claramente que nós tínhamos cometido uma enorme levandade em trazer o dinheiro pelo mato. Dr. Alaro começou a lamentar-se e acusou os outros americanos, estes se defendiam, eu ria, o tesoureiro amaldiçoava; era uma discussão bastante animada. De repente bateram à porta e entrou ninguém mais ninguém menos do que o próprio Dr. Salana em pessoa. Era um homem gentil de olhar enérgico e de aproximadamente trinta anos, com bigode ousado, olhos pretos e astutos e uma boca amigavelmente sorridente. Ele nos cumprimentou e garantiu que se alegrava imensamente de nossa vinda; e que, além disso, tínhamos sido muito gentis por já termos trazido o seu dinheiro e por isso ele nos era especialmente agradecido. Dr. Alaro o contrariou dizendo que ele estava equivocado; pois o dinheiro que nós tínhamos conosco seria destinado a pagar o seu pessoal, e diretamente. Ele então quis ter a cordialidade de dizer que cada um receberia de seu pessoal um recibo de quanto teriam para receber, então o tesoureiro os pagaria. O Dr. Salana fez uma expressão maliciosa, soltou uma risada resoluta e achou que tudo aquilo deveria ser uma grande brincadeira; pois ele não havia encarregado ninguém de pagar o seu pessoal e seu contrato estava registrado devidamente. O Dr. Alaro, que não era nada razoável, manteve uma longa conversa com ele e acabou dizendo que ele

deveria executar agora mesmo a ordem de nosso chefe, o senhor Ryant. O Dr. Salana replicou com seriedade que não daria a ninguém do seu pessoal um pedacinho de papel como recibo; mas ele deixou bem claro que faria todo o possível para conter o seu pessoal, mas que estes dificilmente permitiriam que o dinheiro que nós havíamos trazido tão escancaradamente, retornasse conosco. Infelizmente havia muitos maus elementos entre eles. Em seguida, o engenheiro do governo tomou a palavra, seguido por muitos outros, sem apresentarem algo de interesse, e por fim o Dr. Salana se despediu e disse ao se retirar que deveríamos pensar melhor no assunto. Quando ele se foi, a atmosfera ficou pesada e angustiante e finalmente foi decidido entrar em contato telefônico com o Mr. Ryant, o que também aconteceu. Mas este também não deu uma resposta definitiva e enquanto isso, a noite se aproximava. No lusco-fusco eu vi pessoas armadas andar às furtadelas em torno da casa e comuniquei aos senhores, cuja calma não se abalava. Ainda não se havia chegado a nenhuma decisão e depois do jantar todos estavam cabisbaixos. Armados estávamos todos, mas ninguém resistiria muito bem, se um ataque geral tomasse lugar e uma parte dos trabalhadores tentasse tomar posse do dinheiro. Mas por outro lado, era de se acreditar que o Dr. Salana não permitiria isso. Parecia-me que até mesmo ele estivesse com o pessoal que silenciosamente rodeava nossa casa, possivelmente porque temia que nós fôssemos tentar fugir com o dinheiro sob o manto da noite. Por fim o americano, em cuja casa estávamos, sugeriu que fôssemos dormir. Ele tinha três camas que nos colocou à disposição. Ele próprio iria dormir sobre uma esteira. Dr. Alaro declarou querer dormir na cadeira de balanço, sobre a qual ele estava sentado, e a maioria dos outros também não quis ir para a cama. Eu disse que não havia ameaça de perigo, pois acreditava que o próprio Dr. Salana nos protegeria, não por amor a nós, mas sim por amor ao dinheiro que ele esperava receber de nós. Finalmente fomos, eu, um americano e o engenheiro do governo para a cama, os outros acamparam sobre cadeiras e esteiras.

Na manhã seguinte se voltou para lá e para cá com as negociações, pois o *campamento* do Dr. Salana ficava a menos de um quilômetro do outro lado do barranco, através do qual murmurava um riacho. Eu me aborreci e reclamei de não termos um mero jogo de xadrez e alguém com quem se pudesse jogar. “Eu jogo”, disse o secretário do Sr. Ryant. Tratava-se então de encontrar somente um jogo. Naturalmente que não havia nenhum lá. Mas é preciso saber se virar. Um tabuleiro foi improvisado sobre um papel de desenho; agora tratava-se de conseguir as peças. Eu sabia que no *campamento* de Salana havia uma farmácia, de onde eu queria arranjar frascos de cortiça de diferentes tamanhos que podiam servir como peças. Desci primeiro um barranco e depois subi um morro em direção ao *campamento* do Dr. Salana e procurava pelas cortiças na farmácia, quando ouvi gritos e discussão. É que nesse meio tempo uma tropa de trabalhadores havia chegado ao outro *campamento*, no qual nós havíamos passado a noite e nosso indiscreto tesoureiro os havia instigado e disse a eles que deviam somente receber um recibo do Dr. Salana, que pagaria imediatamente. Então eles desceram o morro de assalto e exigiram o recibo. O Dr. Salana sacou o seu revólver e perguntou a eles se queriam receber o recibo na cabeça ou na barriga; os empregados e encarregados de Salana precipitaram-se para fora da casa armados com espingardas Winchester; os dois americanos e o engenheiro do governo procuraram intervir; os trabalhadores puxaram suas facas, alguns revólveres, todos gritavam numa bagunça. O terceiro americano estava escorado na parede da casa, eu me juntei a ele. O engenheiro do governo gritou: “Eu sou a autoridade! Sem derramamento de sangue!” e tomou dos empregados algumas espingardas, mas estes saltavam para dentro da casa e imediatamente voltavam para fora armados com novas espingardas. Era um tumulto indescritível. Eu tinha o revólver pronto para disparar no bolso do casaco, caso alguém viesse muito perto da barriga. O americano, ao lado do qual eu estava, tinha os braços cruzados sobre o peito, de modo que seu revólver descansava fora da vista embaixo da axila, uma ótima pose, que em tais situações me chamava a atenção. Eu me senti como se estivesse no teatro ou na

“Dança das Bruxas” no Blocksberg.<sup>24</sup> De repente o americano disse: “*God-dam*, mas que sociedade engraçada é essa aqui! Todos gritam e ninguém atira. Com a gente antes se atiraria e depois se gritaria”. E realmente: todos pareciam querer resolver tudo aos gritos. Mas finalmente os trabalhadores se convenceram de que eles não poderiam fazer nada contra as espingardas, de modo que agora o Dr. Salana pôde tomar a palavra. E como tomou! Foi uma discussão trovejante; não contra os trabalhadores, mas sim contra a companhia que se atrevia a intervir em seus sagrados direitos e que somente esperava pagar os trabalhadores e então despedi-los, já que ele sempre se preocupava com eles como um pai fiel. O dinheiro já estaria aqui; os trabalhadores receberiam tudo se eles se mantivessem fiéis a ele. Ou eles pensavam que o dinheiro seria devolvido? Ele deteve-se e os observou questionador. Por um segundo tudo ficou calmo, mas então arrebentou e todos os olhos reluziram compreensivos.

“Naturalmente o dinheiro está aqui; e morre quem quiser devolver!”

“Sem violência, pessoal!” advertiu então Salana. “Tudo como manda a lei”.

“Sim, isso é tudo que nós queremos, tudo como manda a lei!” – e então desataram numa gargalhada barulhenta. Os americanos, que não tinham entendido tudo em português, me pediram para traduzir para o inglês, o que eu fiz imediatamente e com secreta alegria.

“Sim, mas o que tudo isso quer dizer?” perguntou um incerto.

“Quer dizer”, devolvi, “que agora os trabalhadores estão de acordo com Salana em nos torcer o pescoço se nós nos atrevermos a levar o dinheiro de volta!” E com isso o deixei lá parado, meti a mão no bolso para sentir se tínhamos cortiças suficientes para jogar xadrez e voltei passeando para o nosso *campamento*. Lá chegando, eu disse em belas palavras para o tesoureiro que ele era um burro, caminhei até o americano que era dono do apartamento e perguntei a ele se teria muita roupa suja. Ele me

---

<sup>24</sup> Ritual germânico pagão conhecido como noite de Walpurgis em que as bruxas voam para o topo de uma montanha e dançam em torno de uma fogueira. Celebrado na noite de 30 de abril para 1º de maio. Aqui o autor se refere à balbúrdia que as bruxas supostamente fazem. (NdT)

observou como se eu tivesse ficado louco, mas então disse hesitante que sim, mas depois entendeu. Então eu agarrei o tesoureiro pelo braço e o arrastei junto com o americano para o quarto de dormir deste. Lá eu os anunciei o plano de esconder uma parte do dinheiro em cédulas na roupa suja do americano, precisamente oitenta contos de réis (= 40.000 marcos), e falar que nós só havíamos trazido cento e vinte contos. Os americanos queriam morrer de rir. O tesoureiro buscou o dinheiro, nós repartimos oitenta contos em notas grandes e as escondemos na caixa velha e suja do americano e avisamos o Dr. Alaro, que estava de acordo com todos e só tinha uma ideia: sair dali o quanto antes. Ao engenheiro do governo nós não dissemos nada a respeito da divisão do dinheiro, mas sim falamos só dos cento e vinte contos, para que ele involuntariamente nos ajudasse a mentir. Tudo saiu como planejado. Enquanto o Dr. Salana, o Dr. Alaro e os americanos negociavam e conversavam ao telefone com Mr. Ryant, eu fiquei o tempo todo sentado ao tabuleiro de xadrez com o próprio secretário, e só de vez em quando lançava uma olhadela para os debatedores. Finalmente foram feitas as pazes. Primeiro o Dr. Salana não quis acreditar que nós tínhamos trazido somente cento e vinte contos, mas aí também o engenheiro do governo o garantiu, ele cedeu e recebeu o seu dinheiro, deu um recibo de que ele havia recebido a quantia “a conto” e retirou-se. Nesse meio tempo, a tarde já havia chegado. Nós tínhamos jogado três partidas de xadrez. Os cavalos e mulas foram preparados e a marcha de volta teve início. Mas os 80 contos nós trouxemos de volta, enrolados no saco feito com o casaco do tesoureiro.



August Suiter. **Trabalhadores.** Negativo em vidro cristal, 13 x 18 cm, s/d.  
Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG).  
Acervo: Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina, Florianópolis/SC.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Agradecemos ao historiador Luiz Carlos da Silva pela presente imagem, coletada em sua pesquisa de pós-doutoramento. (NdH)

## Nosso amigo Thaty

Ele não era exatamente nosso “amigo”, mas quando voltava a fazer das suas dizia-se imediatamente: “O amigo Thaty aprontou uma boa de novo!”. Ele era um pequeno empreiteiro na construção da ferrovia, um italiano, napolitano, desaforado, ignorante, simpático e atrevido, mas ainda tinha uma ótima qualidade: fazia uma sopa excelente, e eu tenho quase certeza que ele nunca na vida foi engenheiro ou algo parecido, mas somente o cozinheiro de um deles.

Os trabalhos que ele fazia eram muito ruins. Eu me lembro que ele construiu uma ponte provisória e eu fui mandado para vistoriá-la. Lá o amigo queria me levar para tomar o café da manhã com ele de qualquer jeito. Provavelmente tinha imaginado me dar tanto vinho que eu não teria conseguido ver nada. Mas ele fracassou; eu fui primeiro até a ponte. Meu Deus, que coisa era aquela! As vigas eram tão fracas que nem uma carroça poderia passar, muito menos uma locomotiva. Quando nós voltamos, ele tinha esquecido completamente que havia me convidado para o café da manhã!

Ele tinha um trem a sua disposição, para aumentar os aterros. Pois lá estava ele, no primeiro vagão e dava sinal de partida com um tiro para cima e o sinal de parada com dois. Isso parecia muito exagerado, mas devia servir também para conter seu pessoal; pois tinha brigas constantes com eles e tentava enganá-los de todas as maneiras.

Mas uma vez ele sofreu uma injustiça. Foi um sueco, um gigante, o qual exigiu seu ajuste de contas.

“Agora, meu caro, vamos ver o que você me deve!”

“Eu devo ao senhor? Estás sonhando!”

“Calma, amigo! Você trabalhou um pouco, deve mais um pouco na cantina, foi meio atrevido e por isso eu descontei mais um pouco, portanto você fica me devendo ainda um pouco. Concorda?”

O sueco sorriu.

“Por favor, o senhor poderia verificar minhas contas mais uma vez?”, e nisso ele larga um pedaço de papel e uma faca sueca, conhecida como *knölleknif*, sobre a mesa.

“O que significa essa faca?”

“Veja bem, seu Thaty, talvez eu conheça o mundo um pouco mais que o senhor! Já estive na Índia, em Java e ainda fui policial em Nova Iorque. E eu sei bem como lidar com pessoas do seu tipo! Se eu não tiver meu dinheiro na minha mão até amanhã ao meio-dia, então o senhor terá esta faca em seu bucho!”

Thaty olhou-o e viu os olhos duros como vidro, então também riu.

“Quer saber, aqui está o seu dinheiro! Mas agora faça o favor de ir embora imediatamente; de pessoas como o senhor eu não preciso!”

“Eu bem sabia que nós íamos nos entender, meu caro Thaty”, e rindo amigavelmente o sueco desapareceu.

O presidente da companhia veio do Rio de Janeiro. Quando nós chegamos com o trem extra na secção de Thaty, encontravam-se bandeiras e guirlandas por toda parte. Thaty nos recebeu em seu rancho e pediu ao presidente, que tomasse um modesto café da manhã junto com todos os demais convidados. Este aceitou, mas ao invés de um modesto café recebermos um opulento banquete, que certamente teria custado uns mil marcos ao vigarista. No entanto ele sabia por que tinha gastado o dinheiro; pois conhecia sua gente. Quando nos foi oferecido champanhe, ele começou um brilhante discurso, elevou o presidente às alturas e disse que ele teria somente o desejo, que a estação, que passaria muito perto dali, levasse o nome do nobre presidente e que lhe fosse permitido poder saudar desde já as terras que levariam seu nome. Para isso seria necessária somente uma pequena mudança, isto é, que a estação deveria passar aqui

pelo lugar, onde eles agora se encontravam; e finalmente, seria indiferente se a estação fosse posta um ou dois quilômetros mais adiante ou atrás. O presidente perguntou ao engenheiro-chefe e este não teve coragem de dizer-lhe que infelizmente o lugar escolhido seria ruim, pois uma parte do trajeto teria de ser posto no nível na subida, para isso as subidas que existem antes e depois da estação teriam de ser elevadas consideravelmente. Ele disse então, que mandaria fazer e uma troca de cortesias geral começou, e Thaty foi o herói do dia. Então mais tarde ficamos sabendo que toda aquela terra ali pertencia ao Thaty e que agora ele podia revendê-la a um preço exorbitante. O negócio já valeu o café da manhã.

Eu não gostava dele, pois ele fazia um trabalho muito ruim e então finalmente consegui que o resto do trabalho fosse terminado pela própria empresa. Evidentemente ele não gostava de mim também, mas oficialmente nós tínhamos que nos entender e por isso éramos duplamente corteses um com o outro. Como ele era benquisto por aqui, o engenheiro-chefe deu-lhe o monopólio do fornecimento dos alimentos, especialmente carnes, toicinhos e biscoitos, e tudo a preços exorbitantes. Eu ficava muito irritado, porque os pobres trabalhadores tinham que suportar isso. Tudo bem se pelo menos ele fornecesse boa mercadoria; mas nem isso: a qualidade dos produtos era tão ruim que havia reclamações a todo instante.

Então um dia veio até mim uma comissão dos trabalhadores e trouxeram um pacote de roscas. Elas estavam emboloradas, duras e eram feitas de farinha de milho mofada ao invés de farinha de trigo. Recebi a encomenda e pensei em dar uma lição no amigo Thaty. Como eu sabia que ele iria à cidade com o trem e precisaria voltar hoje, convidei-o para o café. Ele aceitou, pois lhe interessava se dar razoavelmente bem comigo. Botei, então, as tais roscas em uma travessa coberta, e comeu-se e bebeu-se. Thaty, que era um grande gourmet, já estava cobiçando a travessa; finalmente não pode mais suportar sua curiosidade e pediu licença para poder destampá-la. Eu concordei, e ele abriu-a, mas fechou tão rápido como se tivesse sido picado por uma cobra.

“Pelo amor de Deus, o que é isso?”.

“Estas são as roscas que o senhor vende aos pobres trabalhadores, senhor Thaty!”.

Por um momento ele perdeu a calma, erguendo-se então cheio de gravidade.

“Senhor Roberto, eu não sei como posso agradecê-lo. Já há muito tempo tenho suspeitado do malandro do meu padeiro, mas agora botarei o rapaz na rua imediatamente!”. Falou e deixou minha casa, cheio de empáfia. O patife não era de se assustar.

Thaty fez todos os negócios possíveis e se fosse somente um pouco mais honesto, faria também uma boa fortuna; mas a honestidade era contra a sua natureza. Tanto fez, que logo não tinha mais crédito e seus credores o caçavam. No estado do Paraná há um grande negócio com erva-mate para fazer; os atacadistas adiantaram algum dinheiro ao comprador. Naturalmente nosso amigo também recebeu uma boa parte do pagamento adiantado, mas não forneceu o mate. Então o representante dos investidores veio e exigiu energicamente o fornecimento.

“O que você quer?” Disse Thaty. “Venha comigo à estação, lá você verá!”

Os dois saíram. Aqui por acaso estava sendo carregado um vagão com a erva do Thaty.

Ele parou diante do diretor da estação e perguntou-o: “Diga-me, meu caro, de quem é este mate?”.

“Isso está sendo carregado para o senhor!”

Agora Thaty foi até o representante:

“Veja meu caro, este é o mate que o senhor receberá!”

Satisfeito, o homem voltou ao seu hotel.

Mas houve nesses dias uma grande falta de erva, então negociantes e compradores apareceram por ali como moscas. Um deles chamou nosso amigo e perguntou se ele não faria negócios. Thaty concordou, mas só venderia a vista e por acaso tinha um vagão carregado na estação. Então foram juntos; mas o comprador chamou-o para um canto e deu-lhe o dinheiro somente quando viu a nota da mercadoria preenchida na mão do

diretor da estação. Um terceiro comprador, que era um “homem de negócios” como Thaty, tinha visto tudo e se aproximou de dele.

“Venda para mim o seu mate!”

“Já está vendido!”

“Não faz mal, o homem não tem o recibo de transporte preenchido e assinado pelo funcionário na mão. Nós vamos até a estação, e o senhor diz que se enganou!”

Thaty olhou admirado para o homem, concordou, e então avançaram até a estação onde descobriram que a nota da mercadoria ainda não estava registrada nos livros. Assim ela foi destruída, pois Thaty declarou ter se enganado, e isto foi confirmado com uma nota de 20 mil réis na mão do funcionário. O terceiro comprador recebeu a nota certa assinada e Thaty recebeu pela terceira vez o dinheiro pelo mesmo mate. Os enganados praguejavam, e todos os outros riram. Thaty foi novamente o herói do dia.

Mas uma vez ele se deixou apanhar, apesar de toda sua esperteza. E mesmo que não precisasse sangrar de forma pecuniária, sangue verdadeiro correu. Isso começou da seguinte maneira: Thaty tinha um contador, italiano também, mas não napolitano e sim calabrés e estes são conhecidos por não deixarem fazer brincadeiras com eles. Os negócios de Thaty não iam tão bem, e nada mais certo do que começar a economizar, e principalmente em casa! Conforme esse louvável princípio, nosso amigo ficou devendo a parte do seu empregado por um, dois, três meses, e por isso havia frequentes brigas. Tudo mais que acontecia entre ele e o contador, só os próprios envolvidos sabiam. Mas um dia a bomba estourou e vimos o contador correr porta afora, sem chapéu, Thaty atrás dele com o revólver na mão, atirando pra cima e fazendo o calabrés correr cada vez mais rápido. Então nosso amigo ficou satisfeito com sua demonstração de coragem, retornou ao seu escritório e sentou-se exausto em sua cadeira. “Porém, com os poderes do destino não se pode tecer uma união duradoura!” Já disse Schiller;<sup>26</sup> e nesse caso foi o calabrés que, com passos de

---

<sup>26</sup> Citação da clássica balada “Das Lied von der Glocke”, a Canção do Sino, escrita por Schiller em 1799. (NdT)

gato, entrou no escritório. Thaty estava sentado, de costas para ele, bem à vontade em sua cadeira e se sacudia todo com uma risada, o destino se aproximava. Com um pulo de tigre o contador estava junto dele, enrolou um emaranhado de cabelos na mão, puxou a cabeça dele para trás e enterrou seus dentes no grande nariz do seu adversário. Um terrível grito, um pulo de costas, uma cuspada do calabrês, um salto de Thaty até o revólver, um estalo do gatilho, mas as balas já tinham sido disparadas e, rindo de alegria, o calabrês tomou seu caminho. Thaty jogou o revólver fora e correu para a bacia d'água para lavar seu nariz; mas a dentada foi bem profunda; o calabrês contou depois que ele queria arrancar todo o nariz, mas a coisa era muito grande. Thaty precisou chamar o médico e ficou em casa gemendo de raiva e dor. Nós ouvimos falar do ocorrido no mesmo dia, e não havia ninguém que tivesse pena do rapaz. Eu arranjei no dia seguinte um trem de serviço que teria de passar pelo campo de batalha. Descemos diante da casa. Thaty, que ouvira o barulho do trem, veio ao nosso encontro, mas já acenando de longe com a mão gritou nervoso: “Não riam, só não riam, senão vou ter que rir também e ele vai arrebentar de novo!” Mas quando vimos o homem com o nariz muito inchado e com o esparadrapo branco colado, desatamos a rir sem parar. Ele parecia um palhaço, com aquele nariz enorme. Thaty fez só um som na garganta, envolvendo seu generoso nariz, e virou-se de costas para nós, tentando reprimir sua risada incomoda. Então fomos até a casa onde o consolamos com muita zombaria. Enquanto nos dirigíamos à casa o engenheiro chefe disse: “Está é a primeira vez que poderemos rir por último; até agora sempre o Thaty que ria por último!”

## Perigosa viagem de trem

Você conhece o balanço russo? Eu nunca estive na Rússia e nunca vi tal coisa aqui na Alemanha; mas deduzo, de acordo com a ilustração, que se desça com algum veículo uma planície inclinada e então por um pequeno trajeto plano, para subir novamente o morro com o impulso acumulado, até a força se esgotar.

No Brasil, utilizávamos esses balanços russos na construção da estrada de ferro com grande frequência e demos-lhe o nome análogo “balanço russo”. Do ponto de vista técnico estes tipos de peças no traçado de uma ferrovia são um grande erro. Ao invés de deixarmos que um trem suba muito, para inutilmente fazê-lo descer uma longa distância e depois subir novamente, dever-se-ia, pela lógica, tentar fazer um desvio dessa primeira elevação. Dessa forma, teria sido atingindo um percentual de elevação menor e não se teriam descidas perdas.

Mas quem se interessa por essas belas questões teóricas! O lema era avante, em todo o caso, tão rápido quanto possível! Todo o resto era mais ou menos irrelevante. Assim que a estrada for liberada para o tráfego, as consequências desse traçado negligente aparecerão e os construtores da ferrovia serão bastante xingados. Mas quando o desenho da ferrovia havia terminado e a construção estava em andamento – puxa, que divertidos eram a vida e o trabalho! Primeiro as obras do aterro ficaram prontas, depois foram postos os trilhos e o trem auxiliados traziam sempre novos materiais, do tipo trilhos e dormentes.

Quando era um jovem mestre de obras, encontrei-me na locomotiva de um desses trens; nós trazíamos cinco vagões carregados com trilhos

pelo campo acidentado. Era uma viagem agradável. O sol estava brilhando maravilhosamente sobre nosso caminho, o céu mostrava um belo azul, e a velha locomotiva sacolejante (tipo *Mogul*), não parecia tão suja como de costume na claridade do sol. O condutor era o nosso velho Chico Paraguai. Na verdade ele tinha outro nome, mas por ser paraguaio, recebeu esse apelido. Ele era pequeno, forte e tinha uma pele com uma bela cor de chocolate. Além disso, era um dos nossos melhores condutores e sabia ajudar nas situações mais difíceis.

Ele sorriu amigavelmente para mim e disse: “Senhor Roberto, quero lhe mostrar uma coisa agora, como se economiza carvão para a empresa. Nós logo chegaremos ao balanço russo do Rio das Mortes e lá o senhor deverá verificar! O senhor verá que desceremos toda a primeira queda sem freios e então como o vento nos levará ao outro lado da subida sem que eu precise usar uma única vez o vapor; somente com o impulso nós subiremos novamente”. – “Chico”, eu disse, “Você só esqueceu duas coisas: primeiro, que é proibido descer sem utilizar os freios, e segundo, que depois da segunda subida há uma descida forte depois do Rio das Mortes! E se chegarmos ao topo com mais impulso do que pensamos, então não conseguiremos fazer o velho e fraco trem parar e cairemos no Rio das Mortes, se não descarrilarmos antes”.

“Mas senhor Roberto, eu bem conheço minha máquina!”, retrucou o condutor e bateu com carinho na parede da caldeira. Eu acreditava ter feito minha obrigação, quando o avisei, e, além disso, mesmo estava um pouco curioso para saber como se sairia a viagem.

Nos aproximávamos da primeira descida. Chico me olhou malicioso, e logo que sentimos que íamos morro abaixo, ouviu-se o curto apito da locomotiva, o sinal: “soltar freios!” Os dois guarda-freios, que acionam os freios do trem com suas manivelas, olharam para cima surpresos, mas mesmo assim soltaram os freios. O trem tomava cada vez mais velocidade e nós íamos tão rápido que os trilhos faziam um barulho quando os vagões passavam; em menos de um minuto também já tínhamos passado para o outro lado da subida. “Viva!” Exclamaram os guarda-freios, e Chico gritou

vitorioso para mim: “Bom, não?” “Freie, freie!” Sussurrei, mais do que gritei; pois eu tinha a sensação de que a velocidade que nós estávamos era muito grande.

“Tranquilo!” Acalmou Chico. Ele colocou, completamente sossegado, a alavanca de comando para frente e puxou a do freio, uma duas, três vezes, mas não funcionou. Deu o estridente sinal duplo para os guarda-freios, mas estes já tinham começado a puxar os freios. Visto que eles não estavam sendo apoiados pela locomotiva e em dois eram muito fracos para controlar cinco vagões naquela velocidade, então a freada foi quase imperceptível. Finalmente funcionaram também os freios da locomotiva.

“É que a água condensou no cilindro do freio a vapor”, disse Chico, aparentemente tranquilo; mas parecia pálido de medo, pois a rapidez aumentava a cada instante. É coisa sabida que freios puxados de leve esquentam demais, ficando até incandescentes quando as rodas giram muito rápido e então não desempenham sua função. Chico mexeu na alavanca de controle, colocou-a em ponto morto e até levantou um pouco as barras radiais, colocando em marcha a ré. Seu rosto estava desfigurado, o maxilar bem pra frente, o olhar febril dirigido à alavanca. A velocidade crescia mais e mais. Os trilhos que carregávamos faziam barulhos como se tivessem vida. Nós ouvimos o ranger abafado dos freios; nosso fogueiro, com o rosto coberto, dedicou-se ao tênder<sup>27</sup> entre o carvão; eu, no meu desespero, puxei o mísero freio de mão do tênder, tão forte quanto pude, embora soubesse que fosse em vão. As valas passavam zunindo, mal passamos por uma já estávamos na próxima. Lá está a ponte sobre o Rio das Mortes! E voamos sobre ela na forte curva à esquerda. “E se descarrilarmos agora”, pensei e imagino o pior, “então a terrível carga criará vida! E se o trem parar, ela saltará, os trilhos vão voar pelo ar, vão cair sobre nós, vão nos esmagar!”

Um som oco me fez olhar para cima. Estávamos sobre a ponte do Rio das Mortes, passamos no limite e a segunda ponte, que passa sobre o Rio

---

<sup>27</sup> Vagão do carvão e da água. (NdT)

dos *Papageios*, estava próxima. O terreno é plano, e à esquerda dá pra ver um banhado. Eu olhei pra cima. Três urubus voavam em círculos. Eles são os arautos da morte? Quando virão nos buscar?

Sobre a segunda ponte fomos como um raio, e a deixamos para trás. Agora vem a curva para a esquerda. Eu olhava e olhava. Será que daremos contra as rochas das valas?

Então olhei para o maquinista. Mecanicamente ele colocou a alavanca de direção em subida, e veja só, a velocidade está diminuindo! Fomos ainda dois quilômetros morro acima sem vapor, e depois o trem parou – estávamos salvos. Nos olhamos aliviados. Eu queria dizer algo sublime, mas não encontrei as palavras e só olhei para o Chico. Este limpou o suor da testa; sorriu marotamente e disse: “eu o saúdo, senhor Roberto! Hoje nós nascemos de novo, pois na verdade já estávamos mortos!”

## Senhor Manducca

O velho fazendeiro João de Oliveira Muniz Manducca estava em pé escorado em um poste do portão de seu pátio e olhava distraidamente rua abaixo, banhada de sol. Ele ainda era um homem da velha escola, segundo a qual no Brasil ainda reinava o respeito e a cortesia entra as pessoas; não como hoje, que os jovens imaginam poder permitir-se tudo.

Seu olhar aguçado observava um ponto que lentamente se aproximava. Era um homem a cavalo. Manducca reconheceu primeiro a marcha do cavalo, ainda antes de poder distinguir bem o próprio cavalo, então reconhece as cores e estatura, e por fim, ele viu também a criatura secundária que estava sentada em cima. O cavalo tinha uma “marcha *trot-teada*” muito boa, era um tobiano, os arreios guarnecidos com alpaca e o homem a cavalo parece vindo de uma das cidades; pois seu traje era tão elegante, seu rosto tão pálido, seu olhar tão sem interesse e voltado para a frente que o mesmo não pareceu nenhuma vez observar o senhor Manducca que continuava alto e magro escorado no portão de seu pátio. “Desculpa senhor”, falou Manducca e ficou parado a três passos e meio em frente ao cavalo; “teria a grande bondade de me deixar experimentar um momento?” o forasteiro puxou as rédeas e olhou admirado para o rosto curtido pelo sol do interlocutor; mas ele deve ter lido algo no olhar fixo, de modo que pareceu-lhe aconselhável atender seu pedido de livre e espontânea vontade; também a bela pistola de caça de cano duplo que o solicitante carregava no cinto fez parecer conveniente não causar transtornos. Lentamente o homem desceu do cavalo e deu as rédeas ao velho. Este num instante sentou na sela e sob sua mão hábil o cavalo saracoteou

ao longo da estrada. O cavaleiro apeado lentamente tirou um pequeno revólver do bolso de trás da calça e meteu no bolso lateral de seu casaco. O senhor Manducca fez o cavalo virar depois de cem passos, passou pelo seu dono troteando ligeiro, gentilmente levantou seu chapéu e gritou: “*Bon dia, senhor Manducca!*”, então virou o cavalo novamente e outra vez acentuou o seu “*Bon dia, senhor Manducca!*” e assim três, quatro vezes. Então se deteve ao lado do forasteiro, saltou da sela, entregou os arreios com um rápido agradecimento e, mirou o homem desafiadoramente e disse: “Agora você sabe como deve se comportar quando vier cavalgar por aqui? E eu lhe digo como amigo que eu vou lhe matar a tiros como a um cachorro louco se o senhor se atrever a cavalgar por aqui de novo sem cumprimentar!”. O forasteiro pensou em seu pequeno revólver no bolso do casaco, na enorme pistola no cinto de Manducca, na firmeza com que o velho saltou da sela e tirou cordialmente seu chapéu, ofereceu desculpas ao senhor Manducca e tocou adiante sem uma única vez olhar para trás.

Uma outra vez, trovejava e relampeava. A chuva batia no telhado. Manducca estava sentado ao fogo. Um chamado ressoou: “Ó, dono da casa!” Um homem a cavalo estava parado em frente ao portão e perguntava se poderia ficar para passar a noite. Ele foi atendido. Entrou encharcado e meio encarangado. “Minha casa é a sua casa!” falou Manducca com uma hospitalidade tipicamente brasileira e conduziu o forasteiro ao fogo acolhedor para que pudesse se aquecer. Então uma toalha branca foi estendida sobre a baixa mesa: feijão preto, arroz, farinha de mandioca, abóbora, leite, carne de porco, enfim, tudo o que a casa podia oferecer foi silenciosamente trazido pelas mulheres. O forasteiro sentou-se à mesa e remexeu em volta da comida; pegou só um pouco, pois estava fatigado e não tinha apetite. Manducca oferecia ainda a ele uma coisa e outra, mas o forasteiro agradecia. O olhar de Manducca ficou cada vez mais sombrio. O forasteiro limpou a boca na toalha da mesa e encostou-se para trás. Manducca levantou-se silenciosamente, puxou a sua pistola dupla da parede, colocou-a em frente a si sobre a mesa e com uma calma

inquietante disse: “A minha comida não lhe apeteceu muito?” O forasteiro olhou apavorado a arma e garantiu que havia apetecido excelentemente.

“E agora por que o senhor não come se lhe apeteceu tanto?”

O forasteiro garantiu que não tinha fome. “Pois eu não acredito nisso!” interrompeu agora Manducca. “O Senhor insulta a minha casa, se não presta honra a ela! E agora vou lhe ensinar a se comportar, agora coma tudo o que está em cima da mesa; senão vou descarregar o chumbo na sua barriga e vamos ver como ela digere isso”. O forasteiro implorou e lamentou-se, mas tudo em vão. O olhar rígido de seu algoz não o largava; ele começou a comer novamente, e comia, e comia e se esforçava por fazer descer tudo. E quando os pratos começaram a ficar vazios, Manducca se tornou amigável, então bateu afetuosamente no ombro de sua vítima e opinou: “Eu sabia que o senhor estava só fingindo! Vê agora como ela lhe apeteceu? E a mais corriqueira cordialidade exige que se coma o que hospitaleiramente é oferecido de bom coração por alguém”.

No dia seguinte de manhã cedo quando o forasteiro seguiu caminho, ainda trocou algumas palavras cordiais com o seu querido estalajadeiro, mas, quando chegou na próxima cidadezinha, quase caiu do cavalo em função das dores, precisou ficar de cama, chamar o médico e só depois de três semanas ele estava restabelecido para que pudesse continuar sua viagem.

## Os cumprimentos no Brasil

Todos sabem como cumprimentamos aqui na Alemanha. Tiramos o chapéu respeitosamente, conforme a dignidade da pessoa a que nos dirigimos. Sim, podemos considerar diretamente o braço que cumprimenta como o indicador, um manômetro que sobe ou desce de acordo com o apreço que se tem.

Se nos encontramos com a dona de nosso coração, então o braço abaixa e cumprimenta vigorosamente e precisamos segurar firme o chapéu, de modo que ele não escorregue da mão em um impetuoso abano; se vemos uma velha tia e temos direito a alguma herança quando ela for desta para o melhor, então o ponteiro do manômetro do cumprimento cai lá no fundo, mas falta o audível e alegre abano, que proporciona a solenidade do referido ato de saudação. Se nos deparamos com o diretor de uma escola secundária, então estendemos o braço não tão profundamente, mas mais à frente, permanece-se assim como congelado em reverência por um segundo e então voltamos a cabeça. Em um encontro com o papai, balança-se o braço lentamente para os lados, para curvar de volta com um ligeiro contragolpe para a posição inicial. Diante de um amigo, ele fica de lado com um ligeiro toque para trás, como se ele quisesse dar um abraço. Se vemos nossa senhoria, e não lhe devemos o aluguel, então damos um leve toque no chapéu, como se quiséssemos abrir e fechar a tampa de um caneco de cerveja. Mas se encontramos o agiota e não temos nenhuma promissória com ele, então apenas seguramos a aba do chapéu ou pegamos um ventinho na cabeça. Mas sempre, e isto é típico europeu, levantamos o chapéu da cabeça.

Muito diferente acontece com os cumprimentos no Brasil. Pode-se pensar que, para o calor que faz, o chapéu é uma irritante peça do vestuário deixada de lado. Longe disso! Contrário ao que se espera, o chapéu sempre é levado sobre a cabeça, semelhante a nossos conterrâneos. Se alguém viesse caminhando com o chapéu na mão, seria tido no mínimo como um pouco maluco. Se um homem tira seu chapéu da cabeça com o conhecido ímpeto europeu, é infalível: “Este deve ter imigrado a menos de uma semana!”

Cumprimenta-se no Brasil, ao mesmo tempo em que apenas se toca com o indicador o chapéu, o que resulta em um movimento semelhante à saudação militar, ou segurando um pouco a aba do chapéu com o polegar e o indicador, dependendo do grau de respeito. As mulheres devem ser cumprimentadas levantando o chapéu verticalmente e não muito alto. Mas, pode-se indagar, como conciliamos este tipo de cumprimento com a tão propalada gentileza dos brasileiros? Calma! Há ainda muitas outras formas, que completam a saudação com o chapéu. O forte aperto de mão tem muita importância. Assim que se encontra um conhecido e este estiver em um momento de tranquilidade – e os brasileiros têm muitos momentos assim! -, então, segura-se a aba do chapéu com a mão esquerda, inclina-se a cabeça um pouco para a direita e se sorri com simpatia e se estende as mãos para um forte, quase gigantesco aperto de mãos. Sabe-se que os norte-americanos dão grande importância nesse ponto; contudo, meu chefe estadunidense afirma que nisso os brasileiros são mais exagerados.

Se duas pessoas não se veem há realmente muito tempo ou despedem-se antes de uma ausência prolongada, só apertar as mãos longamente não é suficiente. Então também se abraçam. E isto não basta! Com a mão, que fica sobre as costas do outro, bate-se nas costas como se o infeliz estivesse meio engasgado com um osso e se deve ajudá-lo a retirá-lo. Mulheres se abraçam e se beijam em ambas as bochechas, o que, diante da graça natural das brasileiras, é muito agradável de se ver. Se na estação de trem ou navio é dado o sinal de embarque, vê-se cenas muito engraçadas. De repente, vemos as pessoas se abraçando e batendo tapinhas nas costas.

Como o brasileiro faz muita questão que todos os conhecidos e subalternos estejam presentes em um bota-fora, o viajante migra de um braço a outro e conscienciosamente dá os tradicionais abraços.

Quando eu era diretor da Ferrovia Teresa Christina, presenciei um episódio bem sucedido de saudação. A estradinha de ferro se distanciava apenas cento e vinte quilômetros da costa em direção ao interior e tinha dez estações e dezenove paradas! Se a pitoresca locomotiva chegava a entrar em movimento, precisava então interromper seu caminho triunfal em uma singela estação. Contudo, essas paradas não eram equipadas com plataforma ou telhado, mas surgiam apenas como uma simples e quase invisível placa, que trazia o nome da parada. Chegamos na estação de Água Clara... “Tu, tuuu! Fez a convencida máquina e parou. Um fazendeiro com barba branca e ondulada parou com uma boa porção de seus conhecidos ao lado do referido poste. E então começou o cerimonial de despedida! Ele estendeu sua mão ao próximo e.... se abraçaram!... Ambos se deram tapinhas nas costas. Então, passou ao segundo com mais intensidade. A mesma manobra! E ameaçou ir em frente. Fiquei bastante assustado quando vi a longa fila de pessoas a se despedir. Finalmente pulei de meu vagão de serviço, levantei o chapéu e perguntei: “Pois todos esses senhores vieram para dizer adeus da mesma forma?”

“Mas naturalmente!!!”

“Se isso é tão natural para vocês, para mim não é!” Disse e me dirigi ao maquinista ordenando: “Parta agora!”

Então o velho olhou para mim muito irritado, todos seguiram seu exemplo e, finalmente, ele deu lugar ao desagrado com as palavras: “Oh, que *allemão* desgraçado, que sequer permite que eu me despeça de meus amigos!”

Após essa raiva impotente, ele subiu no trem rapidamente, o que foi possível com uma boa ajuda dos conhecidos, o cavalinho de ferro movimentou-se em câmera lenta e ele embarcou com segurança. Mas ele nunca me perdoou pela grande violação das boas maneiras nas despedidas dos amigos.



## Russos

Eu sou um dos muitos que mal pode entender como é possível o regime soviético se manter já há mais de uma década na Rússia. Como eu nunca estive na Rússia, também não me cabe fazer um julgamento sobre o caráter do povo russo, ainda mais agora que o gigantesco território abrange as mais diversas raças e grupos étnicos; mas me é permitido contar um episódio que vivenciei e que talvez seja típico.

Na construção de nossa estrada de ferro foram contratados trezentos russos que tinham vindo direto de Odessa e cabe assinalar: antes da Grande Guerra!<sup>28</sup> Eram belas figuras altas com olhos de um azul claro e maneiras calmas. No entanto, não gostavam do trabalho e da comida. Depois de pouco tempo, nenhum deles apareceu mais no canteiro de obras. Acamparam na última estação em volta das cantinas, e em função de lá não haver ranchos suficientes, sem delongas eles ocuparam os vagões de carga vazios e lá firmaram residência. Mas os vagões se tornaram necessários e em vão os funcionários da estação lograram expulsá-los de lá. O intérprete conversou e praguejou. Tudo inutilmente! Pelas pernas eles foram retirados dos vagões sem que pudessem resistir, mas entraram de novo arrastando-se pelo outro lado, tão logo nossos homens se afastaram.

Eu era chefe de setor e o diretor norte americano mandou me chamar e me encarregou de tomar os vagões de um jeito ou de outro. “Está bem!” disse eu. “Mas para levar o pessoal, eles devem antes de qualquer coisa ser pagos”. Ele também compreendeu isso e colocou dinheiro e o tesoureiro à

---

<sup>28</sup> Refere-se obviamente a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) pois no momento da redação de seu livro ainda não ocorrera a Segunda Grande Guerra (1939-1945). (NdH)

minha disposição. Entretanto, eu quebrei a cabeça pensando em como poderia fazer para atrair os caras para fora dos vagões. Em todo caso, peguei uma dúzia de meus guarda-freios, todos mulatos, com os quais se podia buscar o diabo do inferno, para empreender a viagem comigo, deixei o bando ir na frente e investigar uma vez mais se eles não carregavam facas e fui no dia seguinte com os trens regulares. Além do tesoureiro, encontrava-se ainda em meu trem de serviço um polaco que falava muito bem russo e que serviria como intérprete. Eu meditei e refleti sobre como eu poderia começar a tirar os sujeitos dos vagões, mas nada me ocorreu, até que, no café da manhã, pois a viagem durou o dia todo, o tesoureiro me perguntou irônico sobre o encaminhamento que teria para o assunto. E então, de súbito, me veio a solução. Mas eu não disse a ele, e sim fiz tudo secretamente. Em uma das estações, onde nós fizemos uma parada mais longa, chamei o meu bando de mulatos e dei as seguintes instruções:

“Quando nós chegarmos em Porto da União, posicionem-se logo nos vagões! Eu vou pegar os russos, mas somente se eles se distanciarem imediatamente dos vagões. Então vocês jogam para fora eventuais russos junto com a bagagem que ainda deverá estar lá, fechem os vagões, encaixem um ao outro e a locomotiva os levará lentamente sobre a grande ponte do Rio Iguaçu de onde eles serão empurrados para o desvio provisório. Depois ocupem a entrada da ponte e não deixem nenhum russo atravessar! Tudo deve acontecer silenciosamente. Vocês devem meter um porrete curto na perna da calça para que o tenham à mão, mas não devem levar navalhas, com as quais o seu bando tão bem trabalha. Vocês me entenderam? Agora vão calmamente para os seus vagões e não falem com ninguém para que nossa festa não seja estragada”.

A resposta foi um sorriso geral, e calmamente eles se afastaram. Isto era uma tarefa do seu agrado, eu sabia que podia confiar nos rapazes. Mas quando o trem chegou em Porto da União, a plataforma da estação estava quase toda ocupada pelos russos, de forma que somente com algum esforço eu consegui descer. Mas ir adiante não era possível, pois os russos formavam como que uma muralha viva. Eu gritei para eles:

“Abre-se!” Ninguém se mexeu. Na esperança de que alguns dos presentes entendessem alemão, gritei: *“Ihr Hornochsen, lasst mich durch!”*<sup>29</sup> O resultado foi o mesmo, os olhos azuis e estúpidos fitavam sem compreender. Aquilo me enfureceu e eu dei um merecido golpe no estômago do que estava mais próximo. O homem entendeu aquilo que pareceu ser a palavra mágica com a qual eles estavam habituados. Com voz alta ele grasnou algumas palavras em russo e na mesma hora se abriu um estreito caminho através do qual pudemos ir até o escritório. Eu estava muito satisfeito quando vi que o tesoureiro, que vinha atrás de mim, havia felizmente chegado com seu ouro; pois, como foi dito, eram gigantes na forma; todos estavam uniformemente vestidos com velhas fardas militares acinzentadas.

Através do intérprete, mandei anunciar que o pessoal iria receber o pagamento atrasado, mas só com a condição de que os vagões de carga fossem desocupados dentro de dez minutos. Num instante a multidão se evaporou e da mesma forma reapareceu pontualmente depois dos estabelecidos dez minutos. Ao mesmo tempo apareceu um dos meus mulatos e me comunicou que todos os vagões estavam desocupados. Portanto, mandei o pagamento ter início, sabia que minhas ordens de remoção dos vagões prontamente seriam realizadas. O pagamento prosseguiu e por fim o intérprete precisou fazer um discurso fulminante e exortar o pessoal a retornar ao trabalho. Para espanto geral de todos, eles declararam que estavam dispostos a isso sem problemas e fui para minha estalagem almoçar com a alma leve. No entanto, nós ainda não havíamos terminado a sopa quando um mensageiro chegou correndo para avisar que o pessoal tinha mudado de opinião e agora não queriam mais trabalhar, mas sim serem levados de volta para a Rússia. Com passo rápido, voltou-se para a estação e passamos então a conversar, xingar e debater e, finalmente, o intérprete, banhado em suor, anunciou que havia acalmado os ânimos novamente e que o pessoal queria voltar ao trabalho. Novamente voltou-se para o

---

<sup>29</sup> “Seus estúpidos, deixem-me passar!” (NdT)

almoço. Mas ainda antes que o assado fosse consumido, o mensageiro de más notícias chegou correndo mais uma vez e informou que a opinião havia mudado novamente e que o pessoal absolutamente exigia ser transferido até o próximo porto. Com um palavrão, levantei num pulo; eu já tinha enviado um telegrama radiante e informado do meu sucesso. Então mais uma vez de volta e de novo se conversou e negociou, até que o intérprete ficou rouco e não proferiu mais palavra. Mas foi tudo em vão, eles não queriam mais nada mesmo; como um bando de mulas teimosas que ora vão para um lado, ora para outro e quando dá na telha, de volta para o primeiro. Mas agora os vagões eles também não receberiam mais, pois já haviam sido removidos; e no trem eu não deixei ninguém embarcar sem bilhete; e para isso meus mulatos mantinham uma guarda fiel. Dos trezentos homens somente quinze retiraram passagem; os outros marcharam a pé ao longo da linha férrea até Curitiba, a capital do Estado, mais de quinhentos quilômetros, e lá se instalaram na rua em frente ao consulado austríaco (lá não havia um consulado russo) e acamparam dia e noite e pediam para serem enviados de volta a Odessa. Quando a polícia avançava sobre eles, ajoelhavam-se, levantavam as mãos, pediam e imploravam e finalmente também foram um pouco para o lado, mas tão logo os soldados se foram, eles se puseram de volta lá; de modo que por fim houve uma irritação pública e o governo do Estado solicitou a nossa companhia ferroviária que o pessoal fosse removido. A empresa havia trazido os russos do Rio de Janeiro para o Paraná, e deveria, portanto, providenciar para que o bando fosse despachado. A companhia não estava diretamente obrigada a isso, mas tinha interesse em manter boas relações com o governo estadual; e até mesmo o governo federal concordou energicamente com a solicitação do governo estadual, de modo ela se viu incumbida de fretar um pequeno vapor e por fim mandar todo o grupo diretamente de volta para Odessa; pois outros países também se recusaram a deixar os vagabundos desembarcar. A brincadeira custou à empresa a ninharia de 50.000 marcos

Depois desse episódio e de acordo com o que ouvi ou li, formei a imagem de um russo apático, influenciável, ultraconservador, cegamente

submisso ao *Pope* e ao *Czar*, simpáticos à revolução, mas nunca por muito tempo. Eu considerava o regime soviético como uma planta estrangeira que seria varrida, se o sopro abafado do cotidiano dos russos soprasse continuamente sobre ela. Quanto me enganei! Ano após ano, ela segue e a bandeira vermelha ainda flutua.

Expus meus pensamentos a um amigo, médico russo, e perguntei a ele se poderia dar uma explicação para isso. Ele sorriu – era o mesmo sorriso apático-amigável, típico aos russos – e me perguntou se eu nunca tinha pensado a respeito do fracasso da contra revolução do general Denikoff, que recuou quarenta *verstas*<sup>30</sup> próximo a Moscou.<sup>31</sup> Não tinha conhecimento que os soviets repartiram todas as terras de grandes proprietários entre os pequenos lavradores? Respondi afirmativamente.

“Então, o que mais o senhor quer?”, disse ele cansado. “Pois então o senhor não vê que unicamente essa divisão de terras segura os soviets? Leia Tolstoi, ele tinha uma ideia dessa sede de terra do povo russo! Denikoff precisou retroceder quando estava a quarenta *verstas* de Moscou, porque ele queria restituir aos velhos senhores a posse de suas terras. No dia seguinte, metade de seu pessoal o abandonou. O mais óbvio não se vê e um europeu ocidental nunca irá compreender a alma do povo russo!”

---

<sup>30</sup> Medida arcaica empregada na Rússia, equivale a 1,067 km. (NdT)

<sup>31</sup> A grafia Denikoff deve-se a um equívoco de Helling. Trata-se de Anton Ivanovitch Denikin, um dos generais que, após a Revolução Russa de 1917, comandou as forças contrarrevolucionárias. Vide BRINCLEY, George. **The Volunteer Army and the Allied Intervention in South Russia, 1917-1921: A Study in the Politics and Diplomacy of the Russian Civil War**. Notre Dame: University of Notre Dame, 1966. (NdH)

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
**[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)**